

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LINDA OSIRIS GONZÁLEZ CÁRDENAS

MBYÁ GUARANI E TURISMO NA TRÍPLICE FRONTEIRA:
TENSÕES E REPRESENTAÇÕES TURÍSTICAS SOBRE “O GUARANI”

CURITIBA

2018

LINDA OSIRIS GONZÁLEZ CÁRDENAS

MBYÁ GUARANI E TURISMO NA TRÍPLICE FRONTEIRA:
TENSÕES E REPRESENTAÇÕES TURÍSTICAS SOBRE “O GUARANI”

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Antropologia, no Curso de Pós-Graduação em Antropologia, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Lorenzo Gustavo Macagno.

CURITIBA

2018

Catálogo na publicação
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

González Cárdenas, Linda Osiris

Mbyá Guarani e turismo na tríplice fronteira : tensões e representações
turísticas sobre “O Guarani” / Linda Osiris González Cárdenas. – Curitiba,
2018.

160 f.

Orientador: Prof. Dr. Lorenzo Gustavo Macagno

Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

1. Aldeia Mbyá Guarani – Turismo – Antropologia. 2. Índios Mbyá Guarani.
3. Foz do Iguaçu (PR) – Fronteiras - Turismo. 4. Turismo – Aspectos
antropológicos. I Título.

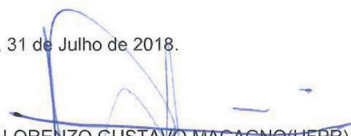
CDD – 980.4162

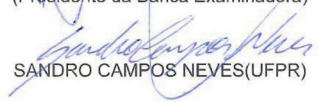
TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ANTROPOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **LINDA OSIRIS GONZÁLEZ CÁRDENAS**, intitulada: **MBYÁ GUARANI E TURISMO NA TRÍPLICE FRONTEIRA: TENSÕES E REPRESENTAÇÕES TURÍSTICAS SOBRE 'O GUARANI'**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 31 de Julho de 2018.


LORENZO GUSTAVO MACAGNO(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)


SANDRO CAMPOS NEVES(UFPR)


RODRIGO DE AZEREDO GRÜNEWALD(UFCG)

AGRADECIMENTOS

Numa trilha difícil de andar sempre é relevante reconhecer àqueles que nos auxiliaram a transitá-la, principalmente no universo da pós-graduação, que sempre resulta tão desgastante física, mental e emocionalmente.

Agradeço a minha família, que desde muito longe sempre me acompanhou e me animou a continuar crescendo, apesar das diferenças de pensamento e de ação. Afinal, todo o transitado até agora nesta trilha tem sido por eles: Carmenza, Alvaro, Andrés, Ivonne, Javier, Juan Andrés, Oscar, Teresa.

Aos meus amigos, que desde perto me ajudaram a esquecer dos 3.000 quilômetros existentes até casa. Meus “velhos amigos”, com os que embarquei ao Brasil sem um rumo muito definido, e que motivaram e acompanharam meu ingresso e transição à pós-graduação: Tatiana, Lorena, Isnel, Andrés, Alejo, Pacho, Daniel, Checho, Clóvis, Miriam, e Danielle. Agradeço também aos meus “novos amigos”, que me receberam e possibilitaram minha vida em Curitiba: Val, Queops e Arthur. Aqui, também estão aqueles que me acolheram no mundo da pós-graduação, meus colegas e amigos de mestrado com os que compartilhei conversas, aulas, intervalos e botecos. Principalmente, agradeço a Maria, Michelle, e Taisa por terem acompanhado de perto este caminho. Sem seu apoio e carinho incondicional não teria sido possível. Por último, quero agradecer aos que apareceram no meio do caminho (mesmo existindo desde o início): a Fabian, por ser o amigo e companheiro desta trilha, e das novas que estão próximas a abrir-se.

Agradeço também a todas as pessoas que possibilitaram o desenvolvimento do meu trabalho de campo: Aos moradores de Jasy Porã, por permitir novamente minha presença na aldeia, e especialmente a Roberto e Lídio, pelas sábias palavras que foram enunciadas em momentos essenciais. Aos professores da escola: Javier, Gabriela, Diego e Carlitos, pelos mates, as conversas, e o entusiasmo que sempre repassaram nas minhas visitas. Finalmente, aos funcionários do Parque das Aves pela abertura, receptividade e acolhimento da pesquisa.

Desejo agradecer aos professores e mestres que participaram na construção desta dissertação. Aos docentes do Programa de Pós-graduação em Antropologia, que de uma forma ou outra contribuíram com suas reflexões para a escrita deste trabalho, e, particularmente, ao meu orientador, por aceitar os difíceis desafios que surgem no próprio processo da orientação. Ao professor Sandro, que, mesmo sem pertencer ao programa, desde o início da pesquisa se dispôs a oferecer o suporte e apoio necessário para o encaminhamento da mesma. Aos membros da banca, que aceitaram atenciosamente o convite, e que geraram observações valiosíssimas para o trabalho e para minha trajetória acadêmica.

Finalmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior - CAPES pela bolsa de estudo outorgada, que definitivamente foi fundamental para minha permanência no programa de pós-graduação, e para o andamento e conclusão desta pesquisa.

RESUMO

O turismo se apresenta no cenário atual de forma imponente, tanto por ser considerado como um elemento fundamental na hora de elaborar políticas públicas, econômicas, sociais e culturais a nível internacional, como por gerar encontros de pessoas de diferentes origens territoriais e culturais, e ainda por sua capacidade de expansão ao surgir em diversos contextos, quando, por exemplo, involucra populações indígenas. Quando a antropologia adota o turismo como objeto de estudo e, principalmente, quando comunidades tradicionais se relacionam com a atividade turística, surgem divergências em termos teóricos, metodológicos e éticos dentro da disciplina. Nesta dissertação pretendemos justamente transitar entre estas tensões e divergências manifestadas pela antropologia, a partir das dinâmicas e interações que são estabelecidas pela multiplicidade de atores que se envolvem no turismo, incluindo os próprios antropólogos como pesquisadores desta realidade. Como contexto próximo será apresentada a Tríplice Fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai, onde se localizam as Cataratas do Iguaçu, e junto com elas, um turismo internacional no qual se envolvem populações Guaraní que moram na região. Pontualmente, partimos da participação na atividade turística da região de alguns membros da aldeia Mbyá Guaraní Jasy Porã, localizada na reserva conhecida como *Selva Iriapú* ou *600 hectáreas* na cidade argentina de Puerto Iguazú. A partir da cojuntura analisada, identificamos que a tensão que o turismo gera na antropologia, e no antropólogo, se estende aos demais atores que participam desta atividade, sejam eles turistas, intermediários ou anfitriões (neste caso os Guaraní).

Palavras-chave: Turismo. Guaraní. Tríplice Fronteira.

ABSTRACT

Tourism currently presents itself in an imperative way as for being a fundamental element to elaborate public, economic, social and cultural policies, at international level, as well as for generating the encounter of people from different territorial and cultural origins, and in addition for its capacity of expansion as it raises in different contexts, when, for instance it involves indigenous population. When Anthropology adopts tourism as its study object and mainly when traditional communities get involved with touristic activities, differences in theoretical, methodological and ethical terms raise into the discipline. In this dissertation we accurately intend to transit among these tensions and differences revealed by Anthropology as for the dynamic and interactions which are established by the multiplicity of actors involved in tourism, including the own anthropologists as researchers of this reality. The Triple Border among Brazil, Argentina and Paraguay will be presented as the surrounding context, where the Iguassu Falls are located and along with them an international tourism in which local Guaraní populations get involved. We punctually start by the participation on the regional touristic activity of some members of Mbyá Guaraní Jasy Porã village, located in the reserve known as *Selva Iriapú* or *600 hectáreas* in the Argentinian city of Puerto Iguazú. From the conjuncture of analysis we identified that the tension that tourism generates in Anthropology, and in the anthropologists, extends to the further actors who participate in this activity, as tourists, intermediaries or hosts (which in this case are the Guaraní).

Key-words: Tourism. Guaraní. Triple Border.

RESUMEN

El turismo se presenta en el contexto actual de forma imponente, tanto por ser considerado como un elemento fundamental a la hora de definir políticas públicas, económicas, sociales y culturales a nivel internacional, por generar encuentros de personas de diferentes orígenes territoriales y culturales, y por su capacidad de expansión al surgir en diversos contextos, como por ejemplo, cuando involucra poblaciones indígenas. Cuando la antropología adopta al turismo como objeto de estudio, y principalmente cuando comunidades tradicionales se relacionan con la actividad turística, surgen divergencias en términos teóricos, metodológicos y éticos dentro de la disciplina. En esta disertación pretendemos justamente transitar entre estas tensiones y divergencias manifestadas por la antropología, a partir de las dinámicas e interacciones que son establecidas por la multiplicidad de actores que se envuelven en el turismo, incluyendo los propios antropólogos como investigadores de esta realidad. Como contexto próximo será presentada la Triple Frontera entre Argentina, Brasil y Paraguay, donde se localizan las Cataratas del Iguazú, y junto a ellas un turismo internacional en el cual se envuelven poblaciones Guaraní que viven en la región. Puntualmente, partimos de la participación en la actividad turística de la región de algunos miembros de la aldea Mbyá Guaraní Jasy Porã, localizada en la reserva conocida como *Selva Iriapú* o *600 hectáreas* en la ciudad argentina de Puerto Iguazú. A partir de la coyuntura analizada, identificamos que la tensión que el turismo genera en la antropología, y en el antropólogo, se extiende a los demás actores que participan de esta actividad, tanto turistas, intermediarios, y anfitriones (en este caso los Guaraní).

Palabras clave: Turismo. Guaraní. Triple Frontera.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – TRÍPLICE FRONTEIRA E ALDEIA JASY PORÃ	18
FIGURA 2 – A TRÍPLICE FRONTEIRA DIVISADA DESDE O LADO ARGENTINO	60
FIGURA 3 – OBELISCOS DAS TRÊS FRONTEIRAS	61
FIGURA 4 – MESQUITA MUÇULMANA OMAR IBN AL-KHATAB EM FOZ DO IGUAÇU	62
FIGURA 5 – TEMPLO BUDISTA EM FOZ DO IGUAÇU	63
FIGURA 6 – HOTÉIS COM NOMES GUARANI EM PUERTO IGUAZÚ	65
FIGURA 7 – EMPRESAS PÚBLICAS OU PRIVADAS COM NOME GUARANI	65
FIGURA 8 – LENDA DAS CATARATAS DO IGUAÇU	66
FIGURA 9 – ALDEIAS MBYÁ GUARANI EM PUERTO IGUAZÚ	86
FIGURA 10 – MAPA NUESTRO TERRITORIO ORE REKOA	89
FIGURA 11 – CARTAZ “YRYAPU TURISMO CULTURAL” NO TERMINAL DE PUERTO IGUAZÚ	94
FIGURA 12 – FOLHETOS DE DIVULGAÇÃO DAS ALDEIAS GUARANI EM PUERTO IGUAZÚ	95
FIGURA 13 – PORTAL DE BOAS-VINDAS DA RESERVA SELVA IRYAPÚ	101
FIGURA 14 – APRESENTAÇÃO DE JOVEM GUARANI PARA LA GUAGUA DEL JAGUARETÉ	102
FIGURA 15 – CARTAZES TURÍSTICOS DA ALDEIA YRYAPÚ	104
FIGURA 16 – CARTAZES TURÍSTICOS DA ALDEIA ITA POTY E DE HOTÉIS PRÓXIMOS	104
FIGURA 17 – CARTAZ TURÍSTICO DA ALDEIA JASY PORÃ	105
FIGURA 18 – PORTAL DE RECEBIMENTO AOS TURISTAS EM JASY PORÃ	110
FIGURA 19 – ALUNOS APRENDENDO A FAZER ARMADILHAS (ANIMAIS GRANDES)	112
FIGURA 20 – ALUNOS APRENDENDO A FAZER ARMADILHAS (ANIMAIS MÉDIOS)	113
FIGURA 21 – APRESENTAÇÃO DO CORAL DA ALDEIA JASY PORÃ NA <i>FIESTA NACIONAL DEL INMIGRANTE</i> 2015 EM OBERÁ (MISIONES, ARGENTINA)	115
FIGURA 22 – CORAL DA ALDEIA JASY PORÃ NO ÚLTIMO DIA LETIVO DO ANO 2015	116

FIGURA 23 – CORAL DA ALDEIA JASY PORÃ APRESENTANDO-SE NO <i>PRIMER SEMINARIO DE TURISMO RURAL COMUNITÁRIO</i>	118
FIGURA 24 – CASAL FRANCÊS VISITANDO A ALDEIA JASY PORÃ	126
FIGURA 25 – GUARANI MBYÁ NO <i>FOREST EXPERIENCE</i>	130

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – POPULAÇÃO GUARANI NA FRONTEIRA ENTRE ARGENTINA, BRASIL E PARAGUAI	83
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCNAGUA	- Conselho Continental da Nação Guaraní
DGEE	- Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos de Paraguay
FUNAI	- Fundação Nacional do Índio
IBAMA	- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBDF	- Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INAI	- Instituto Nacional de Asuntos Indígenas
INCRA	- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INDEC	- Instituto Nacional de Estadística y Censos de Argentina
OMT	- Organização Mundial de Turismo
ONU	- Organização das Nações Unidas
PPGA	- Programa de Pós-graduação em Antropologia
SPI	- Sistema de Proteção aos Índios
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
UNWTO	- World Tourism Organization
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNILA	- Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Esclarecimentos metodológicos	19
Composição da dissertação	24
1. “ODEIO AS VIAGENS E OS EXPLORADORES”: O OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE O TURISMO	26
1.1. ANTROPOLOGIA E TURISMO	31
1.1.1. Primeiras aproximações ao turismo desde a antropologia	31
1.1.2. Subárea de Antropologia do Turismo	37
1.2. TURISMO INDÍGENA	38
1.3. ATRATIVOS E IMAGINÁRIOS TURÍSTICOS	41
1.3.1. O papel da autenticidade no turismo	43
1.4. APROPRIAÇÃO DO TURISMO PELAS COMUNIDADES INDÍGENAS	48
1.5. DESAFIOS PARA A ANTROPOLOGIA	50
2. A TRÍPLICE FRONTEIRA E SEUS IMAGINÁRIOS SOBRE “O GUARANI”	52
2.1. PARTICULARIDADES DA TRÍPLICE FRONTEIRA	53
2.2. “NASCEMOS DE MUITAS MÃES, MAS AQUI SÓ TEM IRMÃOS”: OS DISCURSOS INSTITUCIONAIS DA TRÍPLICE FRONTEIRA	60
2.3. “SIM! PALPITA LEMBRANÇA TUPI”: A “HERANÇA GUARANI” NA FRONTEIRA	65
3. QUANDO “O OUTRO ESTÁ EM CASA”: OS GUARANI NA TRÍPLICE FRONTEIRA	71
3.1. ESTADOS NAÇÃO, FRONTEIRAS E POPULAÇÕES INDÍGENAS	71
3.2. A NAÇÃO GUARANI NO TEKOHÁ GUASSU	75
3.2.1. Andar por andar: mobilidade Guarani no Tekohá Guassu	79
3.2.2. “Índio tem só no Paraguai”: presença Guarani na Tríplice Fronteira.	82
4. “SE VOCÊ CONHECE, VOCÊ CUIDA”: GUARANI MBYÁ E A PRÁTICA TURÍSTICA	92
4.1. COMUNIDADES GUARANI MBYÁ E TURISMO EM PUERTO IGUAZÚ	94
4.1.1. Primeiros encontros dos visitantes com os Guarani Mbyá	94
4.1.2. Aldeias Mbyá Guarani e prática turística	98

4.1.3.	Entrando nas <i>600 hectáreas</i> ou <i>Selva Iryapú</i>	101
4.2.	ATIVIDADE TURÍSTICA DOS GUARANI MBYÁ DA ALDEIA JASY PORÃ	108
4.2.1.	Apresentando Jasy Porã e seus atrativos turísticos	108
4.2.1.1.	A Escola Intercultural Bilíngue 941	112
4.2.1.2.	Os coros Guarani e sua potencia além do turístico	115
4.2.2	<i>Forest Experience</i> ou Noite Guarani no Parque das Aves	119
4.2.2.1	Assistindo o <i>Forest Experience</i> como espectadora / organizadora	129
4.2.2.2	Oficinas para os funcionários do Parque das Aves	140
4.2.3	“O turismo deve ser controlado”	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS		148
REFERÊNCIAS		152

INTRODUÇÃO

O turismo tem se destacado como uma atividade relevante na atualidade, por ser considerado como um elemento fundamental na hora de formular políticas públicas, econômicas, sociais e culturais a nível internacional. A partir da década dos noventa, influenciado pela globalização como fenômeno que gera interconexões em escala mundial, a prática turística expandiu-se rapidamente, ao ponto de surgir nos contextos mais remotos. Inclusive, locais territorialmente isolados são integrados ao turismo, envolvendo-se de forma direta ou indireta com as manifestações e/ou impactos desta atividade. No caso da América Latina, por exemplo, Federico Zuñiga (2013) afirma que o turismo se expandiu rapidamente ao estimular na atualidade o crescimento econômico e desenvolvimento dos países da região. Sobre o caso mexicano especificamente, este mesmo autor assegura que o governo deste país tem situado o turismo dentro das principais fontes de ingresso, junto com a extração de matérias primas e as remessas de cidadãos que moram nos Estados Unidos. Esta realidade não é muito distante de outros países da América Latina, ou de outras regiões que estabeleceram o turismo como uma importante fonte de renda.

Sob outro aspecto, o turismo gera encontros entre pessoas de diferentes origens territoriais e culturais, apresentando-se assim como uma das principais motivações para o deslocamento diário de pessoas e como o maior movimento que a humanidade tem presenciado, sem influenciar-se por pretensões bélicas, religiosas ou políticas como nos séculos anteriores, mas, pelo contrário, provocado pela curiosidade ao diferente (assim como é também a motivação da antropologia), e pelo desejo do descanso e do lazer. Do turismo são ressaltadas principalmente suas caracterizações econômicas, já que como indústria¹ ajudaria no desenvolvimento dos países, sendo ignorados seus aspectos sociológicos e antropológicos, e o fato de ser uma das mais importantes expressões da vida na modernidade² (URRY, 2002),

¹ A atividade turística é caracterizada como indústria, segundo o Glossário Básico para entender o turismo da Organização Mundial do Turismo – OMT: “*Las industrias turísticas* (también conocidas como actividades turísticas) son aquellas que generan principalmente *productos característicos del turismo*” (OMT, s/d) (itálico da autora).

² Aqui a modernidade pensada, como nos sugere o grupo modernidade/colonialidade e pontualmente Enrique Dussel (2000), na forma de Mito que discursivamente posiciona à Europa eurocentrada (que surge de movimentos culturais, sociais, políticos e econômicos vivenciados na Alemanha, França, Inglaterra e Itália) como o ponto máximo de uma única civilização, onde a vida e a compreensão da história, ciência, religião e política deve ser pensada por todas as populações da mesma forma. Aquelas outras formas de existir, ser pensar que não se encaixam com o projeto eurocêntrico da modernidade são subalternizadas, violentadas e exotizadas pela colonialidade como mecanismo de poder e controle desses “outros”.

onde o prazer, as férias e a viagem são relevantes por permitir acumular experiências diferentes do cotidiano.

Quando a antropologia torna o turismo seu objeto de estudo, surgem várias dificuldades, principalmente pela insuficiência de trabalhos, propostas metodológicas e aproximações teóricas que esta ciência humana propõe para abordar a atividade turística como problemática específica. Esta ausência é corroborada, por exemplo, nas escolas antropológicas latino-americanas, que contemplam o turismo apenas como uma atividade de lazer, vazia de conteúdo e sentido, que não aporta nenhuma profundidade analítica e teórica. Sobre este mesmo ponto, a pesquisadora mexicana Cristina Oehmichen (2013) afirma que, apesar de que o seu país seja um dos locais que mais recebe turistas do mundo todo, a antropologia produzida no México aborda a atividade turística apenas por seu aspecto econômico³. Não obstante, desde a década dos sessenta as antropologias anglo-saxãs começaram a produzir estudos sobre o turismo praticado no terceiro mundo, tal como *Tourism, tradition, and acculturation: Weekendismo in a Mexican village* de Theron Nuñez (1963), obra que seria considerada como o marco inaugural da subárea da Antropologia do Turismo.

Entretanto, para a antropologia surgem dificuldades ainda mais intensas quando são involucradas comunidades tradicionais à atividade turística, gerando divergências em termos teóricos, metodológicos e éticos dentro da disciplina. Por um lado, as populações tradicionais são consideradas como vítimas passivas da atividade turística como manifestação do sistema econômico capitalista; por outro, estes grupos são pensados como agentes ativos que se apropriam de códigos do mundo ocidental, como o turismo, e os reinventam. Se, por um lado, resulta fundamental pensar no turismo além das inegáveis repercussões negativas que produz nas populações tradicionais, considerando a visibilidade que as mesmas conseguem em vários campos e espaços a partir desta atividade, pelo outro não podemos ignorar que, às vezes, pode mostrar-se como uma manifestação da colonialidade⁴ (NASH, 1989), enquanto atividade que

³ Esta mesma autora afirma que é uma constante dos países periféricos ser fortes polos de atração turística, fato que deveria chamar muito mais a atenção de antropólogos pertencentes a estas regiões para pesquisar a atividade turística instalada e suas repercussões no local onde se estabelece. Poderia ser interessante conhecer o estudo e compreensão do fenômeno turístico a partir do olhar dos cientistas sociais que trabalham e residem nos polos de recepção do turismo mundial.

⁴ Pensada como uma matriz ou padrão colonial de poder, fundada no marco do colonialismo eurocêntrico e da retórica da modernidade, que permanece até hoje impondo uma lógica de pensamento e de ser, subalternizando saberes, subjetividades e formas de conhecimentos (MIGNOLO, 2014).

faz uso de identidades estereotipadas com o fim de manter a dominação política, econômica, epistêmica e ontológica de uns sobre outros.

Justamente, a presente dissertação se desenvolve ao longo dessa tensão de perspectivas, que parece ser uma constante sempre que populações tradicionais se vêem envolvidas em atividades turísticas, e que se manifesta nos atores envolvidos. Neste sentido, não pretendemos aqui considerar o turismo como uma atividade negativa em si mesma, nem como uma fórmula certa de revitalização cultural. Procuramos, sim, transitar sobre esta tensão, buscando compreender a atividade turística a partir das dinâmicas e interações que são estabelecidas pela multiplicidade de atores que se envolvem, incluindo os próprios antropólogos como pesquisadores dessa realidade.

Assim, evitamos apreciar aqui o turismo como um tópico banal relacionado de forma simplista ao mundo do lazer, abordando-o como um fenômeno social complexo que gera movimentos, repercussões, mudanças, encontros e ressignificações. Portanto, desejamos tratar a “mágica turística” (SANTANA, 2009, p. 15) no seu âmbito relacional, como uma atividade onde os participantes criam conjuntamente o que tem que ser olhado e apresentado, conformando uma espécie de rede que fundamenta o desenvolvimento do turismo nas suas conjunturas específicas. A partir destas reflexões, pretendemos contribuir à produção antropológica até agora existente sobre o turismo, principalmente quando populações indígenas se envolvem.

Como contexto próximo será analisada a Tríplice Fronteira conformada por Puerto Iguazú (Argentina), Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai), onde se localizam as Cataratas do Iguaçu, e junto com elas, um turismo internacional no qual se envolvem populações Guarani que moram na região, como uns dos grupos indígenas mais numerosos e representativos na América do Sul. Pontualmente, será ressaltada a participação dentro da atividade turística da região de alguns membros da aldeia Mbyá Guarani Jasy Porã, localizada na reserva conhecida como *Selva Iriapú* ou *600 hectáreas* na cidade argentina de Puerto Iguazú (Figura 1). Nesta área existem outras aldeias mbyá Guarani que também se envolvem com o turismo, como Yryapú, Tupã Mbae, Ita Poty Miri, e, na parte mais urbana da cidade argentina, a aldeia Fortín Mbororé, caracterizada por ser a mais populosa e antiga de todas.

FIGURA 1 – TRÍPLICE FRONTEIRA E ALDEIA JASY PORÃ



FONTE: Print de Google Maps editado pela autora (2018).

Para chegar à aldeia Jasy Porã é necessário localizar-se na Ruta Nacional 12, uma das principais rodovias na Argentina que nasce na Ponte Internacional Tancredo Neves, encarregada de conectar Foz do Iguaçu com Puerto Iguazú sob o Rio Iguaçu. A partir da aduana argentina que está sob esta rodovia, há um quilômetro de distância até a entrada principal da *Selva Iriapú* ou *600 hectáreas*, e posteriormente três quilômetros de caminho asfaltado até o hotel *La Cantera de La Selva*, que está justo na frente da entrada principal da aldeia Jasy Porã, facilmente reconhecida por possuir um grande cartaz que dá as boas-vindas aos visitantes, assim como um posto de artesanato feito em bambu e lonas verdes onde são oferecidas algumas criações das famílias da aldeia. Após o cartaz e o posto de artesanatos, quando se ingressa à aldeia Jasy Porã – e de modo geral a todas as aldeias Guarani presentes em Puerto Iguazú – o asfalto se torna num longo caminho de terra.

A aldeia Jasy Porã começaria a consolidar-se a partir do ano 2008 num território próximo da aldeia Yryapú, que faz parte dos hectares destinados aos Guarani na repartição da área das *600 hectáreas*, conforme veremos no quarto capítulo. Na atualidade, nesta aldeia residem aproximadamente 30 famílias, correspondentes a mais ou menos 150 pessoas que provém de outras aldeias mbyá Guarani em Puerto Iguazú, assim como de aldeias existentes em diversas localidades do norte da Argentina, do Paraguai e do Brasil. Outros aspectos desta

aldeia, e, de modo geral, dos Guarani moradores da Tríplice Fronteira, serão apresentados com mais detalhes no terceiro e quarto capítulo.

Esclarecimentos metodológicos

As informações existentes na presente dissertação foram construídas a partir da minha experiência prévia na região da Tríplice Fronteira entre 2012 e 2015, enquanto realizava a graduação em Antropologia - Diversidade Cultural Latino-Americana na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Ao longo destes quatro anos participei em vários eventos, comissões, projetos de extensão e de iniciação científica, que me permitiram conhecer mais detalhes sobre a história e existência das populações Guarani residentes nesta região. Desde Agosto de 2015 estabeleci contato com a aldeia Jasy Porã, no marco da construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso onde procurei analisar o desenvolvimento da *Modalidad de Educación Intercultural Bilingue* da província de Misiones na Escola Intercultural Bilingue n. 941, localizada nesta mesma aldeia. Enquanto fui desenvolvendo meu trabalho de campo nesta escola, sob a identidade de ‘professora colombiana’, foi possível enxergar a importância do turismo nestas populações que se encontram mais próximas ao circuito turístico das Cataratas do Iguaçu.

Adicionalmente, os dados apresentados também resultaram do trabalho de campo ‘intermitente’ realizado em semanas de Junho e Outubro de 2016, e Abril, Maio e Novembro de 2017 (totalizando 65 dias), e do trabalho de campo ‘intensivo’ entre Julho e Agosto de 2017 (totalizando 30 dias), desenvolvido como parte do projeto de mestrado do Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. A partir das visitas realizadas desde 2016 à aldeia Jasy Porã, comecei interagir com os membros que mais tiveram e têm contato com o turismo, que me permitiram compreender que sua participação no mundo turístico não se restringe a esta aldeia como seu território, nem a Puerto Iguazú como a cidade que os alberga, mas a todo o circuito turístico e fronteiriço onde são reconhecidos e assim sugeridos a participar. Meu terreno de pesquisa não foi a aldeia Jasy Porã apenas, se bem parti dela para enxergar a dinâmica do turismo que vincula aos Guarani na região. O campo foi constituído pelo circuito turístico onde atores desta aldeia transitam, que transpassa aldeias, cidades e países.

De forma mais detalhada, o trabalho de campo foi realizado, na maior parte, fora da aldeia. Nunca tive o privilégio de passar a noite em Jasy Porã, seja porque nunca recebi um convite de algum morador, porque nunca tive a iniciativa de perguntar se podia, ou, aliás, porque nunca senti atingir esse nível de intimidade, acreditando que seria imprudência e abuso da minha parte. No ano de 2015 residia em Foz do Iguaçu, onde podia pegar um ônibus de linha internacional para atravessar a fronteira com a Argentina, e descer próximo ao caminho de acesso às aldeias em Puerto Iguazú. Essa curta viagem era realizada duas vezes por semana, entre Agosto a Dezembro de 2015, geralmente de manhã, já que era meu objetivo assistir às aulas na escola, que aconteciam das 9h até às 13h. Em poucas oportunidades fiquei após esse horário, quando havia atividades especiais, como a visita de alguma pessoa relevante que queria conhecer a escola (políticos, empresários, artistas, etc.) ou jogos que eram organizados pelos professores para as crianças brincar à tarde.

Posteriormente, no ano de 2016, mesmo com minha mudança à cidade de Curitiba, a dinâmica continuou mais ou menos a mesma. Nos períodos de ‘trabalho de campo intermitente’ fiquei em Foz do Iguaçu desde onde pegava o ônibus internacional, em pousadas no centro de Puerto Iguazú, e algumas vezes na casa do diretor da escola de Jasy Porã, com quem saía junto para a aldeia nos dias de atividade escolar. Por outro lado, no período de ‘trabalho de campo intensivo’ fiquei por um mês em Foz do Iguaçu, tendo já conhecimento que nesta cidade aconteciam eventos turísticos muito importantes onde participavam alguns representantes da aldeia Jasy Porã, como o *Forest Experience* promovido pelo Parque das Aves, que será comentado no terceiro capítulo.

Considero que, tanto o fato de ter pernoitado ao longo do meu trabalho de campo em locais próximos de Jasy Porã (e não dentro desta aldeia), o período de visitas fragmentado, assim como o meu prévio relacionamento intenso com os professores brancos da escola (por causa da minha pesquisa de TCC), gerou que a identidade que assumi em 2015 de ‘professora colombiana’, definida assim pelos Guarani, se prolongasse até a presente pesquisa, onde tinha a expectativa de acolher alguma outra identificação. Continuei sendo considerada como branca, alheia e estrangeira, que, numa escala de identidades, encontra-se mais próxima à definição do que poderia considerar-se uma ‘turista’. No campo, nós enquanto antropólogos

também somos situados e condicionados a partir de dita posição, conforme explica o antropólogo colombiano Eduardo Restrepo

El etnógrafo es un sujeto situado, y en cuanto tal es percibido en el terreno. Cargamos bagajes de los cuales no podemos desprendernos a voluntad. A menudo somos investidos con ciertos estereotipos en terreno de los cuales no podemos escapar fácilmente. Múltiples son las marcaciones que acompañan al etnógrafo, a veces sin quererlo y sin ser consciente de ello. (RESTREPO, 2018, p. 53)

Meu trabalho de campo, assim, não foi de tipo ‘malinowskiano’, de ficar no interior da aldeia, e de compartilhar o tempo todo com a comunidade até ser considerada como uma integrante, mas sim de transitar pelos espaços relacionados ao turismo nos que os Guarani circulavam - ou uma ideia sobre eles - a partir da identidade que me foi atribuída desde o contato com as pessoas de Jasy Porã: de ‘professora colombiana’. Considerando o vínculo anteriormente estabelecido com a comunidade Jasy Porã, decidi partir desta aldeia para “seguir a las personas” (MARCUS, 2001, p. 118) que participavam do turismo, e assim identificar os espaços, eventos e atores com os que se envolviam regularmente. Seguindo-os, consegui identificar vários dos espaços turísticos nos que eles e pessoas provenientes de outras aldeias se apresentavam, ou onde era expressada uma imagem sobre ‘o Guarani’. Alguns dos espaços circulados foram as próprias aldeias onde são feitos passeios turísticos e onde há postos de artesanatos instalados, principalmente a aldeia Jasy Porã, o centro de Puerto Iguazú onde transita um grande contingente de turistas, e atrações turísticas reconhecidas na região como as Cataratas do Iguaçu, a Itaipu Binacional, e o Parque das Aves. Ao mesmo tempo, nestes espaços foram identificados eventos ou atividades pontuais onde os Guarani se apresentam, como o *Forest Experience*. Finalmente, com o fim de conhecer o contexto regional e turístico onde estes Guarani circulam, decidi “seguir la metáfora” (idem, p. 119) ou discurso que é divulgado sobre esta população indígena na Tríplice Fronteira, principalmente o que é produzido a partir de propagandas, cartazes e folhetos turísticos.

Nosso interesse neste trabalho não foi, propriamente, compreender como os Guarani da aldeia Jasy Porã internamente concebem e explicam a prática turística e o vínculo estabelecido com ela, mas sim conhecer de forma ampla o contexto turístico que envolve aos Guarani, partindo desta população e das negociações e arranjos que realiza. Esta pretensão requereu que a estratégia de pesquisa a ser adotada permitisse sair de locais ou falas fixas e se centrasse na “circulación de significados, objetos e identidades culturales en un tiempo-espacio difuso” (idem, p. 111), conforme propõe George Marcus com a *etnografía móvil* ou

*etnografia multilocal*⁵. Nesta mesma linha, consideramos igualmente relevante adotar a proposta da Teoria de Ator-Rede de Bruno Latour (2012), na que oferece uma alternativa para pensar “o social” não como um material homogêneo disponível para ser estudado a partir de uma Sociologia do Social, mas como algo que é gerado a partir de associações e conexões heterogêneas de elementos que juntos dão ordem e origem ao social, fazendo sentido e gerando significado a partir dessa rede constituída. Conjuntamente, Marilyn Strathern (2014) afirma que o social está composto por uma rede de relações entre atores, objetos materiais, lugares, palavras, atos, ideias e regras, que no caso deste trabalho pode imaginar-se composta pelos Guarani, turistas, guias, agências, empresários, artesanatos, atrativos turísticos, propagandas sobre ‘o Guarani’, entre outros. Assim como Latour com a Teoria de Ator-Rede, Strathern ressalta a necessidade de pensar as entidades relacionalmente para conseguir aceder às conexões e redes abstratas entre híbridos que dão sentido ao social. Esta ferramenta metodológica e teórica de pensar relacionalmente ‘o social’ foi adotada nesta dissertação para compreender a dinâmica, conformação e elaboração deste turismo onde os Guarani se veem envolvidos.

Certamente, as nossas escolhas metodológicas, assim como as posições que adquirimos em campo, condicionam o acesso a determinadas informações, a elaboração de certas análises, e, de forma ampla, o rumo da nossa pesquisa. No caso particular deste trabalho, não tivemos acesso a informações sobre o funcionamento interno de Jasy Porã, considerando que não foi estabelecida uma relação intensa e constante com esta aldeia, apesar de ter contato com alguns dos seus moradores. Por outro lado, estar afastada da aldeia enquanto circulava constantemente por vários espaços ao longo da fronteira, me permitiu aceder a uma polifonia de vozes de múltiplos atores que conjuntamente definiam um tipo de turismo que falava sobre os Guarani. Conversei com turistas, alguns Guarani de Jasy Porã - participantes e não participantes do turismo -, guias turísticos, representantes de agências de viagem, de pousadas e hotéis, de entidades encarregadas do turismo da região, de atrativos turísticos reconhecidos, assim como a população local de Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú, como as cidades mais movimentadas turisticamente.

Nestes períodos, espaços e eventos indicados onde os Guarani participam no turismo - tanto de forma presencial como através de imaginários -, foram feitas anotações no caderno

⁵ Nas traduções em português é nomeada como ‘etnografia multisituada’.

de campo a partir da observação participante. Adicionalmente, foram feitas entrevistas e conversas informais nestes espaços, que por escolha dos interlocutores não foram gravadas, porém acompanhadas por anotações no caderno de campo. Os principais a(u)tores dessas entrevistas foram turistas, representantes de entidades reguladoras de turismo, e Guaranis participantes e não participantes do turismo.

Os nomes dos atores, tanto pessoas quanto organizações vinculadas ao turismo, não serão mencionados por pedido dos interlocutores, considerando que através da atividade turística perpassam interesses econômicos e políticos que podem afetá-los. Optamos, então, por caracterizar nossos interlocutores de acordo com suas atividades.

Por último, foi usado e analisado material publicitário alusivo ao turismo que involucra os Guarani na Tríplice Fronteira, obtido fisicamente e em meios digitais e eletrônicos através da internet, assim como blogs de viagem - principalmente TripAdvisor - que permitiram conhecer as opiniões dos turistas após sua passagem pelas aldeias Guarani, ou por eventos onde estes últimos participaram. Assim, neste site, foi possível aceder a opiniões pós-viagem de turistas que não tive oportunidade de conhecer presencialmente. A escolha do TripAdvisor como local para consultar as impressões dos turistas não foi aleatória, já que é conhecido por ser o maior site de viagens do mundo⁶, oferecendo dicas sobre destinos e atrações turísticas apoiadas nas mais de 630 milhões de avaliações e opiniões de viajantes⁷.

Se bem nesta dissertação pretende-se apresentar a Tríplice Fronteira, o turismo desenvolvido nela, e, especificamente, as relações estabelecidas entre Guarani, turistas, e demais atores envolvidos com esta atividade, é importante ressaltar que este resulta num empreendimento bastante ambicioso, truncado pelo pouco tempo destinado para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, pela dificuldade metodológica por abranger as particularidades dos países que conformam a Tríplice Fronteira, e de impossibilidades logísticas de fazer um campo simultâneo nos três espaços nacionais.

⁶ Conforme eles mesmos se apresentam no seu site, baseando-se no Score Media Metrix de 2017. Mais informações sobre TripAdvisor podem ser consultadas aqui: <https://tripadvisor.mediaroom.com/pt-about-us>

⁷ O site TripAdvisor, assim como outros espaços de sociabilidade na internet, tornaram-se nos últimos anos numa importante ferramenta e campo de pesquisa para a antropologia e outras ciências sociais, considerando que estes ambientes virtuais possuem destacado valor para a construção de imagens sobre a realidade (FRESNO, 2011), ou, no caso particular deste trabalho, de imaginários sobre espaços e experiências turísticas.

Composição da dissertação

No primeiro capítulo, partiremos da antropologia para falar sobre o fenômeno turístico e as tensões que produz, ressaltando o rechaço e repúdio que esta ciência social e humana tem manifestado quando o turismo se torna num objeto de pesquisa para análise. Enquanto isso, apresentarei minha trajetória de pesquisa, com o fim de mostrar de que forma o turismo apareceu como uma importante temática de estudo no contexto da Tríplice Fronteira e dos Guarani. Neste empenho, serão ressaltados os desencontros que surgiram no início da pesquisa, partindo do “pessimismo sentimental” que os antropólogos padecemos quando populações tradicionais parecem estar desaparecendo, e quando nosso prestígio acadêmico chega ser questionado pelos atores com os que nos relacionamos. Adicionalmente, falaremos sobre alguns dos componentes do turismo, e principalmente do turismo indígena, como os imaginários e seu papel de gerador de imagens e estímulos sobre um destino e/ou população a ser visitada, assim como a autenticidade que é buscada e demandada pelos atores que participam do turismo, desde visitantes até anfitriões.

No segundo capítulo, procuramos apresentar o contexto da Tríplice Fronteira a partir dos imaginários que são repassados sobre esta região, alimentados por discursos oficiais e turísticos, que conseguem atingir os turistas que visitam a Tríplice Fronteira. Buscamos dar uma especial ênfase aos discursos sobre a Tríplice Fronteira que ressaltam uma presença sobre “o Guarani”, com o fim de compreender quais são as informações disponíveis sobre esta população que circulam no mundo turístico.

No terceiro capítulo serão apresentadas informações demográficas e históricas sobre as populações Guarani que habitam na Tríplice Fronteira, assim como as situações históricas que geraram grandes impactos no seu modo de vida, e que condicionam as relações que atualmente estabelecem com outros atores presentes na região, como a população local, os turistas em torno das Cataratas do Iguaçu, os próprios Estados e as instituições que o representam, entre outros. Destacaremos como a presença Guarani –ou um imaginário sobre ela- se articula com a dinâmica social, econômica e política da região, assim como as ações que esta população faz diariamente para aparecer neste contexto.

Finalmente, no quarto capítulo partiremos da aldeia Jasy Porã e seus integrantes para apresentar as diferentes formas a partir das quais se vinculam com o turismo instaurado na

Tríplice Fronteira, tanto na sua própria aldeia, quanto na cidade de Puerto Iguazú, como no evento especial conhecido como *Forest Experience* ou Noite Guaraní desenvolvido no Parque das Aves. A partir dos discursos e imaginários construídos sobre os Guaraní na região, apresentados brevemente no segundo capítulo, evidenciaremos como os Guaraní adotam e adaptam estas definições e identidades criadas para eles, com o fim de inserir-se no cenário turístico, político e econômico da Tríplice Fronteira. Adicionalmente, destacaremos que é no turismo onde a imagem do Guaraní é ressaltada, seja por eles próprios, pelos discursos institucionais, assim como pela população local que os percebe a partir da atividade turística.

Nesta dissertação procuramos dar relevância à participação dos Guaraní no turismo e as várias formas a partir das quais se aproximam a ele, modificando-o de acordo com seus interesses e demandas, entrando no jogo das representações e performances que constitui o turismo como invenção dos brancos, e criando redes com outros agentes que também participam da atividade turística, como os Estados nacionais, sociedade civil, entes privados e organizações internacionais, com o fim de fazer que sua cultura se torne num atrativo turístico relevante, onde possam ser reivindicados seus direitos de ser e existir ‘do jeito Guaraní’. Da mesma forma, é nosso interesse apresentar as múltiplas tensões que o turismo gera como objeto de estudo da antropologia, tanto nos próprios antropólogos que se sentem ameaçados e desorientados quando se aproximam a contextos turísticos, nos turistas que não encontram no local visitado a autenticidade esperada a partir dos imaginários absorvidos, e nos anfitriões que, embora considerem ao turismo como uma importante forma de obter ingressos econômicos, sentem vergonha de ter que reproduzir e exagerar uma imagem que não os representa.

1. “ODEIO AS VIAGENS E OS EXPLORADORES”: O OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE O TURISMO

Para os antropólogos, existe uma forte e constante necessidade de diferenciar-se dos turistas, apreciada em escritos de reconhecidos autores desta área, como Claude Lévi-Strauss (1988) que já no início do primeiro capítulo do livro *Tristes Trópicos* afirmou veementemente “Odio los viajes y los exploradores” (p. 19)⁸, ou Michel Agier (2010) que ao longo do capítulo nomeado como *O escândalo do turismo*, dentro do livro *Por uma antropologia da mobilidade*, apresenta inúmeros motivos para diferenciar a um etnólogo em campo de um turista, onde tenta destacar a profundidade na reflexão e observação do primeiro diante a superficialidade do segundo.

A atividade turística, e tudo aquilo que a representa, manifesta-se de forma imponente na atualidade, muitas vezes coincidindo em contextos que resultam chamativos para o olhar antropológico. Existem práticas turísticas em cenários diversificados, como em contextos urbanos – tanto nos centros históricos quanto nos bairros periféricos⁹ –, em áreas afastadas das grandes cidades onde habitam comunidades rurais e tradicionais, ou em territórios indígenas que permitem o ingresso de visitantes. Considerando a abrangência do fenômeno turístico, ao estabelecer-se em vários espaços do mundo e envolvendo uma grande diversidade de populações, torna-se frequente que no desenvolvimento de uma pesquisa antropológica o pesquisador se depare com esta prática, associada inicialmente apenas a termos econômicos. Este foi meu caso após algumas visitas iniciais à aldeia Jasy Porã, e, de modo geral, às aldeias Guaraní Mbyá existentes em Puerto Iguazú.

Desde o primeiro momento que comecei frequentar a aldeia Jasy Porã no ano 2015 identifiquei que existia uma forte relação com o turismo de massa, desenvolvido na Tríplice Fronteira como conjunto, e particularmente nas cidades de Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú que são acesso direto ao Parque Nacional do Iguaçu que alberga as Cataratas do Iguaçu. No caminho que dá acesso às aldeias Mbyá Guaraní que moram na área conhecida como 600

⁸ Esta mesma opinião é reafirmada e ampliada na entrevista que Levi Strauss concedeu a Didier Eribon, onde manifestou que as viagens não o entusiasmavam, descrevendo o fato de viajar como “um dos mais tristes prazeres da vida” (1990 [1988], p. 116).

⁹ Como, por exemplo, o turismo fortemente desenvolvido nas favelas do Rio de Janeiro, destacando-se *O Rolé dos Favelados* criado pelo projeto de turismo comunitário *Providência Turismo*. Para conhecer um pouco mais sobre o surgimento desta iniciativa, recomendamos ler o artigo “O Rolé dos Favelados e a história da Providência” da Agência de Notícias das Favelas, disponível em: <http://www.anf.org.br/o-role-dos-favelados-e-a-historia-da-providencia/>

hectáreas, incluindo Jasy Porã, podem ser identificados vários hotéis de luxo que existem, e, com eles, uma constante circulação de turistas que passeiam pela reserva natural sem restrições, assim como o passo de veículos de transporte turístico que transladam aos hóspedes dos hotéis aos vários atrativos oferecidos na cidade argentina.

A primeira visita que fiz a Jasy Porã aconteceu enquanto desenvolvía meu Trabalho de Conclusão de Curso em Antropologia, onde tive interesse em pesquisar sobre o modelo de Educação Intercultural Bilingue proposto pelo Ministério da Educação da Argentina destinado a populações indígenas do país¹⁰, e sua prática e desenvolvimento nas aldeias Mbyá Guaraní de Puerto Iguazú que possuem escola, sendo Fortín Mbororé, Yryapú e Jasy Porã. Visitei as três aldeias e escolas, contudo, foi em Jasy Porã onde minha presença como pesquisadora foi mais aceita pelos professores, e, de modo geral, pelos moradores que diariamente percebiam minha presença. Assim, entre agosto e dezembro de 2015 fiz em torno de duas visitas por semana à aldeia Jasy Porã, com o fim de frequentar as aulas na escola intercultural bilingue no. 941, que abriu suas portas em março desse mesmo ano. Na época, a escola contava com 64 alunos aproximadamente, divididos em pluri graus de séries iniciais e ensino fundamental, coordenados pelo diretor da escola, uma professora de uma cidade próxima, e um professor da comunidade, ou, como é denominado na Argentina, um Auxiliar Docente Indígena.

Além de ser conhecida como antropóloga e pesquisadora, o principal papel que me foi outorgado pelos alunos, funcionários da escola e moradores da aldeia foi de professora, já que várias vezes tive que substituir o docente Guaraní que frequentemente não podia dar aula por ter muitos assuntos que resolver como vice cacique¹¹. Nas aulas, o diretor, e também professor da escola, emprestava-me alguns livros enviados pelo Ministério da Educação que sugeriam temáticas a ser abordadas conforme a série e idade das crianças, como higiene pessoal, nutrição, vocabulário de animais e alimentos, entre outras.

¹⁰ Os modelos de educação intercultural indígena ou intercultural bilingue não se limitam à Argentina, já que surgiram num marco mais amplo de propostas criadas por organismos supranacionais como a UNESCO, e adotadas de forma particular em vários países latino-americanos, considerando as demandas e reivindicações das populações indígenas que exigiram uma educação que contemplasse suas próprias formas e conteúdos de ensino. Este panorama pode ser consultado no resultado da pesquisa de TCC intitulada *Interculturalidad en la practica educativa de la escuela intercultural bilingue Guaraní Jasy Porã* (GONZÁLEZ, 2015).

¹¹ Como segundo na liderança e representação política da aldeia.

Enquanto assumia meu papel de professora, seja substituindo ao docente Guarani ou simplesmente sendo assistente das aulas, presenciava a chegada de turistas na aldeia, principalmente quando faziam um pequeno tour pela escola e suas salas, gerando distração nos alunos e professores. Além disso, outros visitantes não turistas constantemente frequentavam a escola, como o local onde eram tomadas importantes decisões da aldeia, contando diariamente com a presença do cacique, vice cacique e professor, diretor da escola, e o representante comercial de Jasy Porã. Esta confluência de atores relevantes da aldeia na escola gerava que visitantes, igualmente relevantes, chegassem até ela. Em época de eleição, por exemplo, representantes de partidos políticos chegavam para apresentar aos moradores suas propostas de campanha, tanto de nível local quanto nacional. Da mesma forma, apareceram empresários de diversas áreas - destacando-se de empreendimentos turísticos -, voluntários de organizações não governamentais, e professores e alunos de escolas e/ou universidades nacionais e internacionais, que tinham a intenção de conhecer a comunidade e fazer algumas doações de dinheiro, alimentos e roupas. A chegada desses personagens era aproveitada pelos representantes de Jasy Porã para manifestar suas demandas pontuais, como a finalização das obras inconclusas do banheiro e cozinha da escola, a tala de árvores que representavam perigo nas fortes tormentas, transporte para deslocar-se a determinados eventos em outras cidades, a construção de uma cancha profissional de futebol, a criação de material audiovisual e publicitário para a divulgação da aldeia no entorno turístico, entre outras. Praticamente todas estas demandas têm sido solucionadas por estes visitantes, política e economicamente relevantes.

Numa das visitas onde não assumi o papel de professora, assisti à aula do diretor e professor das séries mais avançadas, que nesse dia estava explicando para os alunos as operações matemáticas básicas. Um pouco antes do intervalo e merenda das crianças, em torno das 10h30, percebemos a chegada de um grande grupo de turistas argentinos no pátio da escola, de aproximadamente quarenta pessoas, que estavam sendo guiados por um jovem da aldeia. Nesse momento, os turistas foram convidados pelo guia a entrar na escola e conhecer as salas de aula, assim como interagir com os estudantes e professores. A pequena escola ficou rapidamente cheia de pessoas que curiosas passeavam pelas três salas de aula, tirando fotos dos desenhos que tinham sido feitos pelas crianças, pegando as bochechas e cabeças das meninas e meninos mais novos, e perguntando aos professores como aconteciam as aulas, qual conteúdo era ensinado e em qual língua. Além disso, após o *mini tour* na escola, o

representante comercial de Jasy Porã, que também é quem coordena o coral da aldeia e as atividades turísticas oferecidas por eles, convocou no pátio alguns alunos que costumam cantar em eventos fora da aldeia para apresentar-se aos turistas. O coro de crianças deslumbrou aos visitantes, que não paravam de tirar fotografias e de exclamar a felicidade e paz que sentiam quando ouviam as vozes das crianças.

Foi neste momento quando comecei a perceber a relevância que o turismo tinha na aldeia e inclusive na escola, não apenas pelo impacto que, como antropóloga com “pessimismo sentimental” (SAHLINS, 1997)¹², gerou-me ver uma multidão de turistas aproximando-se e interrompendo a rotina em Jasy Porã, mas por comentários que os professores e alguns moradores fizeram sobre aquele episódio, que se repetiu em outras ocasiões. Para ambos, era a primeira vez que recebiam um grande grupo de turistas, assim como a única oportunidade em que o funcionamento da escola parava por esta causa. Em outras ocasiões as aulas tinham sido interrompidas apenas por fatores climáticos, como fortes tormentas frequentes na região¹³, ausência do diretor que possuía as chaves da escola, ou uma atividade extracurricular que requer a participação das crianças, como por exemplo, eventos turísticos que solicitam a presença do coral.

Esta mesma cena tornou-se recorrente. A escola, que era um local destinado exclusivamente para o ensino e aprendizagem das crianças, e que aparentemente não tinha nada a ver com o mundo turístico, acabou sendo parte do circuito turístico de Jasy Porã. Este fato gerou um notável conflito entre aqueles que queriam mais a presença de turistas na aldeia, com o fim de dar-se a conhecer e receber ganhos econômicos, e os moradores que não queriam ter nenhum tipo de visita de pessoas estranhas e que preferiam receber apenas os amigos Guarani e não Guarani. Diante isto, o diretor acadêmico, cacique e vice-cacique pediram para os guias e promotores turísticos da aldeia não trazer grandes grupos de visitantes até a escola, apenas mostrá-la numa distância considerável. Mesmo assim, quantidades

¹² Marshall Sahlins (1997) descreve este “pessimismo sentimental” como uma nostalgia que os antropólogos vivenciamos quando nosso tradicional ‘objeto de estudo’ (a cultura de modo genérico, e, pontualmente, as populações tradicionais) muda quando se confronta com contextos globais. Com isso, este autor chama a atenção à necessidade de que os antropólogos olhem de outra forma para as populações tradicionais, não mais como objetos e sim como sujeitos que têm a capacidade de interpretar e responder ao sistema político, social e econômico mundial.

¹³ Segundo foi explicado pelos professores da escola, as crianças não costumam assistir em dias chuvosos, já que para os Mbyá Guarani sair com este tipo de tempo não é um bom sinal, sendo necessário ficar em casa sem realizar atividades importantes.

pequenas de turistas continuaram aparecendo esporadicamente pela aldeia e ao redor da escola, desta vez sem interferir com o andamento das aulas.

Além destas visitas, outros eventos permitiram-me enxergar o turismo como uma constante na vida em Jasy Porã. Ao redor da escola há plantações de vários tipos de alimentos como mandioca, banana e milho, assim como sementes usadas para outros fins, como *lágrimas* ou *olhos de nossa senhora*¹⁴. Às vezes, após a merenda, as crianças brincavam procurando *olhos de nossa senhora*, já que resultava divertido para eles – e para mim após descobrir a existência dessa miçanga –, tirar esta semente da planta, e guardá-la nas bolsas para sentir sua textura lisa. Finalmente, quando já passava a emoção do jogo, a maioria das sementes eram coletadas pelas crianças, e as que sobravam serviam para atirar em algo ou alguém. A primeira vez que vi a semente *olhos de nossa senhora*, as crianças que estavam junto explicaram-me que era muito usada para fazer colares e vender para os turistas. Após esse dia, apesar de que estas sementes são constantemente requeridas e coletadas pelos moradores, percebi que pouquíssimas pessoas em Jasy Porã usavam colares e/ou pulseiras feitas com essa semente, e que os *olhos de nossa senhora* guardados pelas crianças na hora da merenda são entregues às suas famílias - principalmente mulheres - para fazer estes acessórios e vendê-los no posto de artesanato da aldeia que tinha sido construído recentemente (nos últimos meses de 2015), e que ficava na frente da rua onde atravessavam turistas hospedados nos hotéis das *600 hectareás*, ou que transitavam no ônibus turístico de Puerto Iguazú.

Desta forma, considerando os episódios narrados, no decorrer da pesquisa que estava desenvolvendo na escola, o turismo aparece como atividade que estava permeando várias ações em Jasy Porã. Diante disso, tive interesse em conhecer de forma mais aprofundada como este turismo acontecia neste contexto específico, e como poderia trabalhar com ele a partir da antropologia.

¹⁴ Esta corresponderia à semente produzida pela planta *Coix lacryma-jobi*, da família Poaceae, originária da Ásia. Maiormente é conhecida como *capim rosário*, já que na sua morfologia se assemelha com o capim comum (COUTO, 2006). A diferença é que, nas flores, cresce uma semente lisa de cor cinza que por sua beleza é bastante usada para a elaboração de artesanato, principalmente de colares e pulseiras.

1.1. ANTROPOLOGIA E TURISMO

1.1.1. Primeiras aproximações ao turismo desde a antropologia

Em termos teóricos e éticos, o contato que comunidades indígenas estabelecem com atores que fazem parte do sistema econômico, social e político mundial (sejam os próprios Estados Nacionais, organizações transnacionais, representantes do mundo turístico, entre outros) representa uma grande dificuldade para nós, que enquanto antropólogos, nos deparamos com estas relações em campo. Preparados e acostumados a leituras prolongadas de antropologia e etnografia clássica, antropólogos iniciantes do campo lidamos com sentimentos incômodos diante o momento de precisar evidenciar na prática e realidade atual aquilo que é relatado nessas etnografias, que pouco problematizam as interações entre indígenas e ‘o exterior’, assim como as mudanças socioculturais geradas a partir delas. Poderíamos considerar que este sentimento foi alimentado pelos precursores da antropologia, desde os evolucionistas culturais que procuravam estudar “sobrevivências” (TAYLOR, 1871, p. 40) ou “documentos humanos” (FRAZER, 1908, p. 54) do passado, até antropólogos britânicos e americanos que manifestavam angústia e urgência por registrar as comunidades que estavam desaparecendo (MALINOWSKI, 1986), ou que estavam sendo aculturadas¹⁵, sendo necessário praticar uma “Etnografia da Salvação” conforme sugeria o conhecido antropólogo Franz Boas (ERICKSON y MURPHY, 2015, p. 105).

Estes anseios característicos dos nossos precursores são transmitidos até os dias atuais, onde costumamos outorgar maior valor às interpretações que fazemos sobre as comunidades indígenas como estáticas e isoladas do sistema mundo e suas manifestações, e pouco para a forma como o sujeito estudado por si próprio explica e define seu contato e tipo de relação com o mundo exterior.

O mesmo ‘pessimismo sentimental’ parece também ter acompanhado o estudo antropológico do turismo, como um fenômeno holístico que conseguiu sua máxima expressão no século XX. Adoto aqui a palavra ‘holístico’ para descrever ao turismo em base às

¹⁵ Segundo o *Diccionario de relaciones interculturales: diversidad y globalización* a aculturação faz referencia a “la pérdida o transformación de algunos aspectos culturales en situaciones de contacto entre culturas diferentes” (BARAÑANO, GARCÍA, CATEDRA, DEVILLARD, 2007, p. 5). O conceito de aculturação, adotado pela antropologia americana e rechaçado por outras escolas, posiciona aos sujeitos que ‘perdem’ sua cultura e práticas como passivos dentro do processo de contato, que diante uma cultura dominante e homogênea abandonam a anterior adotando a nova sem oposição.

afirmações do antropólogo espanhol Agustín Santana (2009), quem ressalta o caráter complexo e amplo do turismo, pelo fato desta atividade fomentar o deslocamento de pessoas do mundo todo, relacionando cada uma das esferas da vida dos seus participantes. Nesta mesma linha, resulta relevante acrescentar a abordagem que Javier Hernández-Ramírez, Xerardo Pereiro Pérez e Roque Pinto dão ao turismo, como um “hecho social total” (2015, p. 277) porque gera uma interseção do global e do local, abarcando ao mesmo tempo âmbitos culturais, econômicos, sociais, políticos e simbólicos. O turismo, assim, não pode ser apenas considerado como uma atividade econômica por representar um importante ingresso monetário, já que ele pode ser também descrito como uma atividade de lazer que quebra com a rotina laboral, assim como um espaço onde são involucrados aspectos culturais e sociais que são expostos como atrativos.

Não obstante, o turismo surgiu inicialmente como uma atividade de lazer, destinada apenas a pessoas de altos ingressos econômicos que possuíam disponibilidade de tempo e dinheiro para investir no entretenimento, isto a partir do final do século XIX quando médios de transporte mais eficientes foram desenvolvidos em países europeus, principalmente na Inglaterra (SANTANA, 2009, p. 28). Posterior à década dos 30, pessoas de diversos ingressos econômicos passaram a participar do turismo, principalmente depois da conquista das férias remuneradas pelos sindicatos de trabalhadores. Diante o incremento de pessoas que se dispuseram a abandonar seu lar com o fim de conhecer lugares e culturas distantes, foi indispensável regulamentar essa atividade que se converteu num aspecto relevante para a economia mundial, através de entidades internacionais, como a Organização Mundial do Turismo - OMT, criada em 1970. Para esta organização, o turismo é abordado como “un fenómeno social, cultural y económico relacionado con el movimiento de las personas a lugares que se encuentran fuera de su lugar de residencia habitual por motivos personales o de negocios/profesionales” (OMT, s/d). Justamente, uns dos aspectos que caracteriza a atividade turística até os dias de hoje é o ‘nomadismo’, ou o grande deslocamento de pessoas para fins recreativos, que, uma vez chegam no seu destino, permanecem apenas temporariamente. Não obstante, o elemento central do turismo segundo Pierre Van den Berghe é o exotismo (1980, p. 377), percebido pelos turistas como um espaço geográfico e climático diferente, uma paisagem distinta, e, especialmente, uma cultura distante.

Embora estas características do turismo se apresentem como sumamente pertinentes para a antropologia, as ciências sociais de modo geral demoraram em contemplá-lo como um campo relevante de análise, por representar apenas a sociedade ocidental moderna que o criou, assim como por visualizar principalmente sua perspectiva econômica. Foi só nos anos sessenta quando as ciências sociais conseguiram pensar no turismo como um fenômeno sociocultural que estava acontecendo em praticamente todas as sociedades do mundo, relacionando-as entre si, e transpassando o tempo e espaço que as delimita (HERNÁNDEZ, PEREIRO & PINTO, 2015).

No caso pontual da antropologia, como já foi mencionado na introdução desta dissertação, o marco inicial para que esta ciência acolhesse o turismo como um objeto de estudo foi a publicação de Theoron Nuñez (1963), onde foi analisada etnograficamente a chegada do turismo a uma pequena localidade do México, onde pela primeira vez apareceu o turismo como temática central numa etnografia. Aproximadamente vinte anos depois Dennison Nash (1981) reforçaria a necessidade do estudo do turismo desde a antropologia com o artigo *Tourism as an Anthropological Subject*, onde apresenta argumentos teóricos para exaltar a relevância do estudo do turismo, principalmente porque gera contato entre diversas culturas ao longo do planeta, e porque modela um novo tipo de relações que surgem neste contexto.

Inicialmente, as mudanças nos aspectos socioculturais, os fenômenos de aculturação e os impactos gerados pela atividade turística foram o foco que a antropologia abordou, considerando que entre as décadas de sessenta e oitenta do século passado predominaram os enfoques baseados na Teoria da Modernização, que ressaltou o papel do turismo como impulsor do crescimento econômico, e por outro lado, a Teoria da Dependência, na que prevaleceram os efeitos negativos do turismo em regiões do terceiro mundo¹⁶. Posteriormente, outros aspectos foram considerados pela antropologia para o estudo do turismo, como a criação de etnicidade destinada especificamente para a exibição, responsável pela artificialização da relação entre turistas e comunidades locais (GRUNEWALD, 2003; SILVA, 2007), assim como as relações geradas entre anfitriões e visitantes, e a própria estrutura e funcionamento do sistema turístico.

¹⁶ Sobre estas duas teorias e sua implicação na tentativa da antropologia por abordar o turismo, o antropólogo espanhol Javier Hernández Ramírez (2006, p. 27) proporciona um quadro comparativo onde ressalta os principais argumentos de ambas as correntes teóricas, e sua vigência na atualidade.

Se, por um lado, como foi falado anteriormente existem algumas temáticas sobre o turismo que a antropologia adota como estudo, por outro esta atividade ainda não consegue agradar a esta ciência social, talvez porque se encontra diretamente vinculado aos interesses do mercado, desconsiderando as comunidades involucradas e as consequências geradas pela instauração do turismo. Por muito tempo, esta falta de envolvimento da antropologia com o fenômeno turístico gerou insuficiência de propostas teóricas e metodológicas que pretendessem construir uma ciência social do turismo, onde pesquisadores que recentemente se interessam por este fenômeno consigam basear-se. De forma tácita, o turismo na antropologia é ainda uma temática que não conta com prestígio acadêmico por considerar que este não possui um valor científico ‘antropológico’, mas que apenas representa o mundo banal do lazer.

Quando o turismo acontece vinculando populações tradicionais, o sentimento de resistência é ainda mais forte na antropologia, talvez porque o “objeto” de estudo clássico dos antropólogos, as comunidades tradicionais, esteja em risco diante as alterações e mudanças que a prática turística suscita. A posição de rechaço que teve a antropologia em relação ao turismo pode estar fundamentada no que Antonio Nogués (2009, p. 44) descreve como uma espécie de “ortodoxia antropológica orgulhosa de su *savoir faire*, su rectitud disciplinaria y su implicación ética con las sociedades que estudiaban”. Assim, parece que os antropólogos continuamos vinculados à ideia que nada pode interferir nos costumes tradicionais das populações estudadas. Por outro lado, segundo este mesmo autor, aumenta a resistência de diálogo possível com o turismo a semelhança que pode surgir entre um antropólogo e um turista, como visitante temporal que procura um local cultural e geograficamente distante do próprio.

Num contexto onde o turismo é muito presente, como é o caso das aldeias Mbyá Guarani em Puerto Iguazú, surge o desafio em, como antropóloga, procurar estabelecer uma relação distinta com estas populações indígenas, afastando-se do vínculo efêmero entre turistas e Guarani. Nem sempre esta aspiração funciona na prática do trabalho de campo. No meu caso, como foi mencionado alguns parágrafos anteriores, comecei visitar a aldeia Jasy Porã em Agosto de 2015. A primeira vez que cheguei na aldeia fui questionada pelo motivo da visita, ou pelo nome da pessoa que tinha me convidado, que no caso era o diretor da escola

que havia permitido minha presença durante as aulas, em razão da minha pesquisa de TCC. Das outras vezes que fui à aldeia poucas senti um trato de estranha ou “turista”, já que comecei ser familiar para os moradores, e sempre transitava pelo mesmo caminho: do portal de ingresso de Jasy Porã até a escola que fica no meio da aldeia, nunca circulando por outros caminhos e vizinhanças. Apesar de eu achar e sentir que era a “antropóloga conhecida” para os moradores de Jasy Porã, um mês depois de comparecer à escola houve um episódio que me fez sentir como turista, ou seja, como uma duvidosa forasteira, sentimento baseado nas visitas de turistas que presenciei durante meu período de campo.

Nos dias finais do mês de Agosto de 2015 fui convidada pelos professores da escola a participar do *Ara Piau* (ano novo Guarani) que ia ser celebrado no dia do início da primavera, aproximadamente na metade de Setembro. Esta data é comemorada em todas as aldeias Mbyá Guarani em Puerto Iguazú - e, de modo geral, por toda a população Guarani no continente Sul Americano -, onde se celebra a chegada do tempo novo, quando tudo cresce e floresce. Sobre o *Ara Piau* em Jasy Porã, este é aberto e amplamente divulgado ao público em geral, convocando aos visitantes entre as 10h até as 18h, já que à noite o “tempo novo” é celebrado entre os locais. Geralmente, nesse evento é cobrado o ingresso à aldeia para quem é turista, que inclui o direito de experimentar algumas comidas típicas, conhecer as armadilhas usadas para caçar, ouvir o coral de crianças, e observar outras atividades que são feitas. Conforme tinha sido falado pelos professores da escola, pessoas conhecidas não deviam pagar o ingresso, afirmando assim, por tanto, que eu como “pessoa conhecida não-turista” não pagaria nada se assistisse. No dia do evento, eu e vários colegas do curso de Antropologia combinamos para ir juntos, porém, alguns deles tinham sido convidados para o *Ara Piau* da aldeia Yryapú, que fica do lado de Jasy Porã. Assim, nos dividimos e apenas em duas pessoas fomos para a festa de Jasy Porã, enquanto as outras cinco foram para Yryapú, onde marcamos para nos encontrarmos posteriormente.

Próximo à entrada principal de Jasy Porã encontramos saindo o diretor da escola, quem já estava indo embora porque tinha outro compromisso. Novamente lembrou-me que nós não precisávamos pagar o ingresso porque não éramos turistas. Adicionalmente, afirmou que ainda havia muitas atividades acontecendo na escola, onde estava sendo desenvolvida a festa, e que estavam sendo preparadas comidas muito gostosas. Essas palavras nos motivaram ainda mais a participar, já que era um longo caminho até essa área das 600 *hectáreas* e

estávamos com fome. Ingressamos pelo caminho acostumado, o maior onde chegam os turistas, e onde nos dias mais chuvosos - como aquele - não é formada tanta lama. Após caminhar várias casas, e de estarmos próximos a chegar a outro caminho que conduz à escola, nos encontramos no meio da estrada de terra com uma 'bilheteria', formada por uma escrivaninha de madeira e cadeiras, e quatro jovens que pareciam estar fiscalizando o pagamento do ingresso dos visitantes, e que, para meu azar, não conhecia. Lembrando aquilo que o diretor reiterou quando o encontramos na saída da aldeia, sobre não pagar o ingresso, tentamos esquivar a bilheteria e continuar nosso caminho. Contudo, uns dos jovens nos deteve e nos solicitou 100 pesos argentinos por pessoa (em torno de 20 reais) com o fim de poder ingressar. Eu respondi que éramos convidados dos professores da escola, e que, inclusive, o cacique tinha conhecimento da nossa presença naquele dia. Se bem nenhum desses argumentos era mentira, o jovem não parecia estar acreditando, considerando que novamente solicitou o dinheiro do ingresso, reforçando desta vez que eles estavam fazendo aquele evento para arrecadar recursos e poder assim suprir algumas das suas necessidades.

Sem muitas opções, e com a pressão de visitantes que estavam aguardando na fila - não muito longa -, conseguimos juntar 200 pesos argentinos e entregar ao jovem. Quando nos foi autorizada a entrada, esse mesmo jovem nos 'guiou' até a escola pelo caminho que eu já conhecia previamente. Durante nossa curta caminhada, o jovem nos perguntou por nosso país de origem e como ficamos sabendo do evento. Comentei, novamente, que tínhamos sido convidados pelos professores da escola. Provavelmente esqueci de falar o mais relevante, que eu era mais conhecida nesse contexto escolar como a 'professora colombiana' que às vezes dava aula. Quando chegamos ao pátio da escola, o jovem começou a apresentar-nos cada detalhe: as comidas típicas que estavam sendo feitas, o coral que estava próximo a cantar, os artesanatos que estavam expostos numa mesa, entre outros aspectos. Nesse momento comecei ver caras conhecidas, de crianças que vieram para abraçar-me e chamar-me de 'profe', e do cacique a quem rapidamente fui cumprimentar para sair dessa situação que estava sendo constrangedora. Em seguida, o jovem percebeu que éramos pessoas conhecidas, e assim afastou-se para cuidar de outros visitantes.

Longe de ser o pagamento do ingresso o fato que mais me revoltou, pois tinha conhecimento da necessidade do dinheiro cobrado, e não era justo que fosse dispensada do pagamento apenas por 'ser conhecida', aquela situação permitiu-me enxergar o quanto odiava

ser considerada como uma estranha ou ‘turista’, que ignorava a realidade local e que precisava ser guiada. Queria mostrar que eu era diferente daqueles visitantes, se bem diante os olhos desse jovem não havia muita diferença: alheia à realidade da aldeia, visitas temporárias e breves (já que meu campo acontecia, no máximo, uma ou duas vezes por semana, e entre três e sete horas por dia), branca, carregando uma câmera fotográfica, botas e roupas esportivas, sotaque estrangeiro, etc. Diante as semelhanças externas que podem existir entre o sujeito antropólogo e o sujeito turista - e/ou explorador conforme denomina Lévi Strauss -, surge novamente a pretensão por demonstrar a legitimidade, intelectualidade e erudição da antropologia. Por quê dói tanto admitir que o antropólogo também tem algo de turista? Provavelmente buscamos defender até o fim nosso prestígio científico diante visitantes que, para nossos olhos pretensiosos, não são mais que seres superficiais e estranhos. Acaso o antropólogo não é?

Esta recusa da antropologia por estudar o fenômeno turístico, nos mais variados cenários, gera um infinito paradoxo, conforme descreve a especialista da subárea de Antropologia do Turismo, Margarita Barreto (2007, p. 14), já que para ela: “a) la academia no se interessa por investigar sobre turismo porque este constituye una actividad marginal y b) esta actividad continúa marginal porque no tiene los subsidios académicos para un planeamiento adecuado”. Desse modo, o afastamento que ainda existe entre antropologia e turismo impede criar e pensar em estratégias que possibilitem o estudo deste fenômeno contemporâneo, e de chegar a considerá-lo uma área de estudo, como é por exemplo o popular parentesco.

1.1.2. Subárea de Antropologia do Turismo

Apesar do rechaço do turismo que parece prevalecer na antropologia, alguns autores têm procurado sistematizar seus estudos sobre o turismo e suas diversas manifestações, que variam de acordo ao contexto onde se instala. Por exemplo, a antropóloga Maria Carneira da Silva (2004, p. 8) na sua pretensão por realizar uma genealogia da criação de uma Antropologia do Turismo, menciona que os subcampos de estudo desta área tem sido principalmente o impacto do turismo de massa sobre as culturas locais, o turismo como forma de imperialismo e neocolonialismo, os rituais adaptados e apresentados à atividade turística, e o turismo como nova forma de peregrinação. Por outro lado, Agustín Santana (2009, p. 47),

além de novamente mencionar as consequências ou impactos do turismo como campo possível para aproximar-se ao fenômeno turístico, ressalta o interesse por conhecer o funcionamento e estrutura dessa atividade, assim como as relações geradas nela. Da mesma forma, Peter Burns (2002), além de mencionar as reiteradas vertentes correspondentes aos impactos e mudanças geradas pelo turismo, e o âmbito de rituais e peregrinação, agrega uma forma de análise pertinente ao contexto atual, onde o turismo é abordado como uma manifestação do processo de globalização que ao mesmo tempo interage com produtos turísticos, signos e imaginários provenientes do local. Finalmente, além das anteriores concepções, Margarita Barreto (2007) afirma que é possível ir além das repercussões negativas ou mudanças inesperadas, contemplando que, ao limitar o estudo do turismo a seus impactos, estaríamos negando a possibilidade de ação das comunidades, assumindo-as como passivas e inertes. Assim, ver ao turismo como uma mera causa que produz efeitos negativos gera que não seja possível evidenciar “las relaciones dialógicas entre el turismo y las sociedades emisora y receptora” (p. 37), ignorando inclusive a própria dinâmica cultural das populações, onde outros fatores também são produtores de mudanças.

Assim, o turismo resulta atraente para a antropologia pelos desafios teóricos e metodológicos que produz, justificando a importância do estudo da justaposição do global e local, onde é necessário deixar de lado a pretensão da antropologia na busca de “culturas autênticas”, cujas identidades teriam sido geradas e replicadas a partir da experiência colonial. Adicionalmente, o turismo resulta interessante quando abordado como objeto de estudo antropológico, já que possui um caráter “rizomático e imprevisível” (BARRETO, 2003, p. 22) por expandir-se a locais inusitados, incluindo populações que inicialmente não participavam - como as comunidades indígenas-, criando novas opções turísticas, e produzindo reações diversas entre os atores que participam.

1.2. TURISMO INDÍGENA

A capacidade ‘rizomática e imprevisível’ da atividade turística pode ser enxergada quando esta chega num ponto máximo de homogeneização da oferta dos seus produtos, sendo necessário criar “novos turismos” (CORBARI, 2015, p. 57) com o fim de proporcionar experiências diferenciadas, mais profundas e intensas aos turistas nos seus destinos, onde o atrativo principal seja a alteridade. Adicionalmente, estas novas modalidades turísticas se

afastam do turismo de massa, ao pretender suprir a demanda da preocupação crescente pela preservação da natureza e diversidade cultural, onde os povos indígenas e seus territórios sobressaem como referência na hora de pensar alternativas sustentáveis para o médio ambiente. Desta forma, as comunidades indígenas tornam-se objeto de interesse para a indústria turística por suas características culturais e ambientais, que se distanciam das práticas da vida no ocidente.

As novas modalidades turísticas interessadas nas populações tradicionais surgiram com nomenclaturas que resultam confusas quando se deseja analisar teoricamente seu significado, inclusive usadas indiscriminadamente em trabalhos recentes dentro da Antropologia do Turismo, como corroborou a já mencionada Sanda Corbari (2015), que na sua dissertação analisa teses que têm trabalhado com o turismo praticado em e por comunidades indígenas. Algumas destas modalidades são denominadas como ‘turismo alternativo’, ‘turismo étnico’, ‘ecoturismo’, ‘turismo rural’, ‘turismo cultural’, e ‘turismo indígena’, as quais pretendem oferecer ao visitante uma aproximação com o cotidiano dos grupos visitados, e, como afirmam Rafael Fortunato e Lucas Siqueira (2011), tornar a cultura num produto material a disposição, assim como criar novas etnicidades a ser exibidas, que aumentam a fronteira identitária entre locais e turistas. Estes novos tipos de turismo consolidam-se, assim, “pela curiosidade, pelo esnobismo, pela enfermidade e pela busca de climas diferentes”, onde, ainda continuando, “(...) não se busca apenas uma compensação financeira pelo serviço de deslocamento, hospedagem e manutenção, mas também se oferecem, como valor agregado, produtos e serviços que tornam essa viagem atraente, diferente e, até certo ponto, emocionalmente produtiva” (SANTANA, 2009, p. 27). Desta forma, os lugares e culturas mais distantes resultam cada vez mais interessantes para aqueles turistas que procuram experiências novas nos seus tempos de lazer.

Para fins desta dissertação, nos centraremos em usar e explorar as denominações ‘turismo étnico’ e ‘turismo indígena’, considerando que as mesmas aproximam-se ao contexto aqui apresentado, onde ‘o indígena’ e sua etnicidade se torna o atrativo principal. A primeira modalidade, o turismo étnico, procura gerar um encontro e interação entre visitantes e visitados, e desta forma tornar como principal atrativo turístico as barreiras étnicas e culturais que surgem a partir dessa relação. No caso das populações indígenas que se vinculam com este tipo de turismo, muito além de serem as anfitriãs tornam-se no principal atrativo turístico:

“...the native is not simply ‘there’ to provide services; he is an integral part of the exotic spectacle, na actor whose ‘quaint’ behavior, dress and artifacts are themselves significant attractions” (BERGHE, 1980, p. 377). Desta forma, ao acentuar a diferença cultural e étnica dos atores, o turismo étnico ao mesmo tempo torna aos locais alvos de atração turística, assim como todo o que os representa e caracteriza, seja roupas, artesanato, musicas, e estilo de vida. Já o turismo cultural, que para Pierre Van Den Berghe (idem) é uma subdivisão do turismo étnico, pretende exhibir como atrativo turístico, principalmente, os artefatos materiais e imateriais produzidos pelas populações locais e anfitriãs, tais como pinturas, roupas, artesanato, construções, pinturas, entre outros.

Sobre o turismo indígena especificamente, a diferencia de outras modalidades, para Xerardo Pereiro Pérez (2015) esta implica explicitamente a presença física de comunidades indígenas que interagem diretamente com os visitantes, onde é replicada uma etnicidade específica. Adicionalmente, para este mesmo autor, neste tipo de turismo o próprio indígena é tanto o produtor da atividade turística, como objeto de consumo, caracterizando-se também por

“...el modo de hacer y desarrollar turismo —por lo general comunitario, participativo, sostenible, distributivo y ecológico—, por las motivaciones y experiencias de los turistas —atractividad indígena e interculturalidad—, por el enclave donde se desarrolla —nichos ecológicos de hábitat indígena—y por su diferenciación identitaria para adaptarse a un contexto global con el cual se relaciona —diferencial indígena—.”. (p.27)

Portanto, o turismo indígena não corresponde apenas ao turismo praticado em territórios indígenas, ou diretamente com suas comunidades, porém pensado e levado na prática por estes mesmos autores. Contudo, é necessário aceitar neste ponto que o desenvolvimento desta modalidade turística não se dá exclusivamente por atores provenientes de comunidades indígenas, mas também por redes criadas a partir de diálogos estabelecidos com mediadores, agências de turismo, órgãos governamentais, empresas, entre outros. Considerando isto, podemos afirmar que a modalidade praticada no contexto dos Guarani da aldeia Jasy Porã é o turismo indígena, não apenas por eles interagir fisicamente com os visitantes, mas, além disso, por idealizar e traçar a forma como estas interações acontecem junto com outros atores que promovem aos Guarani e sua cultura como atrativo turístico. Informações detalhadas sobre este contexto e os atores que participam e interagem serão apresentadas no 4to capítulo.

1.3. ATRATIVOS E IMAGINÁRIOS TURÍSTICOS

Seja por iniciativa das próprias populações que recebem turistas ou de terceiros, são criados projetos turísticos ‘culturais’ ou ‘étnicos’ nos que se procura mostrar como atrativo “(...) el conjunto de procesos simbólicos, las expresiones y los productos de lo que se denomina comúnmente *cultura*” (ORTIZ, 2012, p. 124). No caso do turismo que involucra populações indígenas, por exemplo, implica explicitamente a interação face a face com os visitantes, onde é replicada uma etnicidade que é negociada e esperada pelos turistas referente ao que significa “ser índio”. Ou seja, sinais diacríticos correspondentes a uma identidade indígena são selecionados para ser ressaltados no momento de contato entre comunidades anfitriãs e turistas, sendo que estas devem ser compreensíveis e reconhecidas por todos os envolvidos na atividade turística. Justamente sobre este ponto, Manuela Carneiro da Cunha, ao se referir especificamente às sociedades multiétnicas, afirma que é fundamental “dispor de símbolos inteligíveis a todos os grupos que compõem o sistema de interação” (2009, p. 231), já que ao abordar a etnicidade como uma linguagem, devem ser compartilhados os mesmos signos e significados para que a comunicação simbólica seja efetiva, e as identidades sejam definidas e reconhecidas, por si próprias e pelos outros.

O antropólogo Rodrigo Grünewald (1999), quem tem pesquisado sobre o turismo praticado pelo grupo indígena Pataxó em Coroa Vermelha, no estado de Bahia (Brasil), explica que, essa correspondência entre identidade indígena esperada pelos visitantes e replicada pelos próprios Pataxó, corresponde a um imaginário pelo exótico que resulta chamativo para o mercado turístico, sendo necessário exibir sinais diacríticos que afirmem uma espécie de “indianidade” – do ser índio-.

Justamente, uns dos principais elementos que permitem que a atividade turística aconteça são os imaginários criados sobre o espaço e cultura de destino, encarregados de estimular uma expectativa nos turistas sobre o local a ser visitado. De forma conceitual, Nicolas Hiernaux (2002, p. 8) descreve que o imaginário seria, de modo geral, uma construção social individual e coletiva correspondente a “el conjunto de creencias, imágenes y valoraciones que se definen en torno a una actividad, un espacio, un período o una persona (o sociedad) en un momento dado”. Ao fazer referência especificamente ao imaginário turístico, este corresponde, de igual forma, a uma construção social de imagens relacionadas à atividade turística, e aos espaços e culturas que ela envolve, influenciados pelos imaginários sociais

mais amplos, relacionados a momentos históricos específicos e contextos dos contatos entre as sociedades, que geram preconceitos e valores sociais sobre os locais e culturas dispostas como atrativos turísticos. Estes imaginários podem ser repassados, por exemplo, em folhetos, propagandas na tv, internet, entre outros, que constantemente influenciam a decisão dos turistas sobre seu próximo destino a visitar. Da mesma forma, existem diversos atores que também constroem e/ou influenciam o imaginário turístico que é repassado sobre determinado local ou anfitriões, como os governos nacionais - e o sistema educativo-, entidades privadas, e organizações internacionais promotoras da atividade turística.

O imaginário, assim, cumpre um papel fundamental dentro do turismo, já que tem a função de gerar e alimentar nas pessoas um interesse por um local ou cultura determinada, tendo predisposições e expectativas sobre o que vão encontrar. Na maioria das vezes, os turistas já tem um imaginário prévio sobre o destino turístico ao qual pretendem ir. Decasper e Servalli (2016) agregam que o imaginário turístico, para ter efeito, precisa de uma imagem que o concretize, ou de canais para promulgar aquela ideia sobre o destino a ser visitado. Os símbolos escolhidos para representar podem ser os mais variados, e depende dos sujeitos que o criam e replicam. Por exemplo, para Daniel Hiernaux (2002) existem pelo menos quatro ideários nos quais os imaginários turísticos do mundo ocidental são construídos, denominados por ele de *la conquista de la felicidad*, *el deseo de evasión*, *el descubrimiento del otro* y *el regreso a la naturaleza*. O primeiro corresponde à relevância que as sociedades ocidentais dão ao hedonismo como seu valor principal, significando que o ato turístico necessariamente deve gerar felicidade e prazer àquele que o pratica. Já *el deseo de evasión* corresponde ao que fez surgir o turismo com mais força, como uma saída à rotina e monotonia que caracteriza a vida cotidiana e o trabalho na vida moderna ocidental. Com *El descubrimiento del otro* Hiernaux se refere à aspiração que nasceu desde o século XVI com a conquista de novos territórios além da Europa - como epítome da cultura ocidental -, por conhecer e aproximar-se a culturas diferentes, já que, enquanto estas estivessem mais afastadas cultural e territorialmente, mais atrativas resultavam. Por último, e não menos importante, *El regreso a la naturaleza*, faz alusão ao desejo vigente pela natureza e o tudo o que a involucra, em oposição à vida na cidade e às catástrofes produzidas pelo ser humano.

Assim sendo, o imaginário corresponde às impressões que os futuros turistas têm sobre um destino turístico determinado, e, ao mesmo tempo, sobre o que compõe aquele

destino. Muitas coisas da realidade turística ficam por fora daquele imaginário, já que, na escolha de quais imagens serão repassadas pelas instituições sociais dominantes, prevalecem aspectos considerados como mais atrativos e exóticos, deixando de lado aqueles outros mais cotidianos. No caso da Tríplice Fronteira entre Argentina, Brasil, e Paraguai, por exemplo, pode ser evidenciado na publicidade sobre a região, que é chamada a atenção à beleza natural existente, assim como a presença de diversas culturas e etnias. Contudo, os Guarani que atualmente moram ali às vezes são mencionados brevemente de uma forma estereotipada, ou nem aparecem como um registro histórico, apenas como uma lenda. Alguns dos imaginários sobre a Tríplice Fronteira e ‘os Guarani’ serão apresentados e especificados no próximo capítulo.

1.3.1. O papel da autenticidade no turismo

Quando elementos étnicos e culturais de populações são incorporadas pelo turismo, surge uma demanda pela autenticidade destes por parte dos turistas que absorvem imaginários criados sobre ditos elementos. No mundo turístico, o autêntico corresponde a algo original, verdadeiro, real e único esperado pelos turistas do destino visitado, influenciado pela publicidade, televisão, cinema, e outras imagens divulgadas que caracterizam locais e populações, tornando-as num produto turístico original e exclusivo. Assim, determinadas características ‘autênticas’ são esperadas do anfitrião, que de não serem correspondidas gera decepção nos visitantes.

De fato, em muitas oportunidades, a decepção surge diante da não correspondência da realidade do destino turístico com os elementos considerados como autênticos criados pelos imaginários turísticos. Este descontentamento pode produzir-se porque a palavra autenticidade, ao ser emitida pelo mundo turístico, “es sinónimo de congelamento” (BARRETO, 2007, p. 93), ou seja, uma negação da dinamicidade característica da cultura e suas expressões. No entanto, como manifesta Yoná da Silva Dalonso (2017), é importante destacar que a autenticidade dentro do turismo – e inclusive dentro da própria antropologia – não é um tópico com significado consensuado, considerando que este termo é um conceito aberto a várias interpretações, seja como uma projeção feita pelos turistas a partir das suas crenças, expectativas, preferencias, imaginários e experiências, ou um conceito relacional e

político onde os “nativos” ou anfitriões realizam uma autoavaliação e projetam estratégias de existência.

No caso das populações indígenas, por exemplo, é desconsiderada a capacidade de mudança que estas também possuem, tendo uma expectativa de encontrá-las como foram descritas nos primeiros registros do contato com o Ocidente, ou como a própria antropologia esperava nos primeiros anos do século XX. Algumas destas percepções e representações correspondem a uma autenticidade e tradicionalidade que espera encontrar-se na comunidade a visitar, através de características exclusivas do indígena e do seu modo de vida, ignorando os contatos que voluntária ou forçosamente influenciaram nas mudanças culturais e sociais destas comunidades.

No contexto das comunidades Mbyá Guaraní de Puerto Iguazú que estão abertas a visitação, alguns turistas que vão conhecê-las ficam decepcionados pelo que encontram, conforme é possível evidenciar em alguns comentários feitos no site especializado em viagens TripAdvisor, onde é alegada ‘pouca autenticidade’ dos passeios e dos indígenas:

PEQUENA COMUNIDADE INDÍGENA CIVILIZADA

Esse passeio permite conhecer uma pequena comunidade de índios Guaranis, mas que já estão em convivência constante com a civilização e que já perderam muito do estilo natural de sua cultura.

(Visitante de Campinas (SP), fev., 2016. Fonte: TripAdvisor)

CULTURA INDÍGENA

Cultura Indígena, porém pouco sobrou de indígena mesmo, a aldeia é pequena, já não vivem só do extrativismo.

(Visitante, out., 2015. Fonte: TripAdvisor)

NÃO VALE A PENA!!!!

Como tínhamos tempo sobrando fomos visitar a comunidade indígena mas foi decepcionante!! Não recomendo pois não há nada interessante para ver lá. Na entrada um dos indígenas nos serviu como guia mas ele não mostrava e nem falava nada, só aquilo que perguntávamos. A tribo já está totalmente “urbanizada”, não mantém nenhum dos seus costumes do passado.

(Visitante do Rio de Janeiro (RJ), nov., 2014. Fonte: TripAdvisor)

Como é visto, nesses comentários os visitantes manifestaram ter ficado pouco conformes com o que encontraram nas aldeias Guaraní, culpando a convivência constante que estas têm com a civilização (talvez pela proximidade com a cidade, os hotéis cinco estrelas, e uso de artefatos como celulares, rádios, carros e motos) pela perda da sua cultura e costumes indígenas.

Em outras oportunidades, a decepção também surge a partir da relação que emerge entre os turistas e os locais, que para Van Den Berghe (1980) é sempre estereotipada e superficial, além de “often highly impersonal, segmental, uninvolved, manipulative, exploitative, based on mistrust and dislike, and patterned” (p. 378). Com esta afirmação, o autor ressalta que o tipo de relações mediadas pelo turismo, neste caso específico aquele vincula populações indígenas, fazem uma espécie de paródia de uma relação humana entre diferentes, encontrando-se no meio expectativas que nascem a partir da ignorância de um sobre o outro. Para Margarita Barreto (2004, p. 147), o desconhecimento de um pelo outro corresponde ao grande paradoxo do turismo, já que este se propõe contatar “pessoas que não enxergam a si mesmas como pessoas, mas como portadoras de uma função precisa e determinada: uns trazem dinheiro com o qual comprem os serviços do outro. O primeiro é consumidor, o outro, parte da mercadoria, e é essa a relação que prevalece”. Estas relações turísticas superficiais são denominadas por Van den Berghe (1980) como *touree relationship* (p. 378), e surgem a partir da ideia do ‘nativo performatizado’ ou *touree* (p. 378). Neste sentido, a *touree relationship* corresponde a um vínculo espetacularizado entre visitante e anfitrião

intrinsically asymmetrical, not only in terms of disparity of wealth (favoring the tourist) and information (favoring the touree), but also insofar as the tourist is a spectator and the touree a performer. The touree not only interacts with the tourist across a cultural and linguistic gap to achieve a common end. The touree also plays at being himself for the enjoyment of the tourist. The touree literally makes a spectacle of himself. (ibid, p. 389)

Neste sentido, o turismo opera como uma obra de teatro onde seus participantes fazem sua cena diante o outro (Cristina Oehmichen, 2013), um espetáculo ou simulacro onde os imaginários que são replicados das populações tradicionais são recriados. Nem turistas nem locais pretendem acreditar que isso que está sendo simulado é a verdade, mas que corresponde a uma representação. Este mesmo sentimento também é expressado por alguns turistas que já visitaram as aldeias Mbyá Guaraní em Puerto Iguazú, que expressaram ter sentido incomodidade ao longo da visita, já que a relação estabelecida com os indígenas era forçada, sendo evidente o descontento dos locais quando os recebiam. Estes turistas não esperavam que os Guaraní se apresentassem como uma atração, mas que mostrassem sua ancestralidade.

BOA APROXIMAÇÃO, PORÉM FORÇADA

Como fotógrafa queria esta experiência mais do que outras em Iguazú. Mas posso dizer que fiquei triste. As crianças pareciam tristes, como se fossem uma atração

forçosa. Vimos uma casa só, preparada para turistas. Em outras palavras não me pareceu autêntica.

(visitante de Buenos Aires (AR), out., 2017. Fonte TripAdvisor. Traduzido do espanhol pela autora)

DISCUTÍVEL - :(

Se bem é um atrativo e fonte de conhecimento de uma cultura pouco aberta ao público.. fui embora com uma sensação muito triste ao ser cúmplice desse show.

Comparti a visita guiada com esses turistas pouco respeitosos por outras culturas, rindo dos costumes, matando formigas que os próprios guaranis (sem sapatos) esquivam, e tirando fotos como se fosse um safari com os residentes.

Ao final da visita, um grupo de crianças com rostos cansados e chateados cantam umas músicas na sua língua.

(visitante de Buenos Aires (AR), abr., 2017. Fonte: TripAdvisor. Traduzido do espanhol pela autora)

VISITA COMUNIDADE MBORORÉ

Visitamos esta comunidade guarani minha namorada e eu o 9 de junho de 2016. É possível chegar através de uma trilha na floresta, primeiro realizada num caminhão 4x4 e depois a pé. Francamente, a situação ao longo de toda a visita foi desconfortável. Um guia de origem guarani vai contando particularidades da sua cultura e sua organização socioeconômica e oferece a oportunidade de realizar diversas perguntas. Seu testemunho e a atitude dos seus colegas de comunidade não resultaram verdadeiros. O guia insistia na possibilidade de fotografar aos “indígenas” (sim, como se fossem uma espécie de atração ou alguma coisa assim), argumentando que “estavam acostumados”. Tivemos a sensação de que alguma coisa não estava bem, de que ocultava coisas. As meninas que participaram no baile ritual não pareciam confortáveis. Por outro lado, não deixou claro em qual situação social se encontravam. Supostamente estão liderados por um “cacique” que tem ampliado o número de hectares disponíveis para sua população e que trata “muito bem”, tanto que foi eleito para “vinte cinco anos” e seria eleito para “outros vinte”. Contudo, não fica claro se os meninos e meninas que andam sem sapatos e morando em casas de barro fazem por vontade própria ou se é uma situação de pobreza encoberta.

(visitante, jun., 2016. Fonte: TripAdvisor. Traduzido do espanhol pela autora)

Na performance turística atuam outros atores que, na prática, executam o turismo como atividade econômica e social. Segundo Van Den Berghe (1980), autor que está interessado em analisar as relações étnicas geradas dentro do turismo, ressalta que existem três papéis de atores que se relacionam: o turista, o *touree* e o intermediário.

O primeiro (turista) corresponde àquele indivíduo que realiza um deslocamento com fins de lazer, visitando e conhecendo outra terra ou cultura. Já o *touree*, ator que para Van den Berghe (1980, p. 380) resulta mais relevante na hora de analisar a performance da autenticidade no turismo, “modifies his behavior for gain according to his perception of what is attractive to the tourist”, mudando assim seu vestido, arte, música, e palavras com o fim de diferenciar sua realidade de nativo com aquela que é selecionada e criada para transmitir aos turistas. O *touree*, por tanto, é a exposição que o nativo cria para ser apresentada ao turista,

tornando-se objeto de atenção para o último. Finalmente, os intermediários são todas aquelas pessoas ou instituições que a partir de suas ações em conjunto conseguem concretizar o encontro entre o visitante e o visitado, atuando na logística e bastidores do turismo. Como intermediários poderíamos considerar as agências e agentes turísticos, hotéis, restaurantes, companhias aéreas, transportes, e inclusive os sites de viagens como o já mencionado TripAdvisor.

A origem dos intermediários pode ser muito diversa, contudo Van den Berghe (1980) ressalta, a partir da sua pesquisa de campo na região turística de Cuzco no Peru, que em contextos onde o turismo se instaura em territórios de comunidades tradicionais, muitos dos intermediários provêm destas populações. Segundo ele, estes atores que adquirem o papel de intermediadores nativos se tornam os mais hábeis, ao negociar diretamente com o turismo usando o amplo conhecimento que tem sobre a cultura local, sabendo ao mesmo tempo aquilo que os visitantes estão procurando deles. Embora Van den Berghe ressalta que o intermediário nativo explora de forma exacerbada o exotismo emanado da população à qual pertence, ou dos *touree*, e que inclusive adquire benefícios disso fazendo parte de uma “*petty bourgeoisie*” (Idem, p. 381), não é sempre do interesse do intermediário tirar proveitos materiais da sua função, nem usar os conhecimentos que possui sobre sua população para este fim. Pelo contrário, muitas vezes no momento que o intermediário exerce sua função diante o mundo turístico aproveita para apresentar um pouco da sua cultura como uma forma de fazê-la respeitar diante um grande mundo comercial que se impõe diante dele.

Analisando esta divisão proposta por Van den Berghe no contexto dos Guaraní Mbyá da aldeia Jasy Porã, existe alguém que cumpre a função de intermediário, que faz a ponte com os turistas e os Guaraní *touree*, e que conversa com instituições privadas para fazer parcerias de apresentações turísticas. Este intermediário cumpre o papel de representante legal e comercial da aldeia, e em alguns períodos de vice-cacique. Não possui necessariamente maior quantidade de bens materiais que outros membros da aldeia, nem tem uma vida ‘mais acomodada’, se bem conta com certo prestígio e reconhecimento, tanto dentro da aldeia como no mundo do turismo ao seu redor. Vale a pena ressaltar que este intermediário pode ser considerado, nas palavras de Van den Berghe, como um intermediário e *touree* ao mesmo tempo já que, por um lado, é ele quem faz as principais articulações com o mundo turístico, isto é, quem coordena as visitas na aldeia, organiza o coro de crianças e adultos Guaraní para

apresentações, e por outro, também atua nas apresentações musicais e turísticas, a maioria das vezes como o principal interlocutor. O reconhecimento deste representante como figura mediadora com o exterior da aldeia –e já não apenas com o turismo- é ressaltado pelos próprios Guarani pela sua capacidade de fala, não apenas da língua já que domina, além do Guarani, o espanhol, português, e algo de inglês, mas na sua habilidade de dizer as palavras certas que conseguem gerar uma importante repercussão nas pessoas que o ouvem.

Com isto não quero dizer que o intermediário de Jasy Porã, como mediador e *touree*, não se vale de uma visão estereotipada existente no turismo sobre o que é ser um índio de modo genérico, mas que estrategicamente usa isso para se aproximar aos outros atores do turismo, sejam os próprios visitantes, ou as organizações com as quais fazem parceria, e, uma vez convergem, aproveitar para apresentar a cultura Guarani e questionar o porquê da sua participação no turismo. Desta forma, longe de pretender romantizar a forma como os mediadores que pertencem às populações tradicionais lidam com o turismo, pretendo questionar os diversos arranjos que eles fazem na sua função de lidar com ambos os mundos, o local e o turístico, considerando que nem sempre se tornam totalmente em *petty bourgeois*.

1.4. APROPRIAÇÃO DO TURISMO PELAS COMUNIDADES INDÍGENAS

A relação que é estabelecida entre as populações indígenas e a dinâmica econômica mundial, manifestada através do turismo, é aproveitada para o posicionamento destas comunidades diante o mundo globalizado, acionando certos traços culturais que chamam a atenção do exterior. Assim, a etnicidade que as populações manifestam por meio do turismo pode ser abordada como a resposta que estas dão às práticas provenientes do mundo dos brancos. Esta etnicidade, por um lado, se manifesta a partir de uma negociação e correspondência estabelecida com os imaginários e preconceitos dos visitantes, assim como no fortalecimento de elementos culturais diferenciadores que foram perdidos com o violento processo de colonização.

Em um estudo sobre os Pataxó de Coroa Vermelha, Sandro Campos Neves (2012) analisa pontualmente a operação turística desenvolvida nesta região, e com ela o surgimento de um processo de afirmação da indianidade, onde são selecionados certos diacríticos que correspondem a marcadores de uma identidade étnica Pataxó definida pelos participantes da

atividade turística. Adicionalmente, para este mesmo autor, a etnicidade mobilizaria não simplesmente as identidades étnicas para fins de organização política e social, mas também tem a função interna de estabelecer um processo de reelaboração cultural a partir do qual determinadas características culturais são ressaltadas, sendo resgatadas línguas consideradas perdidas, ou práticas que foram esquecidas diante do contato com o mundo dos brancos. Desta forma, o turismo poderia ser considerado como proveitoso para que as comunidades tradicionais se posicionem diante o mundo atual, reivindicando uma vez mais sua existência e o direito a ter suas particularidades e diferenças diante um contexto que pretende homogeneizá-las. No caso do turismo, os anfitriões consideram aquilo que pode caracterizá-los e os elementos identitários que os visitantes esperam identificar neles.

Na hora de referir-nos à etnicidade gerada especificamente no âmbito turístico é importante considerar que não são simplesmente replicadas as identidades coloniais, à qual pertence a ideia de um índio genérico e exótico, mas outras identidades étnicas correspondentes a “[...] novas comunidades em posições subalternas que tentam falar de si mesmos contra o mundo anônimo e impessoal das forças globalizadas presentes na diversidade do mundo pós-moderno” (GRUNEWALD, 1999, p. 144). Assim, a etnicidade é considerada, neste caso, como o lugar a partir do qual estas populações se posicionam e se comunicam com o mundo contemporâneo manifestado através do turismo.

Algumas comunidades indígenas permitem a prática do turismo e o uso da sua cultura para este fim, por não ter as condições necessárias para a auto subsistência, principalmente diante da dificuldade de acesso à terra (BRIGHENTI, 2010), onde, em alguns casos, estes mesmos criam projetos turísticos “culturais” ou “étnicos” nos quais procuram mostrar como atrativo “(...) el conjunto de procesos simbólicos, las expresiones y los productos de lo que se denomina comúnmente *cultura*” (ORTIZ, 2012, p. 124). Em outros casos, povos indígenas são pressionados para fazer parte da atividade turística, como apresenta Isis Lustosa (2012) no caso dos Jenipapo-Kanindé no estado de Ceara (Brasil), que têm sido forçados por representantes de empreendimentos turísticos para permitir o ingresso à terra indígena.

1.5. DESAFIOS PARA A ANTROPOLOGIA

Como visto nos primeiros parágrafos deste capítulo, a antropologia funda-se em sentimentos de desesperança por registrar todo o que estaria preste a desaparecer e que deixaria de ser autêntico. É preciso compreender que agora o objeto de estudo da antropologia não é mais um grupo “nativo” fixo, fechado, isolado e estático, mas, como afirma Oscar Calávia (2011, p. 590), é elaborado conjuntamente em campo: “Agora, como sabemos, o objeto não está mais ali, deve ser cozinhado na hora a quatro mãos entre antropólogo e nativo, e de acordo com as normas culinárias do lugar e do momento”. Assim, o objeto de estudo não está na antropologia, mas dentro das suas próprias formulações e alcances, não correspondendo mais à mera descrição de práticas culturais e sim às ações que são realizadas diante os encontros díspares, ou no caso pontual das populações indígenas, à resposta que estes dão para as invenções e intervenções do homem branco.

No caso do turismo como objeto de estudo da antropologia, como foi apresentado reiteradamente ao longo do presente capítulo, é importante ter presente que um sentimento de tensão parece acompanhar toda pesquisa que se propõe abordar esta atividade, principalmente quando populações indígenas participam. Esta tensão não acompanha apenas a antropologia, e ao antropólogo como aquele que defronta em campo o turismo e seus efeitos, mas também aos próprios turistas e visitantes que manifestam inconformidade quando o imaginário que eles têm sobre ‘o índio’ não corresponde com a realidade turística encontrada, julgando pela pouca autenticidade do espaço e dos anfitriões.

Para compreender um pouco mais sobre os imaginários que são construídos e repassados sobre o contexto aqui exposto, correspondente à Tríplice Fronteira e à presença Guarani na mesma, assim como para perceber quais as expectativas dos turistas sobre a região e sobre um possível contato com os Guarani residentes, no próximo capítulo apresentaremos este contexto fronteiriço e turístico, ressaltando o discurso existente sobre a diversidade natural e cultural/nacional, que faz alusão à suposta irmandade existente entre todos aqueles que fazem presença na região. Ao mesmo tempo, procuraremos questionar que esse discurso oficial que promulga diversidade limita-se diante da presença de populações indígenas, pontualmente dos Guarani. Neste apartado, os Guarani serão apresentados de forma superficial, justamente por basearmos nas referências que são obtidas nos discursos e imaginários que circulam. Com isto, pretendemos apresentar de que forma os Guarani são

pensados em meio do desconhecimento que apenas é nutrido por discursos oficiais e turísticos.

2. A TRÍPLICE FRONTEIRA E SEUS IMAGINÁRIOS SOBRE “O GUARANI”

*Existe um lugar como nenhum outro.
Um lugar repleto de encantos e energias positivas [...]
Terra de todas as gentes,
da diversidade cultural de oitenta e um etnias [...]
Um lugar onde a natureza fez sua obra prima,
e a força criativa do homem que transforma sonhos em construção.
Na fronteira de três países.
Nos limites da emoção [...]*

Fragmento do vídeo Institucional “Foz do Iguaçu, Destino do Mundo 2016”, divulgado pela Itaipu Binacional¹⁷.

Na confluência dos rios Iguaçu e Paraná, acompanhados pelas Cataratas do Iguaçu como uma das novas Sete Maravilhas do Mundo Natural¹⁸, e, de maneira ampla, rodeada por uma riquíssima biodiversidade de flora e fauna, se encontra a tríplice fronteira mais movimentada da América do Sul, onde convergem as cidades de Puerto Iguazú (Argentina), Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai), ao mesmo tempo caracterizada por possuir fortes fluxos econômicos, de pessoas, objetos e imaginários específicos. Estas e outras características da fronteira em questão são ressaltadas, principalmente, através de propagandas turísticas que são divulgadas de forma massiva para qualquer visitante, e inclusive para os próprios moradores. Por exemplo, no trecho citado anteriormente sobre o vídeo institucional da cidade de Foz do Iguaçu é possível confirmar os atributos e qualidades que são comumente destacados desta cidade, e de modo geral da região como um conjunto, tais como a exuberância da beleza natural, a diversidade cultural e linguística, assim como um passado guarani que supostamente deu origem a características culturais particulares da região.

No entanto, neste capítulo pretendemos, além de apresentar a Tríplice Fronteira a partir dos seus discursos e imaginários oficiais, problematizar o apagamento da existência de populações Guarani na atualidade da fronteira a partir destes últimos. Para esse fim, procuramos trazer alguns dos discursos provenientes tanto da esfera política como turística que fazem brevemente referência aos Guarani, materializados em propagandas turísticas, símbolos da identidade regional, palavras mencionadas por instituições do estado e personagens públicas, entre outros, para assim compreender de que forma estas populações

¹⁷ Vídeo disponível para ser assistido aqui: https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=5Q85a8NEyac

¹⁸ “Cataratas do Iguaçu estão entre as Sete Novas Maravilhas da Natureza”. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/02/cataratas-do-iguacu-estao-entre-sete-novas-maravilhas-danatureza.html>.

são pensadas pelos habitantes e visitantes da Tríplice Fronteira, e com quais imaginários os Guaraní se enfrentam no seu dia a dia.

2.1. PARTICULARIDADES DA TRÍPLICE FRONTEIRA

A chamada Tríplice Fronteira¹⁹, como um conjunto interconectado e particular, se distingue de outras regiões no Cone Sul também tri fronteiriças não apenas pela diversidade natural e cultural presente, mas também por ser:

[...] a que tem as maiores cidades, que são articuladas mais precocemente – começando no final da década de 1950 com a fundação da última cidade que compôs a ocupação dos três lados, Puerto Presidente Stroessner (mais tarde, Ciudad del Este). Em várias publicações da região é possível observar de que modo pessoas distintas começam a se referir àquele espaço como algo que pode ser englobado em um conceito [...]. (RABOSSA, 2011, p. 40)

Efetivamente, esta Tríplice Fronteira se destaca por ser a que possui maior quantidade populacional na América do Sul, assim como a mais desenvolvida em termos econômicos e de infraestrutura (KLEINSCHMITT, AZEVEDO e CARDIN, 2013). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE a população estimada da cidade de Foz do Iguaçu para o ano de 2016 foi de 263.915 pessoas²⁰. Os últimos dados do censo argentino realizado pelo *Instituto Nacional de Estadística y Censos* - INDEC no ano de 2010 indicaram que a cidade de Puerto Iguazú possuía 82.227 pessoas no total²¹. Já no censo paraguaio disponibilizado em meio digital, datado do ano 2002²² e feito pela *Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos* – DGEE, informa que havia 222.274 pessoas morando em Ciudad del Este, sem considerar a forte movimentação de pessoas entre cidades do departamento de Alto Paraná, Paraguai. Desta forma, a população que atualmente reside na Tríplice Fronteira, contando apenas estas três cidades, é de aproximadamente 568.416 pessoas, considerando possíveis alterações no decorrer dos anos de origem desses dados.

¹⁹ Segundo Rabossi (2011, p. 40), o conceito de Tríplice Fronteira começou a ser usado como substantivo próprio para esta região após o atentado à *Asociación de Mutuales Israelitas Argentinas* em 1994 na cidade de Buenos Aires, e com a posterior criação do *Plan de Seguridad para la Triple Frontera* assinado pelos ministros do interior da Argentina, Brasil e Paraguai, onde foram estipulados controles de segurança nesta área.

²⁰ Estes dados se encontram disponíveis para consulta online nesta plataforma: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/pr/foz-do-iguacu/panorama>. Acesso em 16/08/2017.

²¹ Como é relatado nos informes do censo de 2010, disponíveis aqui: http://www.indec.gob.ar/censos_provinciales.asp?id_tema_1=2&id_tema_2=41&id_tema_3=135&p=54&d=063&t=0&s=0&c=2010. Acesso em 16/08/2017.

²² O censo do ano de 2002 é o último disponibilizado para consulta pela *Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos* – DGEE. Contudo, no ano de 2015 este mesmo órgão elaborou uma série de projeções populacionais por sexo e idade para o tempo compreendido entre os anos de 2000 e 2025. Em Ciudad del Este, por exemplo, foi calculado que para o ano de 2012 houvessem 281.422 habitantes.

O desenvolvimento da região e sua consolidação como espaço nacional potencial começaria a partir das guerras de independência dos países que atualmente conformam esta Tríplice Fronteira, e suas tentativas militares de delimitar os territórios nacionais. No Paraguai a independência do Império espanhol aconteceu em 1811, anos antes em relação a Argentina (1816), e uma década antes que o Brasil do Império português (1822). Contudo, a delimitação efetiva das fronteiras nacionais destes três países foi efetuada somente depois da Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai, que aconteceu entre os anos de 1865 e 1870, e que surgiu a partir de uma coalizão militar conformada pela Argentina, Brasil e Uruguai enfrentando o Paraguai. Segundo a historiadora Nidia Areces (2010), os motivos desta guerra foram, no primeiro momento, a tentativa de definição de soberania e delimitação dos territórios nacionais dos novos estados na América Latina, especificamente no contexto rio-platense, e no segundo, os interesses da Inglaterra por impor sua política livre-cambista na região, enxergando o Paraguai como uma ameaça por auto sustentar-se em termos industriais (p. 190). Após este episódio histórico, culminando na derrota do Paraguai, ficaram várias sequelas da guerra, tais como o desequilíbrio populacional entre os sexos e as gerações, a desorganização do Estado e sua administração, as perdas documentais e arquivísticas que seriam a base para sustentar uma memória nacional, a perda de um vasto território repartido principalmente entre o Brasil e Argentina, ou como resume Areces de forma mais profunda: “La guerra ha impactado no solo en la esfera político-ideológica, sino también en la de los sentimientos [...]” (ibid., 194).

Em seguida desta disputa entre os países que constituem o que hoje chamamos de Tríplice Fronteira, foi de suma importância para os Estados nacionais envolvidos garantir a propriedade destas terras já demarcadas, incentivando a ocupação territorial efetiva, reforçando o controle militar, e instaurando economias extrativistas em torno da erva mate e da madeira (CURY, 2010, p. 117). A necessidade de proteger as recém delimitadas fronteiras na região se constata, por exemplo, na instauração da Colônia Militar do Iguassu em 23 de Novembro de 1889 sob a jurisdição de Guarapuava, onde atualmente se encontra Foz do Iguaçu, que por sua vez só adquiriu a categoria de cidade o dia 10 de Junho de 1914 (LIMA, 2001), tornando-se assim um município independente e diretamente relacionado com o estado do Paraná. No entanto, nos primeiros anos desta cidade brasileira seu único acesso possível era via rio Paraná, destacando-se a navegação argentina procedente de Buenos Aires que

trazia mercadorias a serem comercializadas e consumidas. Isto gerou que nas primeiras décadas do século XX fosse mais relevante a presença argentina e suas influências culturais na região, do que do Paraguai, estando mais próximo, assim como do próprio Brasil.

A cidade de Puerto Iguazú, localizada no norte da província de Misiones (Argentina) foi fundada antes que as vizinhas Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, no ano de 1910. Desde seu marco fundacional a cidade tem estado marcada pela relevância do turismo em torno das Cataratas do Iguaçu, já que esta data indica a chegada da primeira excursão turística às quedas da água, e, pontualmente, à doação do dinheiro que Victoria Aguirre, uma das turistas procedentes de Buenos Aires que ia naquela excursão, fez para abrir um caminho acessível até as Cataratas desde Puerto Aguirre, nome da cidade naquela época. No ano de 1928 foram adquiridas as terras que se projetavam para tornar-se *Parque Nacional del Iguazú*, que até então estavam em mãos de particulares. Contudo, o Parque como propriedade da nação argentina foi criado e delimitado até 1934, incentivando a instauração dos primeiros hotéis, agências turísticas, e outros atrativos complementares às Cataratas²³. Já do lado brasileiro, as Cataratas do Iguaçu, que também eram propriedade privada, foram transformadas em domínio público em 1939, quando foi criado o Parque Nacional do Iguaçu. Este acontecimento contribuiria também para afirmar e defender as recém-delimitadas fronteiras nacionais, considerando que nesta época existia a urgência por criar parques ou reservas ambientais dentro dos territórios nacionais, conduzida pela ideia de conservação e preservação (CURY, 2010, p. 78) do que estava prestes a se extinguir pela mão do homem.

Tempo depois da fundação de Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú, assim como da criação dos Parques Nacionais do Iguaçu que cercaram as Cataratas do Iguaçu, na margem paraguaia da Tríplice Fronteira seria fundada em 1957 Ciudad del Este como capital do departamento de Alto Paraná. Contudo, os primeiros nomes outorgados a esta cidade foram Puerto Flor de Lis e, anos depois, Puerto Presidente Stroessner, sendo este último substituído por Ciudad del Este em 1989, época do fim da ditadura de Alfredo Stroessner e da intensificação das relações econômicas com o Brasil. Entretanto, as atividades comerciais na região, o turismo e o comércio de fronteira começariam a desenvolver-se a partir dos anos 60, após a construção da Ponte Internacional da Amizade (27 de Marzo de 1965) que liga o Brasil com Paraguai sobre

²³ Informação geral sobre o marco fundacional e histórico de Puerto Iguazú se encontra disponível no site da prefeitura, neste enlace: <http://iguazu.gob.ar/resena-historica/>

o Rio Paraná, e a construção da rodovia BR-277 em 1969 que conecta Foz do Iguaçu com o porto de Paranaguá. Ambos os projetos, cuja edificação foi incentivada pelos governos de Juscelino Kubitschek no Brasil e Alfredo Stroessner no Paraguai, resultaram emblemáticos porque permitiram a ligação terrestre dos dois países e possibilitaram que o Paraguai tivesse outra saída ao Atlântico além do Río do Prata. Justamente é também nesta década que começaria a destacar-se a chegada de comunidades árabes na região atraídas pelo comércio, oscilando entre o Brasil e o Paraguai, considerando que naquela época Ciudad del Este começaria surgir como uma das principais zonas de livre comércio da América do Sul (CURY, 2010, p. 156), sendo um meio de entrada de importações provenientes de múltiplos países do mundo inteiro vendidos sem impostos.

Entretanto, o fato que marcaria o incremento populacional e econômico da Tríplice Fronteira como um conjunto foi a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional, definida a partir da assinatura da Ata do Iguaçu em 1966, que selou o acordo entre os governos militares do Brasil e Paraguai incrementando o aproveitamento energético dos recursos hídricos do rio Paraná, desde a região de Guaíra até o rio Iguaçu. Em 1973, esta Ata seria reafirmada pelo Tratado de Itaipu, marcando o início da construção da hidrelétrica, e com isso, a divisão da energia entre os dois países. Especificamente sobre Foz do Iguaçu, Mauro Ferreira Cury (2010) ressalta na sua tese sobre territorialidades transfronteiriças na região que entre as décadas de 1970 e 1980, anos em que a Itaipu foi construída, a população desta cidade se quintuplicou passando de 33.966 a 136.321, continuando a ter nos seguintes anos uma taxa similar de crescimento (p. 157).

Ainda que, como foi ressaltado, a interação entre o Brasil e o Paraguai começaria a intensificar-se com os empreendimentos desenvolvidos a partir da década de 1960, a relação direta entre Argentina e os outros países da Tríplice Fronteira só se efetuariam a partir de 1985, quando foi finalizada a construção da Ponte Internacional Tancredo Neves que conecta as cidades de Puerto Iguazú e Foz do Iguaçu sobre o rio Iguaçu. Além de vincular estas duas cidades, esta ponte conseguiu conectar comercial, industrial e turisticamente os três países. Poderíamos assim considerar que após essa data o fluxo e circulação de pessoas, idéias, objetos e imaginários específicos se intensificou, constituindo a Tríplice Fronteira como um todo integrado.

Pensando na intensidade de interações dadas atualmente, no entanto, estas se dão de forma mais intensa entre o Paraguai e o Brasil, tanto por ficarem mais próximas territorialmente as cidades fronteiriças respectivas, quanto pela pouca fiscalização existente nas aduanas dos ambos os países. Em relação ao deslocamento para o lado argentino este se torna ainda mais complexo. Desde Ciudad del Este não há uma conexão direta por terra com Puerto Iguazú, sendo necessário cruzar pela Ponte da Amizade até Foz do Iguaçu, e posteriormente atravessar a Ponte da Fraternidade sob o rio Iguaçu até a cidade argentina. Logo transitada esta ponte, é encontrado o *Duty Free* - como espaço de compras livre de impostos -, e ao lado a aduana argentina com fortes procedimentos de segurança para aqueles que se propõem atravessá-la. Para as pessoas que viajam de ônibus, seja ele de turismo ou de transporte de passageiros entre as cidades fronteiriças, é necessário descer, apresentar os documentos de identificação aos funcionários, e às vezes responder perguntas relacionadas sobre o destino e a finalidade da viagem. Enquanto tudo isso acontece, o ônibus é revisado minuciosamente em procura de drogas, armas, entre outros elementos considerados como estranhos e ilegais. Antes dos passageiros embarcarem são revisados seus pertences por máquinas de raios-X. Se não houver alguma coisa que as autoridades argentinas achem perigosa, os passageiros são autorizados a continuar sua viagem. De carro o procedimento não é muito diferente, já que os ocupantes também devem apresentar seus documentos pessoais, isto sem descer do carro. Após este procedimento, às vezes os carros também são revisados pelas autoridades. Todo este procedimento burocrático feito por quem deseja ir de Ciudad del Este ou de Foz do Iguaçu em direção a Puerto Iguazú dificulta a circulação já presente nas outras cidades, assim como uma acentuação da distância, territorial e cultural, entre a cidade argentina e as outras que compõem a Tríplice Fronteira.

A atualidade das cidades que compõem esta região tri fronteiriça não varia muito das características de fundação mencionadas anteriormente, já que prevalecem o turismo e comércio como as atividades econômicas principais. No âmbito comercial, além de Ciudad del Este ser a segunda cidade que se destaca no Paraguai – depois da capital Assunção - tanto a nível territorial, populacional e econômico, também é uma das zonas de livre comércio mais importantes do mundo. Considerando este último aspecto, a característica principal desta cidade não é apenas ter uma forte atividade comercial em relação às suas vizinhas, sobretudo no que tem a ver com a venda de produtos a baixo custo, mas, como afirma Rabossi (2004)

Sua peculiaridade está vinculada à sua incorporação em circuitos comerciais transnacionais que articulam dito espaço com distantes lugares de produção e com

centros comerciais localizados noutras partes do mundo, e por onde fluem pessoas de diversas origens e mercadorias das mais variadas procedências. (p.10)

A relevância de Ciudad del Este como pólo comercial mundial também permeia a Tríplice Fronteira como um conjunto todo, gerando assim um tipo de turismo de compras em torno dos vários negócios, no caso do microcentro de Ciudad del Este as casas comerciais onde prevalecem eletrônicos e roupas, na região de Foz do Iguaçu mais próxima da Ponte da Amizade outros comércios menores, e em Puerto Iguazú lojas de artesanato, lembranças, assim como bares e restaurantes. Inclusive, várias agências de turismo da cidade de Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú oferecem pacotes exclusivos para turistas interessados em passar todo um dia em Ciudad del Este com o único fim de comprar, oferecendo transporte, dicas para ingressar a determinados shoppings e lojas. Já em cidades brasileiras e argentinas mais afastadas da tríplice fronteira são organizadas excursões que tem como propósito descobrir os preços baixos das lojas de Ciudad del Este, deixando de lado inclusive a visita às Cataratas do Iguaçu. Inclusive, ao longo da rodovia BR 277 que conecta o porto de Paranaguá com a cidade de Foz do Iguaçu podem ser apreciados cartéis que convidam em português e espanhol a visitar o Paraguai e o exclusivo shopping Mona Lisa em Ciudad del Este. “Visite o Paraguai, compre na Mona Lisa / Visite Paraguai, compre em Mona Lisa” acompanha o trajeto de viajantes em vários pontos da rodovia, intensificando-se o número de cartéis quando está mais próxima a fronteira. Assim, a região trífrenteira, e especificamente Ciudad del Este, se torna chamativa para adquirir mercadorias com um custo mais baixo que em outras regiões, gerando assim o deslocamento diário de inúmeras pessoas procedentes de vários lugares do mundo, que planejam viagens exclusivamente para efetuar suas compras, seja como *turistas-turistas* ou *compristas*²⁴.

Sobre o comércio instaurado na Tríplice Fronteira tem sido criado um imaginário desta região (e sobre as fronteiras nacionais de forma generalizada como espaços liminares, sem regras e fiscalização) ligado à ilegalidade e terrorismo, alimentado por supostas atividades que ali acontecem como tráfico de drogas, armas, mercadorias não declaradas ou falsificadas, pessoas, presença de grupos criminais, e inclusive grupos terroristas que representam uma

²⁴ Terminologia usada por Rabossi (2004), a partir do trabalho de campo que realizou na área comercial de Ciudad del Este, onde percebeu que existe uma diferença entre aqueles que vão à cidade para comprar objetos pessoais, e outros que compram para revender no seus locais de origem. Estes últimos seriam os *compristas*, adquirindo outros nomes de acordo com o nível de legalidade dos produtos adquiridos e do seu transporte, sendo *sacoleiro* ou *muambeiro* (p. 53). Dependendo do contexto, este Turismo de Compras, que no caso de Ciudad del Este é denominado assim por Rabossi, pode ser conhecido também como Turismo de Negócios.

ameaça à segurança dos Estados nacionais, justificando assim a intervenção dos Estados Unidos. Especificamente por causa da forte presença de comunidades árabes na região, e por atentados terroristas acontecidos em Buenos Aires no ano de 2001 atribuído a estas populações, a Tríplice Fronteira passou a ser um local relevante de controle dentro da agenda de segurança contra o terrorismo dos Estados Unidos²⁵.

Por outro lado, Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú estão consolidadas principalmente em torno à atividade turística desenvolvida ao redor das Cataratas do Iguaçu. A cidade da margem brasileira se distingue das outras por sua infraestrutura urbana, evidenciada em grandes ruas e avenidas asfaltadas em quase todos os bairros, ônibus mais amplos e modernos, shoppings, aeroporto com imponente estrutura, entre outros aspectos ressaltados pelos moradores da Tríplice Fronteira que destacam a Foz do Iguaçu pela qualidade de vida que oferece. Já do lado argentino, na cidade de Puerto Iguazú, é visível a presença do turismo na maior parte da cidade, contando com vários atrativos complementares às Cataratas, como parques, caminhos na beira do rio Iguaçu, comércios, artesanato, e, o que é mais destacado para os turistas, os inúmeros restaurantes e bares que apresentam uma ideia da culinária argentina, assim como clubes noturnos que chamam a atenção pela variedade de música latina²⁶, o que não é frequente do lado brasileiro. Considerando isto, da mesma forma que há pacotes turísticos para fazer compras em Ciudad del Este, também são oferecidos passeios noturnos à cidade argentina para conhecer a gastronomia do país a partir da degustação de vinhos, queijos, *empanadas*, *alfajores*, carnes, entre outros. Adicionalmente, são oferecidos *toures* a discotecas de Puerto Iguazú, incluindo o transporte ida e volta no horário a ser combinado pelo visitante, o ingresso, e um drink de boas-vindas. Curiosamente, ao visitar Puerto Iguazú nas horas da noite –quando o centro da cidade é mais ativo- é possível notar a forte presença de turistas brasileiros atraídos por este ambiente gastronômico e festivo, existindo inclusive um espaço denominado *Feirinha* onde há diversos postinhos que oferecem comidas argentinas, prevalecendo cheiros de azeitonas dos mais variados recheios, queijos maturados, e o procuradíssimo *asado argentino*. Da mesma forma que acontece em Ciudad del Este, os vendedores de Puerto Iguazú costumam usar a frase *Que você procura amigo?*

²⁵ O presente trabalho não pretende abordar este outro imaginário para descrever a Tríplice Fronteira, apenas mencioná-lo para ter presente os diversos modos de falar sobre ela. Para mais informação sobre o imaginário de ilegalidade e terrorismo sobre esta região, recomendamos consultar o trabalho de Arthur Bernardes do Amaral (2008) denominado *A Guerra do Terror e a Tríplice Fronteira na agenda de segurança dos Estados Unidos*.

²⁶ Incluindo desde *cumbia* como música contemporânea da região do Rio da Prata, *reggaeton* e *salsa* vinda do Caribe, como sertanejo universitário e funk como representação do Brasil.

entre outras em português com o fim de chamar a atenção dos compradores e turistas, pressupondo que estes são brasileiros.

Apesar da atividade turística ser forte nesta cidade argentina, provavelmente tão forte quando em Foz do Iguaçu, segundo seus moradores não são investidos corretamente os recursos obtidos do turismo na infraestrutura da cidade, sempre em comparação com a cidade brasileira que, segundo eles, tem avenidas gigantes, a maioria dos bairros asfaltados, grandes prédios, várias opções de lazer para quem mora na cidade, serviços gratuitos de saúde, universidades públicas e privadas, entre outros. Sobre este mesmo ponto, Silvia Montenegro e Veronica Giménez (2010) também destacam que em Puerto Iguazú os bairros e espaços que ficam na margem da atividade turística são esquecidos pelas autoridades, carecendo de asfalto, transporte, e em alguns casos específicos de serviços públicos. Assim, fica evidente que mesmo sendo a Tríplice Fronteira uma região com muitas semelhanças que a faz distinguir-se regional e mundialmente, como as práticas econômicas e turísticas que ali se desenvolvem, cada uma das cidades que a compõem tem suas particularidades dependendo do conjunto nacional ao qual pertencem.

2.2. “NASCEMOS DE MUITAS MÃES, MAS AQUI SÓ TEM IRMÃOS”²⁷: OS DISCURSOS INSTITUCIONAIS DA TRÍPLICE FRONTEIRA

Além de caracterizações que fazem da fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai particular e ao mesmo tempo relevante, tanto pela vasta população que possui, a forte movimentação de pessoas e objetos por causa do turismo em torno às Cataratas do Iguaçu, o comércio estabelecido em Ciudad del Este como uma das principais zonas francas do mundo, e a diversidade natural da Mata Atlântica, existem outras distinções da Tríplice Fronteira relacionada à diversidade cultural da sua população e de migrantes que têm se instalado no território.

Os discursos oficiais manifestados através da mídia, educação e figuras e/ou instituições políticas, adquiridas também pelas narrativas da população local, construíram um

²⁷ Esta frase é, de modo geral, conhecida por fazer parte da música *La Perla* do grupo porto-riquenho *Calle 13*. Contudo, para aqueles que passam pela Tríplice Fronteira, especificamente na passarela da Ponte da Amizade que conecta Foz do Iguaçu e Ciudad del Este sobre o rio Paraná, é possível enxergar um mural feito pela Ação Poética Tríplice Fronteira onde foi escrita esta frase nas três línguas dominantes da região: espanhol, guarani (paraguaio) e português.

imaginário que fala sobre a diversidade biológica, social e cultural da Tríplice Fronteira como uma riqueza que precisa ser exaltada para os visitantes. Em várias propagandas turísticas plasmadas em cartazes, panfletos, vídeos, músicas, e inclusive murais dentro das cidades, fica clara a vontade de gerar um espírito de irmandade entre as distintas nacionalidades ali presentes, chamando a atenção para o acolhimento que é dado ao estrangeiro. Estes sentimentos podem ser evidenciados, por exemplo, nos próprios nomes das pontes que conectam as cidades fronteiriças, como a *Ponte da Amizade* que une Ciudad del Este de Foz do Iguaçu, ou a *Ponte da Fraternidade* entre a cidade brasileira e Puerto Iguazú. Igualmente, na materialização da Tríplice Fronteira efetuada na interseção entre os rios Iguaçu e Paraná (Figura 2) onde foram construídos espaços turísticos denominados de *Marco das Três Fronteiras* –ou *Hito de las Tres fronteras* em espanhol-, e ali erguidos obeliscos como monumentos que representam o limite territorial de cada país (Figura 3), assim como uma celebração da “paz entre os povos” como é ressaltado no website do marco do lado brasileiro²⁸.

FIGURA 2 – A TRÍPLICE FRONTEIRA DIVISADA DESDE O LADO ARGENTINO
(à direita o Brasil e à esquerda Paraguai)



FONTE: fotografia elaborada pela autora (2016).

²⁸ Pontualmente, esta frase é ressaltada na secção relacionada à história da construção do Marco das Três Fronteiras do lado brasileiro, disponível no site oficial aqui: <http://www.marcodastresfronteiras.com.br/marco-das-tres-fronteiras/historia>

FIGURA 3 – OBELISCOS DAS TRÊS FRONTEIRAS



FONTE: Mirante Hotel Foz do Iguaçu (s/d).

Além de materializar-se em monumentos e murais, esta pretensão de criar e promulgar um sentimento de irmandade entre as nações também existe em propagandas turísticas fortemente divulgadas, músicas e hinos que destacam a localização privilegiada na qual a Tríplice Fronteira se insere, e que naturalmente propicia a “paz de três nações amigas”²⁹. Adicionalmente, a hospitalidade e o acolhimento destacados por serem sentimentos oferecidos ao estrangeiro são ressaltados junto com a diversidade cultural presente na região, também destacada como uma qualidade que geraria uma suposta receptividade do povo tri fronteiriço pelos “outros”. Por exemplo, no website da prefeitura de Foz do Iguaçu é caracterizada a cidade pela sua diversidade cultural, contando com aproximadamente oitenta nacionalidades, sendo as mais representativas as pessoas procedentes do Líbano, China, Paraguai e Argentina³⁰. Inclusive, a própria fundação da cidade de Foz do Iguaçu em 1914 é marcada pela presença de estrangeiros, considerando que naquela época a população estava composta por 324 habitantes dos quais só nove eram brasileiros, e os outros na sua maioria paraguaios e argentinos (CURY, 2010, p. 121). De forma mais contemporânea, a presença de várias nacionalidades na cidade é ressaltada na música *Isto é Foz do Iguaçu* feita pelo músico e compositor gaúcho Sergio Copetti³¹ que fez uma homenagem à cidade que o acolheu,

²⁹ Como é destacado no vídeo institucional *Foz do Iguaçu – Destino do Mundo 2011*, disponível aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=VPo3fBaJJJU&t=428s>

³⁰ Informação existente no site oficial da prefeitura de Foz do Iguaçu, disponível aqui: http://www.pmfi.pr.gov.br/conteudo/%3bjsessionid%3d1b4715a5234baec801419f8138a6?id_Menu=1004

³¹ Mais informação sobre este músico na matéria *Sérgio Copetti, a voz por trás da música, que já conquistou Foz do Iguaçu* Feita pela Revista 100 Fronteiras no ano 2014, disponível aqui: <http://100fronteiras.com/materia/sergio-copetti>

destacando na letra as belezas naturais, artificiais e culturais que propiciam a convivência pacífica e harmônica entre os povos.

*Cidade de todas as raças.
Que aceita o negro, que aceita o branco,
índio, cafuzo, amarelo e mameluco.
Cidade cosmopolita.
Tem brasileiro, tem argentino,
árabe, chinês, paraguaio e palestino [...]
Cidade hospitaleira.
Acolhe o estrangeiro, o nordestino,
gaúcho, paulista e todo brasileiro [...]*
Fragmento da música *Isto é Foz do Iguaçu* composta por Sergio Capetti em 2014.

A pluralidade da população da região é de fato perceptível na cotidianidade da fronteira, tanto pelas diversas nacionalidades que atualmente residem e circulam nas três cidades, e que são apresentadas, por exemplo, em monumentos característicos que marcam sua presença (Figura 4 e 5), quanto pelos turistas de várias origens do mundo que visitam a Tríplice Fronteira.

FIGURA 4 – MESQUITA MUÇULMANA OMAR IBN AL-KHATAB EM FOZ DO IGUAÇU



FONTE: fotografia feita pela autora (2012).

Pontualmente, como já ressaltaram Silvia Montenegro e Verónica Giménez (2010), a diversidade cultural tão enaltecida no discurso desta fronteira se concentra principalmente nas cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este onde residem migrantes atraídos na sua maioria pelo comércio, ou recentemente pela criação de universidades com pretensão internacional³²,

³² Como a Universidade Federal da Integração Latino-Americana UNILA que foi criada no ano de 2010 pelo governo do ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, e que tem como proposta o intercâmbio acadêmico com países da América Latina, tendo atraído uma grande quantidade de alunos e professores

e de forma escassa em Puerto Iguazú que “se ve como una sociedad uniforme aunque fuertemente estratificada, inserta num cenário natural y geográfico rico variado” (p. 136). No obstante, apesar de nesta cidade argentina não haver um número significativo de migrantes residentes, nas suas ruas e espaços turísticos é possível ouvir diversas línguas, ver outros traços físicos, e interagir com pessoas de diversas origens nacionais e étnicas atraídas pelas Cataratas do Iguaçu.

FIGURA 5 – TEMPLO BUDISTA EM FOZ DO IGUAÇU



FONTE: fotografia feita pela autora (2012).

Assim, seja pela presença de migrantes ou de turistas provenientes de outras regiões, a realidade da Tríplice Fronteira se caracteriza pela diversidade cultural como de fato é afirmado pelos discursos oficiais apresentados. Contudo, a existência de multiplicidade humana neste micro espaço não nega a possibilidade de conflitos, não significando necessariamente maior receptividade ao estrangeiro nem uma relação amistosa entre os vizinhos. Como é percebido em algumas oportunidades, a presença do “outro” dentro do território nacional se torna desconfortável para a população local. Em Foz do Iguaçu, por exemplo, quando no trânsito é cometida uma infração por algum motorista, imediatamente é verificado se tem placa paraguaia, já que lá “todo mundo dirige muito ruim porque não tem lei”. Já em Ciudad del Este existiria um sentimento de rechaço da população local pelos estrangeiros que se apoderaram do comércio –já que vários dos negócios são de proprietários árabes, coreanos ou brasileiros- e que subordinam os locais paraguaios para obter ganhos. Desta forma, para os moradores da cidade paraguaia

[...] la geografía de Ciudad del Este se dibuja sobre un mapa marcado por la fractura entre un centro, articulado a través del Puente de la Amistad con Foz do Iguaçu, dinámico, comercial y progresista, y un interior pobre, desatendido, explotado, más cercano a la idea que tienen de su país, Paraguay (MONTENEGRO E GIMÉNEZ, 2010, p. 145).

Algo similar acontece em Puerto Iguazú, já que, como foi mencionado anteriormente, a diversão noturna da cidade é frequentada na sua maioria por brasileiros, criando uma relação de subjugação dos trabalhadores argentinos diante os consumidores brasileiros que aparecem. Portanto, de forma oposta ao que os discursos oficiais pretendem, as relações humanas que são dadas nesta Tríplice Fronteira são complexas e imprevisíveis, onde entram em conflito interesses, preconceitos e imaginários sobre o outro.

2.3. “SIM! PALPITA LEMBRANÇA TUPI ³³”: A “HERANÇA GUARANI” NA FRONTEIRA

Dentro do mosaico da diversidade cultural existente na Tríplice Fronteira que é ressaltado pelo discurso institucional e a população local, além de ser pensada esta pluralidade em termos nacionais, onde argentinos, brasileiros e paraguaios, assim como migrantes e turistas de outras nacionalidades fazem presença, também é pensada esta diversidade em termos étnicos quando são vinculadas populações indígenas, pontualmente os Guarani -cuja realidade será contextualizada mais para frente-, pensadas como um passado que deu origem às nações, ou como uma herança que fundamentou a criação de características culturais da região. Contudo, dentro daquele discurso institucionalizado que apresenta a diversidade cultural como característica da população da região, não são sequer mencionados os Guarani como comunidades indígenas atuais, mas como indígenas genéricos que teriam sido assimilados pelos Estados nacionais.

De modo geral, sobre o Guarani histórico existem vários símbolos, palavras e caracterizações na Tríplice Fronteira evidenciados em nomes de ruas, bairros (*Boicy, Jardim Jupira, Vila Maracanã, Ilha Acaray e Gleba Guarani*), rios (o próprio *Iguaçu*), hotéis (*Terra Guarani, Mercure Hotel Iru, e Yvy Hotel de la Selva* em Puerto Iguazú, como aparece na

³³ Este trecho faz parte do hino oficial da cidade de Foz do Iguaçu, onde nesta e em outras frases é trazida uma memória do Guarani, ou chamado indiscriminadamente de Tupi, como herança do passado indígena. O hino se encontra disponível no site da prefeitura desta cidade, aqui: <http://www.pmfi.pr.gov.br/conteudo/%3Bjsessionid%3D04ff69024a755a5a0a3f322f1ed2?idMenu=1180>

Figura 6), comércios (como o bar Pacová em Foz do Iguaçu), empresas públicas ou privadas (*Güirá Oga* em Puerto Iguazú e a Itaipu Binacional que vincula ao Brasil e Paraguai conforme a Figura 7), artesanatos em formas de animais feitos em madeira, comidas a base de milho e mandioca (*chipa guassu* e *mbeiju*), lendas (a de *Naipi* e *Tarobá* que supostamente explicaria a origem das Cataratas do Iguaçu conforme a Figura 8), entre várias outras referências.

FIGURA 6 – HOTÉIS COM NOMES GUARANI EM PUERTO IGUAZÚ



FONTE: fotografias feitas pela autora (2015).

FIGURA 7 – EMPRESAS PÚBLICAS OU PRIVADAS COM NOME GUARANI



Fonte: TripAdvisor (s/d)



Fonte: Site web da Itaipu Binacional (s/d)

Outra referência bastante conhecida sobre os Guarani é a Lenda das Cataratas do Iguaçu (Figura 8), que tem sido fortemente divulgada não apenas no contexto turístico relacionado a esta maravilha natural, mas inclusive na identidade regional criada a partir da divulgação de uma história oficial da fundação da cidade, acompanhada por símbolos municipais que particularizam o município. Pontualmente, no hino da cidade como uns destes símbolos, numa estrofe se faz menção a esta lenda assim como a um passado indígena que

sempre está presente nestas terras: “Sob o imenso dossel destas matas/ Sim! Palpita lembrança tupi;/ Tarobá, no fragor das cascatas/ Ainda chama, saudoso, Naipi”. Da mesma forma, esta identidade regional manifestada na Lenda das Cataratas ou no hino da cidade é também repassada nas escolas públicas, complementadas pelo ensino dos pontos turísticos principais da região que são explicitados nos livros didáticos distribuídos nas escolas. Recentemente, a Lenda das Cataratas também tem sido usada como uma marca regional que fabrica *souvenires* inspirados nas personagens da lenda, *Naipi* e *Tarobá*, como uma forma de divulgar esta representação da identidade iguaçuense para os turistas que vão visitar as Cataratas do Iguaçu³⁴.

FIGURA 8 – LENDA DAS CATARATAS DO IGUAÇU



FONTE: Site web da empresa Naipi e Tarobá (s/d)

Ainda sobre a lenda das cataratas, segundo Otília Schimmelpfeng (1991), filha de Jorge Schimmelpfeng quem foi o primeiro prefeito de Foz do Iguaçu de 1914 a 1924, foi o vereador e jornalista Almir Antônio Machado Nunes que a partir de um levantamento de fatos históricos importantes e de narrativas de descendentes indígenas (sem esclarecer o grupo específico ao que faz referência) esboçaria a Lenda das Cataratas na década de sessenta. A Lenda das Cataratas permaneceu intacta até hoje, sendo divulgada esta única versão nos diferentes canais institucionais e turísticos da cidade, como por exemplo no site da Prefeitura de Foz do Iguaçu³⁵ que relata a lenda da seguinte forma:

Muitas lendas indígenas contam a formação do maior conjunto de quedas d'água do planeta. Uma delas diz que os índios caingangues, que habitavam as margens do Rio Iguaçu, acreditavam que o mundo era governado por M'Boy, o deus serpente, filho de Tupã. O cacique da tribo, Ignobi, tinha uma bela filha chamada Naipi. Por causa de sua beleza, Naipi seria consagrada ao deus M'Boy, passando a viver somente para seu culto. Havia, no entanto, entre os caingangues um jovem guerreiro chamado

³⁴ Esta ideia tem sido levada a cabo pela empresa iguaçuense *Naipi e Tarobá*, começando a produção e distribuição de *souvenires* desde o ano 2017. Para conhecer mais sobre este projeto ingressar no seguinte enlace: <http://www.naipietaroba.com.br/>

³⁵ A prefeitura de Foz do Iguaçu disponibiliza a Lenda das Cataratas no seu site web, disponível aqui: <http://www.pmfi.pr.gov.br/turismo/%3Bjsessionid%3D35b8efe4da8260cc51119590b405?idMenu=1697>

Tarobá, que se apaixonou por Naipi. No dia em que foi anunciada a festa de consagração da bela índia, quando o cacique e o pajé bebiam cauim (bebida feita de milho fermentado) e os guerreiros dançavam, Tarobá fugiu com Naipi em uma canoa, que seguiu rio abaixo, arrastada pela correnteza. M'Boy ficou furioso quando soube da fuga e penetrou nas entranhas da terra. Retorcendo seu corpo, produziu uma enorme fenda que formou uma catarata gigantesca. Envolvidos pelas águas, os fugitivos foram tragados pela imensa cachoeira. Naipi foi transformada em rocha logo abaixo da cachoeira, fustigada pelas águas revoltas. Tarobá foi convertido em uma palmeira, situada à beira do abismo. Debaixo dessa palmeira existe uma gruta, de onde o monstro vingativo vigia eternamente suas vítimas (s/d).

Nesta lenda tão divulgada pode-se perceber que existe uma grande confusão entre o que corresponderia a um universo caingangue³⁶, mencionado no começo do relato como o grupo indígena do qual surgiria esta estória, e o Guarani evidenciado em palavras como *M'Boy*, *Tupã* ou *Cauim* que derivam de um tronco linguístico Tupi. Assim, a lenda além de nutrir os discursos oficiais sobre um passado indígena também descaracterizaria a quais indígenas se faz referência com o relato, deixando um espaço em aberto para ser preenchido por um índio genérico, e inclusive a-histórico, como Perci Lima (2001), jornalista e ex-prefeito de Foz do Iguaçu em 1985, permite ver nas suas memórias da cidade em relação às populações indígenas da fronteira

Aqui também viviam os índios cainganges, imigrados do Paraguai, inimigos dos índios guaranis, que habitavam esta região desde os primórdios dos tempos, que do jeito que vieram sumiram sem deixar vestígios. Na região onde atualmente se encontra o bairro de Três Lagoas vivia até o final dos anos 60 uma tribo de índios, que poderiam ser descendentes dos cainganges, contudo até hoje, ninguém soube explicar de forma convincente o desaparecimento. (p. 18).

Continuando, o autor pontua também sobre a presença Guarani na região: “Quem habitava estas terras, desde o descobrimento do Brasil, eram os índios guaranis, também origem do povo paraguaio, mescla do cruzamento dos índios com os espanhóis” (idem). Vários aspectos ressaltados por Lima como a vinda de índios “imigrados” do Paraguai, assim como o desaparecimento supostamente repentino destas populações, serão problematizados no seguinte capítulo quando sejam apresentadas informações históricas, arqueológicas e etnográficas sobre os Guarani e outras populações indígenas que também vivem na Tríplice Fronteira. Entretanto, torna-se neste capítulo relevante ter presentes quais são os referenciais institucionais que a população local e os visitantes têm acesso sobre as populações indígenas que habitaram e habitam na região, para que possamos assim compreender por que parece haver um desconhecimento da existência atual dos Guarani.

³⁶ Relacionado talvez com os Kaingang, população indígena do tronco linguístico Jê (diferente dos Guarani que estão relacionados com o tronco linguístico Tupi) que atualmente residem nos estados do Sul do Brasil, contando com aproximadamente 45.620 pessoas, destacando-se como uma das populações indígenas com maior população neste país. Mais informação aqui: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang>

Do outro lado da fronteira, na cidade argentina de Puerto Iguazú há outra aproximação com os Guaraní e a concepção da sua existência na atualidade. Por um lado, assim como em Foz do Iguaçu, circula uma ideia do índio como algo que remete ao passado ou a uma ancestralidade herdada na identidade regional. Entretanto o Guaraní atual é idealizado, e pensado como o “bom selvagem”³⁷, por representar um passado que é muito melhor ao atual sistema político-econômico-social mundial, assim como por ser um conhecedor e guardião da natureza. Tanto em Puerto Iguazú, como na Argentina do modo geral

Desde hace algunos años, aparece una reconsideración del indígena como constitutivo de la identidad nacional, que surge a manera de reacción contra la imposición del relato homogeneizante. Ahora bien, los “pueblos originarios” siguen estando investidos de características que los definen como “otros” culturales, pero con los atributos invertidos: donde el relato nacional ve barbarie, el discurso revalorizador ve pureza incontaminada, donde el centralismo nacional ve fronteras con otros países, el discurso alternativo encuentra a los guaraníes formando parte de una gran área cultural que supera fronteras artificiales (MONTENEGRO E GIMÉNEZ, 2010, p. 139)

Apesar de que no contexto argentino as populações indígenas, neste caso os Guaraní, são ainda pensadas como os outros do contexto nacional, é ressaltada sua diferença como um exemplo para pensar valores que precisam ser resgatados diante do andamento da sociedade moderna. Este sentimento pode ser evidenciado, por exemplo, em algumas propagandas turísticas divulgadas sobre as aldeias Guaraní em Puerto Iguazú que recebem visitantes, convidando a estes últimos a ter uma “autêntica experiência indígena” na floresta, onde possam conhecer “las costumbres y tradiciones de una de las últimas y verdaderas culturas indígenas de Sudamérica”³⁸. Aqui, os Guaraní são apresentados como indígenas autênticos e intactos apesar do passo do tempo e da pressão que a sociedade moderna exerce para transformá-los. Isto gera muitas vezes que aquela idealização do Guaraní como índio autêntico, tradicional e imutável não corresponda com sua realidade atual permeada por

³⁷ As figuras do *bom* e *mau selvagem* são explicadas pelo antropólogo François Laplantine (2003, p.26) como duas formas ou ideologias que surgiram no pensamento europeu como resposta diante aqueles “outros” não-europeus descritos e contatados em outras regiões do mundo a partir do século XVI. Após este encontro existiria, por um lado, uma *recusa* daquele estranho definido a partir da falta de atributos relevantes para a sociedade europeia como referencial de comparação, como uma religião e organização política e social determinada; e por outro, a fascinação pelo outro já que, a diferença da sociedade europeia, estas outras populações não estariam em decadência. Pensando pontualmente na ideia do *bom selvagem*, Claude Lévi-Strauss (2013 [1973]) destaca que foi o filósofo Jean Jacques Rousseau o encarregado de contribuir para que nas ciências humanas, e especificamente na etnologia e antropologia, fosse introduzido um sentimento de identificação e compreensão do “outro” não-europeu, partindo justamente da ideia do *bom selvagem* como aquele homem em estado de natureza que não foi contaminado pela sociedade europeia moderna, evitando assim a decadência de valores do *mau civilizado*.

³⁸ É a forma como o Turismo Guaraní, que é uma ação desenvolvida pelo Projeto Mate e a aldeia de Yryapú em Puerto Iguazú, se apresenta no seu site web, disponível aqui: <http://www.proyectomate.org/turismo.php>

negociações e conflitos com o exterior, negando-lhes a possibilidade de mudança e dinamicidade da sua cultura.

Continuaria assim prevalecendo uma apologia ao que se pensa como cultura Guarani – histórica –, sendo julgados os Guarani atuais por não corresponder aos imaginários do que é ser indígena –bom o mau selvagem–, assim como por não assumir uma identidade nacional que lhes outorga uma categoria de cidadãos. Os Guarani, como também habitantes desta Tríplice Fronteira, são considerados apenas como reminiscências do passado, sendo ignoradas as várias disputas pelas quais tiveram e tem que lidar para viver dignamente, inscritas nas multiplicidades de formas pelas quais negociam constantemente com a política regional, e nos últimos anos de forma mais intensa com o turismo.

3. QUANDO “O OUTRO ESTÁ EM CASA”: OS GUARANI NA TRÍPLICE FRONTEIRA

3.1. ESTADOS NAÇÃO, FRONTEIRAS E POPULAÇÕES INDÍGENAS

As regiões de fronteira dos modernos Estados nacionais se tornaram em espaços privilegiados para detectar dinâmicas específicas que se desenvolvem nestes locais, não só por significar um limite territorial explícito, onde dimensões econômicas, políticas e militares são reforçadas, mas também porque esse espaço propicia relações sociais particulares entre as populações que habitam as respectivas margens. Assim, as regiões de fronteira não representam apenas um limite político e territorial como também um espaço liminar³⁹ de identidade e cultura nacional onde o “outro” não nacional é percebido. Ao mesmo tempo, nestes espaços fronteiriços existem outras formas de demarcação que se sobrepõem e, ao mesmo tempo, entram em conflito com a ideia de fronteira política limitada à relação com o Estado nacional, tais como as fronteiras sociais, culturais, linguísticas e simbólicas. Assim “o outro” não se encontraria apenas definido territorialmente por uma fronteira nacional, mas pela confluência de outras diferenças de ordem cultural que o constituem.

Na presente dissertação, nos propomos questionar a posição que tem sido outorgada às populações indígenas como “o outro” não-nacional, em razão de desafiarem diariamente a lógica estatal e resistirem diante a imposição de fronteiras territoriais, identitárias, linguísticas e simbólicas. São vários os contextos a nível mundial onde populações indígenas ficaram fragmentadas com a delimitação territorial dos Estados nacionais. Apesar de cada um destes ter uma especificidade na sua criação e nas relações geradas com as populações indígenas no seu interior, o Estado como instituição moderna de organização político-social teve a mesma pretensão de assimilar os outros não nacionais através da imposição de uma identidade nacional nova para eles. Para Alejandro Grimson (2000), esta “cultura nacional” criada para homogeneizar, e imposta aos “outros” da nação, deve ser compreendida como um ato político já que:

[...] es poderosa la creencia social de que el conglomerado de seres humanos pertenecientes a un Estado nacional poseen una cultura homogénea que sería la

³⁹ O termo liminar seria mencionado pela primeira vez por Arnold Van Gennep (2011 [1909]). Contudo, seria com Victor Turner (1974 [1969]) que este conceito seria aprofundado principalmente para analisar a composição dos rituais, significando para este autor um espaço onde é possível questionar as estruturas sociais e suas normativas. No caso das fronteiras nacionais, o liminar representa uma espécie de suspensão de tudo aquilo que o Estado-Nação designa como característico, seja uma identidade nacional, língua oficial, normatividade, etc.

causa de la existencia de ese Estado. Esa pretensión de homogeneidad cultural constituye antes un instrumento de legitimación del poder estatal que una realidad verificable. (GRIMSON, 2000, p. 27)

Desta forma, a identidade nacional, ou cultura para Grimson, não representa um conjunto objetivo de valores que antecedem o Estado, mas que justamente surgem com ele e com as experiências históricas e simbólicas que o definiram, como por exemplo, os eventos de independência tão celebrados nos países latino-americanos, assim como os hinos, escudos, e bandeiras como emblemas pátrios.

Com respeito à relação entre populações indígenas e Estados nacionais, é importante lembrar que vários destes povos ficaram divididos após a delimitação das fronteiras, e que enfrentam cotidianamente limitações de trânsito, como é o caso dos Yanomami que habitam na fronteira entre o Brasil e a Venezuela, os Tikuna entre Brasil e Colômbia, os Mapuche entre Argentina e Chile, Ashaninka entre Brasil e Peru, e, como grupo de interesse da presente dissertação, os Guaraní divididos entre a Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai, entre tantos outros povos. Com isto, fica claro que a lógica indígena, neste caso anterior à limitação territorial dos países latino-americanos, difere da lógica moderna imposta pelo Estado. O deslocamento destas populações se vê truncado por Aduanas e documentos solicitados que devem identificá-los como cidadãos.

Quando se trata de analisar os contextos onde populações indígenas desafiam limites nacionais-territoriais dos Estados, pensar na ideia de fronteira ligada apenas a uma definição física e territorial resulta improdutivo, já que estas não são apenas espaciais mas culturais e/ou étnicas, como já disse Fredrik Barth (1976) no seu livro *Los grupos étnicos y sus fronteras*, destacando que as fronteiras aparecem a partir de distinções de traços entre grupos sociais em contato. Pensando na Tríplice Fronteira, por exemplo, além de existir de fato os limites territoriais entre os três países, seria marcada uma fronteira cultural-étnica entre os Guaraní e as populações nacionais a partir dos “traços culturais” que os diferenciam, seja a partir da própria língua, a forma de se comportar, a forma de se vestir, a forma de circular na região, entre outras características que são ressaltadas como diferentes entre esses grupos.

Num outro espaço também fronteiro, afastado da Tríplice Fronteira contextualizada neste trabalho, entre o Peru e Brasil onde moram vários povos indígenas amazônicos, o pesquisador José Pimenta (2009) a partir de sua leitura sobre a relação entre o Estado

brasileiro e os Ashaninka afirma que esta população indígena ajudaria no processo de consolidação da fronteira nacional, assim como da sua defesa do que aparentemente representaria um perigo para a soberania, como era o caso do narcotráfico e a exploração de borracha. Se, por um lado este autor procura destacar a importância dos indígenas no estabelecimento das fronteiras nacionais como uma forma de criticar as concepções etnocêntricas que consideram de forma pejorativa estes povos como uma ameaça, por outro os índios provavelmente não contribuíram com o Estado por uma vontade própria de proteger uma instituição que as violentava. Como o próprio Pimenta ressalta, quando os Ashaninkas são questionados se são índios peruanos ou brasileiros, eles respondem: “Nós não viemos para o Brasil, o Brasil é que chegou até nós” (ibidem, p. 6), confirmando que foi o Estado que apareceria nos seus territórios formando fronteiras políticas, e não eles que foram até essas margens e/ou instituição sociopolítica.

A partir da pesquisa de campo feita na tríplice fronteira entre Bolívia, Brasil e Peru onde moram populações Manchineri e Jaminawa, Rinaldo Arruda (2009) afirma que as populações indígenas que habitam nas fronteiras nacionais tem uma característica de ambiguidade relacionada à sobreposição das identidades nacionais com as identidades étnicas as quais seriam acionadas em determinadas situações para obter determinados benefícios: “Assim, sua movimentação fronteiriça obedece a estratégias e momentos de vida diferentes, nos quais os indivíduos instrumentalizam as identidades de boliviano, peruano e brasileiro, juntamente com suas identidades indígenas” (ARRUDA, 2009, p.175).

Estas identidades também seriam usadas como formas de classificação social no interior de algumas populações indígenas. Por exemplo, como foi percebido em visitas realizadas nas aldeias Guaraní existentes na Tríplice Fronteira, os membros são também distinguidos por seu país de procedência. Numa visita realizada na aldeia Mbyá *Jasy Porã* em Maio de 2017, localizada na parte argentina da fronteira, foram escutados vários comentários dos moradores sobre um menino de 14 anos de uma aldeia próxima que assistia à Escola Intercultural Bilingue no. 941, localizada ali mesmo em *Jasy Porã*, e que apresentava graves sintomas de desnutrição. Na hora de questionar sobre as causas do problema, os comentários indicavam que toda a família vinha do Paraguai, e que os pais dele tinham problemas com álcool, gerando inclusive violência intrafamiliar e descuido da alimentação do menino. Depois de alguns meses, foram realizadas jornadas de controle médico às crianças da escola, onde foi

detectada e confirmada a grave situação de desnutrição do menino. Pelo avançado estado, foi ordenado imediatamente o traslado dele até o hospital da cidade para ser internado, e informados seus pais da situação. Este acontecimento gerou entre os moradores da aldeia um tipo de estranheza pelo menino e seus pais, assumindo como uma das causas a procedência do Paraguai, onde provavelmente a situação deles era crítica a diferença dos Guarani da Argentina. Apesar disso, o menino continua frequentando as aulas da escola e relacionando-se com os integrantes da aldeia Jasy Porã, gerando grande preocupação entre os habitantes por sua saúde e a relação com sua família.

A justaposição de identidades étnicas e nacionais corresponde para Besserer (2016, p. 101) a uma “arena política de uma disputa cultural em que se enfrentam formas hegemônicas e subalternas de identificação”, ou para Padawer (2014, p. 195) a uma “identidade indígena transnacional”. Desta forma, a identidade nacional outorgada pelos Estados e apropriada pelos próprios indígenas é, às vezes, adotada para a obtenção de certas concessões, como o acesso a determinadas políticas educativas plasmadas nas constituições dos países, ou a dinheiro que os governos oferecem como ajuda material para sua sobrevivência. Estas e outras estratégias relacionadas à domesticação do Estado e seus empreendimentos são adotadas por estas mesmas populações para acentuar que sua presença precede qualquer delimitação territorial dos Estados, questionando o silenciamento constante ao qual foram submetidos desde o contato com o branco.

Uma estratégia adotada pelos Guarani, diante a divisão⁴⁰ que sofreram com a criação dos Estados nacionais do Cone Sul, foi se assumirem como uma Nação transfronteiriça⁴¹ criando o Conselho Continental da Nação Guarani – CCNAGUA, como uma forma de articulação entre os povos Guarani a nível internacional, procurando reivindicar vários direitos como a liberdade de trânsito pelo território que lhes corresponde, existente antes da criação de fronteiras nacionais físicas, simbólicas e culturais. Este Conselho realiza periodicamente encontros⁴² entre os Guarani dos vários os países, convidando também

⁴⁰ Um dos resultados da criação das fronteiras nacionais foi a fragmentação territorial e cultural dos Guarani. Por exemplo “Os Pãi Tavyterã, no Paraguai, são originalmente os mesmos que os Kaiowá, no Brasil, e, sem dúvida, as fronteiras políticas dos estados nacionais já têm provocado fortes diferenças culturais, políticas, religiosas e até linguísticas. O mesmo sucedeu com os Avá Guarani e os Mbyá.” (GRÜNBERG, 2008, p. 13).

⁴¹ Como foi expressado por eles no manifesto divulgado em Julho de 2014, disponível no seguinte enlace: <http://www.cimi.org.br/File/DOC%20CCNAGUA%20-%20Eldorado%20AR.pdf>

⁴² O primeiro encontro aconteceu no ano de 2006 na cidade de São Gabriel, no estado do Rio Grande do Sul (Brasil). O último foi em Setembro de 2015 na região de Ruiz de Montoya, na província de Misiones

pesquisadores e militantes da causa indígena, onde são discutidas questões relacionadas às violações de direitos que são cometidos pelos Estados nacionais nas esferas da educação, saúde, território, representação política, entre outras. A articulação estabelecida pelo CCNAGUA permite ver que, de fato “la unidad del modo de ser guaraní no se deshizo y las características específicas de cada lugar no impidieron la comunicación y la acción entre comunidades de un amplio territorio” (MELIÀ, 2016, p. 10), apesar das fronteiras constituídas mediante práticas de violência que são legitimadas pelos Estados nacionais, os quais sistematicamente excluem as diferenças culturais dos “outros-não-nacionais”. Assim, os Guarani demonstram uma e outra vez que não se deve subestimar o poder que as populações indígenas têm diante todo um sistema que se impõe, seja através do Estado como instituição, o capitalismo como sistema econômico ou as fronteiras como limitação territorial, tornando-se assim sujeitos de ação que reinventam múltiplas formas de existir e de responder àquelas tentativas de apagamento.

3.2 A NAÇÃO GUARANI NO TEKOHÁ GUASSU

Pontualmente, a população indígena à qual procuramos dar ênfase nas próximas páginas são os *Avá* e *Mbyá* Guarani que fazem presença na Tríplice Fronteira, destacando aquelas que interagem de forma mais intensa com o turismo. Contudo, num primeiro momento, buscamos situar estas populações dentro de um contexto mais amplo relacionado aos Guarani como uns dos povos indígenas mais numerosos da América e um dos primeiros em ser contatado pelos europeus em 1505 (MELIÀ, 2016, p. 9). Muito além do contato, evidências históricas⁴³, arqueológicas e antropológicas indicam que os Guarani ocupam a Bacia do Prata, composta por sua vez pelas Bacias do rio Paraguai, Paraná e Uruguai, desde tempos anteriores à chegada dos colonizadores europeus, faz aproximadamente dois mil anos atrás (GRÜNBERG, 2008, p. 13). Para ter uma noção do vasto território pelo qual os Guarani teriam transitado, Maria Brant de Carvalho (2013, p. 93) chama a atenção para a existência do conhecido *Peabiru*, correspondente a um caminho transcontinental usado pelos Guarani⁴⁴ para

(Argentina). As memórias deste encontro se encontram disponíveis no blog oficial, acessível aqui: <http://encuentroccnagua.blogspot.com.br/>

⁴³ Como por exemplo o conhecido relato de viagem do explorador espanhol Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca conhecido como *Naufrágios e Comentários* (2002 [1555]), onde comenta que foi guiado pelos Guarani na sua viagem desde a Ilha de Santa Catarina até a cidade de Asunción, descrevendo seu passo pelas Cataratas do Iguaçu, tornando-se assim no primeiro europeu em descrevê-las.

⁴⁴ Segundo a entrevista feita ao arqueólogo brasileiro Igor Chmyz pelo jornal Gazeta do Povo em 2008, apesar que há evidências que indicam que o caminho do Peabiru foi usado frequentemente pelos Guarani, este fato não significaria necessariamente que o mesmo tenha sido construído por eles. Após vários estudos feitos pelo

atravessar o continente sul-americano desde o Oceano Atlântico, a partir de dois possíveis caminhos, tanto pela atual ilha de Florianópolis (Santa Catarina) como pela cidade de São Vicente (São Paulo), até o Pacífico onde hoje se encontra o Peru. Coincidentemente este território assinalado é denominado pelos Guarani como *Tekohá*⁴⁵ *Guassu*, correspondente ao grande território de ocupação tradicional guarani que foi designado desde a criação do universo para ser cuidado por eles (CARVALHO, 2013, p. 8).

A partir do tempo da chegada dos europeus ao continente sul-americano (começo do século XVI) as terras onde habitam os Guarani se tornaram em território de disputa entre as Coroas portuguesa e espanhola pela pertença, controle e administração daquele espaço descoberto. A partir do Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, as Coroas de Portugal e Espanha definiram quais terras descobertas fora do continente europeu pertencia a cada uma. No caso da América do Sul, foi traçada verticalmente uma linha imaginária de delimitação territorial, desde onde se encontra hoje em dia o estado de Pará até o estado de Santa Catarina, ambos no atual território brasileiro. Do lado direito desta linha, em direção ao Oceano Atlântico o território existente pertenceria à Coroa portuguesa. Do lado esquerdo restaria um amplo território a ser administrado pela Coroa espanhola em direção ao Oceano Pacífico. Desta forma, a parte destinada para a Coroa espanhola se encontraria superposta com quase a totalidade do *Tekohá Guassu* dos Guarani. Isto indica que, se, de fato os Guarani sofreram a violência executada por ambas as Coroas, portuguesa e espanhola, foram submetidos durante muito tempo ao domínio espanhol e aos seus instrumentos de imposição de soberania, como as *encomendas*:

En la América colonial, la encomienda fue un reconocimiento del Rey a sus súbditos, por el cual se beneficiaba a los conquistadores y primeros pobladores a través del tributo y trabajo indígena como recompensa por los servicios prestados a la Corona. En la provincia del Río de la Plata y Paraguay una vez que se lograba la pacificación de un territorio, se reducían los grupos locales y el adelantado o el gobernador repartían a los indígenas entre los pobladores, quienes debían encargarse de sus encomendados tanto en la alimentación, vestimenta, adoctrinamiento cristiano y defensa [...] (PERUSSET, 2011, p. 3)

pesquisador, se afirmaria que este caminho foi feito pelos grupos correspondentes ao tronco linguístico Jê, já que estas populações tinham a prática de conectar suas aldeias por meio de caminhos, ao contrário do tronco linguístico Tupi-guarani que as conectaria por meios fluviais. Outros argumentos do arqueólogo podem ser encontrados no seguinte enlace: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/a-verdadeira-autoria-do-peabiru-b6q3y3imm2mat613zvve3g0um>.

⁴⁵ Dependendo do subgrupo Guarani algumas palavras têm estruturas diferentes de escritura e pronúnciação. Por exemplo, a palavra *tekohá*, usada mais pelos Avá Guarani é dita e escrita pelos Guarani Mbyá como *tekoá*. Existem também diferenças entre os subgrupos em relação aos instrumentos musicais que são usados para alguns rituais, assim como à origem das músicas que são entoadas (SILVA, 2011, p. 216-217).

Assim, a *encomienda* era um sistema de regulamentação de trabalho indígena imposta pela Coroa espanhola, sendo estas populações obrigadas a servir-lhe ao império, assim como aos seus súbditos, funcionando como mão de obra gratuita em vários tipos de trabalhos a ser desenvolvidos nos povoamentos que começaram a ser constituídos. Na região do Prata, os reconhecimentos que eram outorgados pela Coroa incentivou que a figura dos *encomenderos* tomara força, tornando-se em sujeitos que perseguiram e capturavam incansavelmente indígenas, destacando-se os Guarani, para receber os benefícios deste sistema. A Coroa portuguesa também possuía uma forte demanda por mão de obra além dos escravos negros trazidos da África, avistando nas populações indígenas uma opção. Este trabalho foi feito pelos bandeirantes, que eram os responsáveis no caso português na captura de indígenas para torna-os mão de obra, da mesma forma que os *encomenderos* do império espanhol.

O sistema colonial espanhol também se impôs através de congregações religiosas, como a Companhia de Jesus que desenvolveu missões de catequização, a partir da instauração de Reduções correspondentes a colônias sob a jurisdição dos clérigos, onde se pretendia transformar toda a extensão da vida Guarani (CARVALHO, 2013, p. 278), e reduzi-la aos moldes da vida cristã europeia. Entre finais do século XVI e início do século XVII são fundadas as primeiras Missões Jesuíticas em parte do *Tekohá Guassu* dos Guarani, principalmente na região do Guairá⁴⁶, centro-oeste do Paraná (BR) e Itatim (nos atuais departamentos orientais de Concepción, Amambay e Canindeyú - PY, e no estado do Mato Grosso do Sul - BR). Tempo depois, seriam criadas as reduções na região do Tape (atual estado do Rio Grande do Sul - BR). Por conta dos ataques dos bandeirantes paulistas às reduções do Guairá, Tape e Itatim, os Jesuítas e Guarani migraram as reduções para mesopotâmia dos rios Paraguai, Paraná e Uruguai, a partir de 1630.

Apesar das Reduções funcionarem como um instrumento de evangelização e conversão dos Guarani a uma religiosidade alheia, existiram fortes divergências entre os jesuítas e colonos no início da instauração desta sociedade religiosa, e com a Coroa espanhola quando foram expulsos por discrepar do modo de tratamento aos indígenas. De forma oposta à congregação religiosa, para os colonos e a Coroa o mais importante era obter mão de obra

⁴⁶ Em relação à região da Tríplice Fronteira, que na época fazia parte do Guairá, se afirma que existiu uma Redução Jesuítica denominada de Santa Maria composta por populações Guarani, onde atualmente se encontra delimitado o Parque Nacional do Iguazú (CHMYZ, 1976, p. 83-83 *apud* CARVALHO, 2013, p. 279). Apesar de ser uma área de forte atração turística, até agora não tem sido dada muita atenção à existência desta redução.

no novo continente, através do sistema das *encomiendas*. O conflito também existia com os bandeirantes como representantes da América portuguesa, que também tinham a intenção de capturar populações indígenas para vendê-las como mão de obra. Um dos papéis da Companhia de Jesus instalada na região foi justamente de proteger os indígenas das ações dos bandeirantes e *encomenderos* que geravam o aniquilamento das populações tradicionais. Já que as reduções funcionavam como cidadelas que concentravam na maior parte Guarani, se tornaram em alvo de ataques de bandeirantes que procuravam índios para comercializá-los. As primeiras Reduções atacadas foram as do Guairá a partir do ano 1627, onde se calcula que habitavam mais de 70.000 Guarani (CARVALHO, 2013, p. 287).

Após este e outros ataques feitos às Reduções do Guairá, e posteriormente do Itaim, existiu uma nova tentativa de reconstrução na região do Tape: a criação dos Sete Povos das Missões⁴⁷ que começaria a desenvolver-se em 1682, e consistia num conjunto de sete cidadelas indígenas conformadas pelos fugitivos do Guairá destruído pelos bandeirantes. Estando perseguidos tanto jesuítas quanto Guarani surgiu a necessidade de estabelecer uma aliança entre estes dois atores, que permitisse constituir formas de defesa diante dos ataques dos bandeirantes, e da Coroa espanhola que naquele momento não era mais próxima à congregação religiosa. Diante disto se instauraram as *Milícias Indígenas Guarani*, idealizadas pelo Padre Antonio Ruiz de Montoya “que consistia basicamente no armamento de tropas indígenas para a defesa das instâncias reducionais” (OLIVEIRA, 2016, p. 41), tanto para combater os bandeirantes como o próprio exército português que disputava os limites territoriais com a Espanha. No entanto, apesar da resistência das *Milícias Indígenas Guarani* e dos padres encarregados das reduções, os jesuítas seriam expulsos pelas Coroas portuguesa e espanhola e as milícias debilitadas, dando fim às Missões Jesuíticas.

Com o fim das missões e a intensificação dos ataques por parte das Coroas ibéricas após a derrota da Milícia, as populações Guarani que viviam nas reduções tomaram rumos diferentes. Alguns foram mortos antecipadamente pelos bandeirantes e *encomenderos* ou escravizados pelas Coroas; outros fugiram para as comunidades já estabelecidas dos Guarani *Caingua*⁴⁸ que permaneceram afastadas de todo o processo colonial e seus cruéis métodos de

⁴⁷ Conformado pelos aldeamentos São Francisco de Borja, São Luiz Gonzaga, São Miguel Arcanjo, São Nicolau, São João Batista, São Lourenço Mártir e Santo Ângelo Custódio.

⁴⁸ Correspondente àqueles que “viviam de forma independente nas florestas, os quais anteriormente haviam se recusado à integrar as missões” significando a palavra *Caingua* “Gente da Floresta”, localizados “as margens de rios do atual oeste paranaense, sudoeste mato-grossense e leste paraguaio” (CARVALHO, 2013, p. 295).

violência, ficando escondidos até o século XX quando o contato com o branco se intensificava. Assim, após estes acontecimentos, a grande quantidade de grupos Guarani que estavam concentrados nas Missões Jesuíticas foi dissipada a territórios e contextos diferentes, que por sua vez definiriam as particularidades dos subgrupos Guarani da atualidade, sem abandonar seu *Tekohá Guassu*.

Atualmente este povo transpassa com sua presença as fronteiras nacionais territoriais da Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai, somando no total 284.800 pessoas que circulam entre estes países, divididos entre os subgrupos Mbyá, Avá-Guarani (também conhecidos como Ñandeva ou Chiripá), Isoleño, Kaiowà (também Paĩ-Tavyterã), Aché, Gwarayú e Yuki, entre outros nomes menos usados (MELIÀ, 2016). A quantidade populacional Guarani por país, registrada até o ano 2016, indica que esta é distribuída quase de forma homogênea, destacando-se no primeiro lugar o Brasil com 85.255 (dos subgrupos Kaiowà, Mbyá e Avá), em seguida a Bolívia com 83.101 (com mais diversidade de subgrupos Guarani: Avá, Isoleño, Gwarayú e Mbía), o Paraguai com 61.701 (majoritariamente dos subgrupos Avá, Paĩ-Tavyterã e Ache, e menor medida Mbya) a Argentina (prevalecendo do subgrupo Mbya) com 54.825 (ibidem, p. 11). Já que nosso foco na presente dissertação são as populações Guarani Avá e Mbya que fazem presença na Tríplice Fronteira, pontuamos mais adiante seu contexto histórico e ações estatais que desde o século XX ameaçam sua existência.

3.2.1 Andar por andar: mobilidade Guarani no Tekohá Guassu

Como visto anteriormente, o povo Guarani se caracteriza por possuir uma alta quantidade populacional – atualmente dividida entre quatro países –, assim como por habitar numa grande extensão territorial no continente Sul Americano, correspondendo com os registros históricos do *Tekohá Guassu* que se conserva apesar do tempo e das agressões que os Guarani suportaram. Além destas características, as populações Guarani apresentam certas particularidades relacionadas à forma em que circulam dentro do *Tekohá Guassu*, e às motivações que as conduzem a percorrer longas distâncias.

Partindo da sua aproximação com os subgrupos Mbyá e Nhandeva (conhecidas também como Avá), o antropólogo Evaldo Mendes da Silva (2011) comenta que para os Guarani “[...] as divindades, assim como os homens, vivem em deslocamento permanente”

(SILVA, 2011, p.262) indicando que a mobilidade é relevante para a vida Guarani já que esta é exercida por todos os seres – humanos e não humanos – que compartilham o mundo. Por outro lado, além de explicações cosmológicas dadas por destacados etnólogos (Curt Nimuendajú, Alfred Métraux, Edgon Schaden, entre outros) sobre deslocamento constante das populações Guarani, que partem do conceito de *yvy marãey* ou a mobilização em procura da Terra Sem Mal onde seria alcançada uma condição divina, para este mesmo autor resultam insuficientes e pretensiosas. De tal modo, procurar um motivo que justifique o deslocamento constante dos Guarani surgiria de uma aproximação etnocêntrica que só enxerga esta mobilização a partir de uma visão “sedentária” do território, que descartaria todas as que parecem ser “nômade” (SILVA, 2010, p.172). Sobre este mesmo assunto, numas das visitas realizadas no mês de Julho de 2017 na aldeia Jasy Porã, um membro da comunidade comentou um pouco sobre a Terra Sem Mal que é tão divulgada sobre os Guarani, enquanto me dava um pequeno *tour* pelas áreas mais afastadas da aldeia onde abunda o mato e as nascentes que desembocam no rio Iguaçu. Segundo ele “ese asunto de la Tierra Sin Mal es sólo mentira, no tiene nada que ver con nuestra realidad”, acentuando que foi algo inventado pelos brancos a partir da falta de entendimento destes pela complexidade da vida Guarani. Assim, a Terra Sem Mal não corresponderia apenas a uma forma constante de mobilidade motivada por questões religiosas, entretanto também relacionada a questões práticas, considerando que “son males para los Guaraníes una tierra agotada para la agricultura, un paisaje desértico, un campo sin árboles o, en la actualidad, los monocultivos de soja, pinos o caña de azúcar que amenazan sus vidas y territorios” (MELIÀ, 2016, p. 10).

No mesmo caminho, Maria Brant de Carvalho (2013) sugere que não podemos tentar compreender os Guarani de forma simplista e estática, fixando-os eternamente a um espaço concreto, mas sim por meio de uma “visão cinematográfica” (CARVALHO, 2013, p. 104) onde as famílias Guarani estariam em constante movimento entre as aldeias espalhadas ao longo do *Tekohá Guassu*. Sobre isto, quando são visitadas aldeias Guarani é possível perceber na conversa com seus membros que estão constantemente viajando para visitar parente, seja em aldeias próximas (dentro de um mesmo território nacional), ou do outro lado da fronteira (fora do território nacional). As visitas costumam variar de tempo de estadia, já que às vezes pode levar poucos dias, meses e anos, ou inclusive se tornar numa residência permanente na aldeia visitada. Ao mesmo tempo, quando é indagada a procedência e os locais de moradia dos Guarani, referindo-nos aqui pontualmente aos que habitam na Tríplice Fronteira, vários têm

morado em diversas aldeias ao longo da sua vida, diferentes do seu local de nascimento. Por exemplo, alguns dos Guarani que atualmente moram na margem argentina da fronteira afirmam já ter morado no Brasil ou Paraguai, ou ter parentes nesses países, como é o caso do encarregado de cuidar a casa de artesanato na aldeia *Yryapú* (na Argentina) e que é filho de uma das principais lideranças da aldeia *Ocoy* (no Brasil). Desta forma, as visitas a parentes que moram em outras regiões -ou países- se tornam uma das motivações principais para que a mobilidade dos Guarani aconteça

[...] por conta das relações sociais de “*reciprocidade*” mantidas entre membros de aldeias localizadas tanto próximas, quanto distantes umas das outras. Acontecem basicamente por *dois determinantes socioculturais*: -um, pelas próprias relações de parentesco, que envolvem vários fatores: -a busca de casamento com indivíduos pertencentes a outras aldeias; - a formação de famílias numa ou outra aldeia; as visitas aos parentes em outras aldeias que podem durar meses ou anos; e ainda, a mudança pelas famílias de uma para outra aldeia [...] (CARVALHO, 2013, p. 101)

Além das várias motivações que fundamentam a mobilidade guarani, e de existir múltiplas explicações para dar-lhe sentido no mundo dos brancos, os Guarani têm sido pensados em várias oportunidades como populações indígenas carentes de residência fixa, portanto dispensadas dos seus direitos em possuir um território reconhecido pelo Estado. Este pensamento prevaleceu, por exemplo, no momento da construção da represa da Itaipu Binacional quando foram deslocadas várias populações Guarani, sendo negados seus direitos territoriais pela FUNAI – instituição encarregada de conduzir a política indigenista no país – com o argumento de que estas populações se caracterizavam por ser um grupo em constante migração (CARVALHO, 2013, p. 443), motivo pelo qual não precisam da demarcação de um território fixo. Inclusive, laudos antropológicos realizados naquele mesmo contexto afirmavam que havia poucos Guarani, e que o aparente crescimento populacional obedecia às migrações de outras comunidades Guarani que estavam vindo do Paraguai para o Brasil.

A partir destes impasses, fica ainda mais tácita a existência de uma profunda divergência entre a concepção estatal “sedentária” do uso do território, sustentada em fronteiras territoriais, linguísticas e culturais que punem mobilidades constantes que desafiam estes limites, e uma concepção “nômade” de transitar pelo *Tekohá Guassu*. Neste sentido, as visões simplistas que definem os Guarani como um povo migrante que não precisa de um território fixo desconsideram que de fato há mobilidade, porém em volta do mesmo território que garante a existência do ser Guarani, o *Tekohá Guassu* concebido como

[...] el lugar donde se dan las condiciones para ser guaraní. La tierra, concebida como tekohá, es también un espacio económico, pero en primer lugar, es un lugar

cultural y socio-político, es el lugar donde se habla la lengua [...] sin tekohá no hay tekó, sin territorio no hay vida guaraní. (MELIÀ, 2016, p. 12)

O “ser Guarani” se constitui pelo *tekoha* como espaço territorial de reprodução do social, mas também pelo fato de “andar por andar sem chegar a nenhuma parte” (SILVA, 2011, p. 35) que dispensa explicações lógicas para a concepção sedentária da mobilidade. Isto fica mais claro quando da Silva comenta que na língua Guarani os verbos “andar e viver” tem significados próximos (idem, p. 223), enxergando assim a vida como um deslocamento constante que ao mesmo tempo vai construindo território.

Na área da Tríplice Fronteira trabalhada nesta dissertação constata-se que o povo Guarani se mobiliza constantemente, tanto por questões religiosas, práticas, entre outras. Contudo, esta se vê limitada diante a marcação das fronteiras burocráticas que lhes são impostas pela figura do Estado, gerando assim a fragmentação dos seus territórios e a interrupção de suas práticas. Ao mesmo tempo, como visto no capítulo anterior, existem resistências por parte da população local da Tríplice Fronteira em reconhecer e respeitar a existência Guarani da região, principalmente ao serem criminalizados pela mobilidade que exercem, vistos muitas vezes como uma ameaça à segurança nacional. Se tornam então estrangeiros dentro do seu próprio *Tekohá Guassu*, em razão da não identificação cultural e política com os países onde residem. Apesar desta limitação, os Guarani encontram formas para combater a pressão da burocracia imposta pelos Estados presentes, assim como para desconstruir os discursos oficiais que circulam na região sobre a suposta inexistência de populações indígenas. Algumas das ações empreendidas pelos Guarani para combater estas problemáticas, são por exemplo a sua participação na atividade turística em torno às Cataratas do Iguaçu, que será apresentada nos seguintes capítulos.

3.2.2 “Índio tem só no Paraguai”: presença Guarani na Tríplice Fronteira.

Os discursos prevalecentes na região da Tríplice Fronteira que a descrevem como diversa culturalmente destacam, por um lado, a população de várias nacionalidades que reside neste espaço, e por outro, uma herança de um povo Guarani que já não existe mais, ou se existe, provém do Paraguai, como foi apresentado no primeiro capítulo. Apesar desse discurso, e após as informações gerais subministradas anteriormente sobre a presença da população Guarani há mais de dois mil anos na região do Prata, é possível agregar que na

região da Tríplice Fronteira também há registros da existência Guarani, principalmente dos subgrupos Mbya e Nhandéva (ou Ava-Chiripa).

Após as prolongadas disputas entre as populações Guarani e as coroas portuguesa e espanhola, cujo foco foram as reduções do Guairá, região onde também se encontrava o que hoje conhecemos como Tríplice Fronteira, este povo vivenciou uma época mais pacífica até finais do século XIX e inícios do XX quando esta região sai do esquecimento estatal tornando-se alvo para a instalação de empreendimentos fundiários e o desenvolvimento de projetos de colonização a partir da concessão de terras consideradas vazias pelos governos para os novos colonos, ajudando a delimitar e proteger as fronteiras nacionais até então descuidadas. Em 1889, época da instauração da Colônia Militar de Foz do Iguaçu como a primeira comunidade nacional criada oficialmente, a região era alvo de exploração de erva-mate e extração de madeira por empresas paraguaias e argentinas que usavam como mão de obra populações Guarani que ali residiam (CHMYZ e MIGUEL, 1999, p. 16). O Estado brasileiro só começaria fazer presença na região a partir da efetivação da Proclamação da República, aproximadamente no começo da década de trinta, quando as terras foram outorgadas para migrantes estrangeiros e nacionais, já que a área se pensava como inabitada, descartando a existência de populações indígenas na região. Este sentimento de ignorância – consciente ou não- sobre a existência de comunidades Guarani na fronteira prevalece até hoje, sendo motivo suficiente para expropriá-los das suas terras.

Se bem não há dados oficiais sobre os Guarani que atualmente moram nas cidades de Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú e Ciudad del Este, no Caderno Guarani Retã 2008 é ressaltada a quantidade populacional por sub grupo que habita na fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai (Tabela 1), abrangendo um área maior à Tríplice Fronteira correspondente à região existente entre os rios Paraguai, Paraná e Uruguai. Considerando apenas os subgrupos Mbya e Ava-Guarani como aqueles que prevalecem na Tríplice Fronteira, para o ano de 2008 havia no total 27.500 Mbya, encontrando-se 15.000 no Paraguai, 7.000 no Brasil e 5.500 na Argentina, assim como 27.200 Avá-Guarani, encontrando-se a maioria no Paraguai (13.200) e Brasil (13.000), e minimamente na Argentina (1.000).

TABELA 1 – POPULAÇÃO GUARANI NA FRONTEIRA ENTRE ARGENTINA, BRASIL E PARAGUAI.

Povos Guarani*	Argentina	Brasil**	Paraguay	total
Mbyá	5.500	7.000	15.000	27.500
Ava-Guarani Ñandeva	1.000	13.000	13.200	27.200
Pãi Tavyterã Kaiowá	0	31.000	13.000	44.000
Aché	0	0	1.200	1.200
total	6.500	51.000	42.400	99.900

*A cifra não inclui a população urbana ** Em todo o Brasil

FONTE: Grünberg, G. (Org). Guarani Reta 2008, p. 22.

Na cidade de Foz do Iguaçu, por exemplo, não há registros de aldeias Guarani atualmente estabelecidas, porém até a década de 1940 uma quantidade considerável de famílias Guarani moravam em aproximadamente cinco aldeias dentro da cidade: Guarani, São João Velho (ambas dentro do Parque Nacional do Iguaçu, próximas às Cataratas), Colônia Guarani (localizada na periferia de Foz do Iguaçu, onde atualmente se localiza o bairro Gleba Guarani na área de Três Lagoas), M'Boicy e Sanga Funda, e nas proximidades da cidade a aldeia Oco'y Jacutinga (CARVALHO, 2013, p. 310). As duas primeiras aldeias foram destruídas a partir da criação dos parques nacionais que cercaram as Cataratas do Iguaçu como local nacional a ser preservado, tanto na Argentina em 1934 quanto no Brasil em 1939. As populações Guarani que moravam nesta área foram retiradas forçosamente, sendo desconsideradas as relações profundas que tinham com este território. Além de um local de meio ambiente preservado, os Parques Nacionais do Iguaçu tornar-se-iam num ponto de suma importância para a segurança nacional, e para a demarcação clara do território que pertenceria a cada país.

Sobre a aldeia Colônia Guarani, esta foi invadida em 1971 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, sendo queimadas suas casas e levados seus moradores em caminhões para outras aldeias, antigos postos indígenas criados pelo Serviço de Proteção aos Índios - SPI (atualmente Fundação Nacional do Índio – FUNAI) em Mangueirinha ou Rio das Cobras, ou para locais ainda desconhecidos. O argumento do INCRA para cometer este crime foi de liberar o espaço para outros colonos, também retirados do Parque Nacional do Iguaçu, que estariam precisando de terra para morar e produzir (ibidem, p. 350-351). A aldeia Oco'y Jacutinga foi o espaço onde se juntariam parentes que previamente foram expulsos das aldeias São João Velho, Guarani e Colônia-Guarani. Contudo, o futuro de Oco'y Jacutinga não seria muito diferente das outras aldeias, considerando que foi também invadida por representantes do INCRA em 1973 com os

mesmos argumentos da época: liberar territórios para a produção agrícola e a localização de colonos. Apesar disso, a pior catástrofe para esta aldeia aconteceu a partir da década de 1980 com a construção da hidrelétrica de Itaipu Binacional e a criação do reservatório do Lago de Itaipu, que conta com uma área de 1,350 km² aproximadamente, gerando a inundação de várias aldeias guarani que se encontravam próximas a este empreendimento, tanto do lado paraguaio como brasileiro do rio Paraná. A partir da conversa estabelecida com dois moradores antigos da aldeia Oco'y Jacutinga, Maria Brant de Carvalho (2013, p. 307) identificou junto com eles que até os anos 40 existiam 32 aldeias na região do oeste do Paraná, muitas delas na beira do rio Paraná onde foi construída a hidrelétrica de Itaipu e o reservatório. Não obstante, já nos anos 80, Oco'y Jacutinga foi a única aldeia em ser indenizada pela Itaipu e reassentada na atual Terra Indígena do Oco'y, no município de São Miguel do Iguçu, encontrando-se à beira do reservatório de Itaipu onde as águas estão paradas aumentando a probabilidade de contrair malária e dengue, assim como a proximidade desta terra indígena a cultivos onde são usados agrotóxicos causando problemas de saúde graves, como verificou de Carvalho (idem, p. 382) no seu trabalho de campo desenvolvido nesta aldeia.

A partir destes projetos desenvolvimentistas e conservacionistas desenvolvidos na margem brasileira da fronteira por mãos de instituições governamentais deste país, como o IBDF/IBAMA, INCRA, ou a própria FUNAI como órgão encarregado da proteção dos direitos das populações indígenas, a presença dos Guarani viu-se ameaçada gerando que estes fugissem para aldeias localizadas nos estados brasileiros do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, assim para a Argentina e o Paraguai, conforme o depoimento de um atual morador da Terra Indígena Oco'y recolhido por de Carvalho (2013, p. 366). Na margem brasileira da fronteira, e pontualmente em Foz do Iguçu, estes acontecimentos surtiram efeito para apagar da memória desta cidade a existência de populações Guarani, como uma espécie de “limpeza étnica promovida na região de fronteira pelo Estado nacional, com a intenção deliberada de expulsão dos indígenas em direção ao Paraguai e criação de impedimentos de retornos dos mesmos, ao Brasil” (idem, 2013, p. 481), fato que não aconteceu de forma tão incisiva em Ciudad del Este e Puerto Iguazú.

Na margem paraguaia da Tríplice Fronteira, tanto em Ciudad del Este como nas cidades vizinhas de Hernandarias e Presidente Franco, existem aldeias dentro dos limites

municipais, como é o caso de duas comunidades localizadas no Parque Moisés Bertoni, próximas à beira do rio Paraná conhecidas como Acaray-Mi e Kiritó, e a aldeia Yvy Porã Renda dentro de Hernandarias e próxima à hidrelétrica de Itaipu. Numa realidade mais complexa devido à proximidade com o centro urbano, a comunidade Kuarahy Rese mora há mais de dez anos ao lado do terminal central de Ciudad del Este, em barracas improvisadas de plástico e papelão, visto que não lhe foram oferecidas as condições básicas para viver na sua antiga terra no departamento de Caaguazú no Paraguai, nem em Ciudad del Este, apesar do governo ter pleno conhecimento da sua existência⁴⁹. A relação entre os Guaraní e a população residente ou visitante das cidades paraguaias parece ser mais próxima (o que não quer dizer menos conflituosa) do que na margem brasileira (Foz do Iguaçu), não só por meio das relações comerciais travadas pela compra e venda de artesanato aproveitando a chegada de turistas, como também por situações cotidianas nas quais os Guaraní circulam para fazer suas atividades rotineiras, como ir no mercado, trabalhar, visitar parentes, ou simplesmente o fato de se deslocarem constantemente de um lado para o outro, como percebeu Evaldo Mendes da Silva (2010) quando acompanhou alguns Guaraní nas suas diárias caminhadas nacionais e internacionais.

De forma similar que a cidade paraguaia, em Puerto Iguazú existe uma forte interação entre os moradores, turistas e as populações Guaraní e, portanto, maiores oportunidades para que os primeiros possam ter um conhecimento sobre a existência dos últimos. Da mesma forma, como já foi descrito para o caso de Ciudad del Este, dentro de Puerto Iguazú existem atualmente cinco⁵⁰ aldeias Guaraní: Fortín Mbororé, Yryapú, Jasy Porã, Tupa Mbae e Ita Poty Miri (Figura 9). A primeira aldeia, Fortín Mbororé, está localizada dentro da região urbana de Puerto Iguazú, tornando-se fácil o deslocamento até o centro da cidade onde há maior movimentação de turistas. Já as outras aldeias se encontram na área de conservação natural conhecida como *Reserva Iryapú* ou *600 hectáreas*, fixada entre a Ruta Nacional 12 (rodovia que vai até Buenos Aires) e o Parque Nacional del Iguazú, conhecida por tornar-se na última década num importante polo turístico da cidade, cuja extensão foi definida no ano de 2007 a partir do *Plan de Competitividad Turística del Corredor Iguazú - Misiones* e o *Plan Maestro*

⁴⁹ “Indígenas en CDE: droga y prostitución”: <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/interior/indigenas-en-cde-droga-y-prostitucion-558510.html>

⁵⁰ A final do ano 2017 iam ser no total seis aldeias. Sobre a última a ser constituída, não tive possibilidade de ter mais informação sobre seu nome, localização, entre outros dados.

para el Desarrollo Integral de las 600 hectáreas y alrededores (Osorio, Rampello e González, 2017, p. 371).

FIGURA 9 – ALDEIAS MBYÁ GUARANI EM PUERTO IGUAZÚ



FONTE: Print de Google Maps e edição pela autora (2018).

A partir da implementação deste plano, foram outorgadas 335 hectares a importantes empreendimentos hoteleiros internacionais de três a cinco estrelas, e 265 hectares adjacentes ao Parque Nacional do Iguaçu às populações Guaraní que se concentram nas quatro aldeias mencionadas anteriormente⁵¹, declarando a parte da *selva* correspondente a estas comunidades como *Reserva Natural y Cultural* através da Ley Provincial 4098/04. Vários conflitos se estabeleceram a partir da distribuição desigual do território das 600 hectáreas, como por exemplo, a superposição de direitos territoriais. Este foi o caso da comunidade Ita Poty Miri e o Hotel Hilton que disputaram judicialmente 110 hectares que originalmente faziam parte desta aldeia Guaraní, mas que estavam sendo usurpados pela cadeia hoteleira para a

⁵¹ “Construirán 24 hoteles en plena selva”, disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/843271-construiran-24-hoteles-en-plena-selva>

construção de um luxuoso campo de Golf ⁵². Adicionalmente, a existência de populações Guaraní numa área de proteção ambiental como são as *600 hectáreas*, assim como a proximidade delas com o Parque Nacional del Iguazú gera que algumas das suas práticas sejam proibidas por representar uma ameaça ao meio ambiente, tal como a caça, a pesca e recollecção (BAÑAY, 2015, p. 3), ações chaves para que os Guaraní garantam sua auto sustentação.

Neste ponto, é importante ressaltar que, na Argentina, desde a constituição de 1994 as comunidades indígenas do país passam a ser reconhecidas a partir de uma “*personería jurídica*”, que deve ser outorgada pelo Congresso Nacional, conforme é mencionado no cap. 4, art. 75, parágrafo 17. Por sua vez, segundo o art. 2 da *Ley no. 23.302* de 1985 *Sobre Política indígena y apoyo a las Comunidades Aborígenes*⁵³, esta *personería jurídica* deve ser adquirida através de uma inscrição no *Registro de Comunidades Indígenas*, informando o nome e residência da comunidade, seus membros, atividade principal de exploração (especificando se for agropecuária, florestal, mineira, industrial ou artesanal), entre outros elementos. Inclusive, no art. 4 desta mesma lei é manifestado que as comunidades indígenas com *personería jurídica* podem ser consideradas como cooperativas, mutualidades, ou outras formas de associação, quando as mesmas se relacionam entre si. A despeito da adjudicação de terras e propriedades às comunidades indígenas na Argentina, no art. 7 desta mesma lei explicita-se que esta ação só pode acontecer uma vez as mesmas estiverem inscritas no registro mencionado. Ou seja, apenas as populações indígenas que possuam *personería jurídica* podem ter direito à suas terras, que no caso das *600 hectáreas* é apenas a aldeia Yryapú.

Considerando a pressão turística exercida sobre seus territórios, as comunidades Guaraní que moram na região conhecida como *600 hectáreas* têm empreendido várias ações para ressaltar sua presença nesta região, assim como para denunciar os conflitos territoriais que sofrem cotidianamente. Um destes foi o *Mapa Ore Rekoa - Nuestras Comunidades* a partir do qual os Mbyá Guaraní apresentam seu território detalhando os diversos usos e significados que este tem para eles, isto com o fim de serem eles os que falam por si próprios

⁵² “Misiones: Frente al avance hotelero comunidades Mbya Guaraní recuperan territorios”, noticia disponível no seguinte blog: <http://www.gajat.org.ar/2015/06/misiones-frente-al-avance-hotelero-comunidades-mbya-guarani-recuperan-territorios/>

⁵³ A palavra *aborígen* é comumente usada na Argentina para referir-se às populações indígenas.

diante um mundo turístico que se impõe e que usa uma imagem “guarani” sem contemplá-los, como indica a manchete do mapa: “Iguazú progresó gracias a la diversidad biológica y a la riqueza de su cultura guaraní. Sin embargo, sufrimos despojo y violencia. Queremos ser parte, y exigimos respeto” (Figura 10).

Num primeiro momento, qualquer turista, morador dos países vizinhos ou da própria cidade percebe ao chegar em Puerto Iguazú a presença de homens, mulheres e crianças Guarani vendendo seus artesanatos na rua ou pedindo dinheiro ou alimentos, principalmente no centro da cidade, terminal de ônibus, ou em locais destacados turisticamente que são frequentados pela grande quantidade de visitantes que diariamente passam pela cidade após seu passeio nas Cataratas do Iguaçu. Como se pode constatar no curso da pesquisa, diversos comentários desqualificantes são ouvidos em relação à vestimenta dos Guarani, sobre chinelos e roupas rasgadas ou sujas, assim como da presença de crianças de colo nos braços das suas mães enquanto vendem o artesanato. Por um lado, aquelas impressões estéticas de sujeira geram nos visitantes um imaginário de pobreza refletida nos Guarani, evidenciado em comentários como “tadinhos esses índios que não tem nem para comer” ou “essas crianças indígenas não tem nem sapatos”. Já por outro lado, foi possível perceber que são vistos como “pouco autênticos”, ao ouvir opiniões proferidas a respeito de sua presença na cidade, já que “índio de verdade mora lá no mato”, ou “índio não veste assim, nem fala espanhol ou português”. Estas palavras foram ouvidas em várias oportunidades, principalmente em espaços onde os Guarani transitam, como o terminal urbano de Puerto Iguazú, ou na *feirinha*.

Nota-se então que, na maioria das vezes, as aproximações entre os Guarani e a população local argentina (e temporária estrangeira) são dadas dessa forma nesses espaços condicionados e mediados pelo imaginário que circula sobre as populações indígenas. Contudo, poderíamos considerar esses comentários, oriundos de um contexto parcial caracterizado pelas relações de compra de artesanato e de ação de “caridade”, como a esmola, também como produto do desconhecimento da cotidianidade da vida nas aldeias, e das diversas formas a partir das quais os Guarani lidam diariamente com as limitações que lhes foram impostas pelos Estados que os fragmentaram, e que não lhes permitem viver do “jeito Guarani”.

FIGURA 10 – MAPA NUESTRO TERRITORIO ORE REKOA



FONTE: Fotografia feita pela autora ao *Mapa Nuestro Territorio Ore Rekoa*, atualmente disponibilizado na entrada da área conhecida como *Selva Iryapu* ou *600 hectáreas* (2017).

Diferentemente do que ocorre em Puerto Iguazú e Ciudad del Este, para grande parte da população de Foz do Iguaçu não é comum notar a presença dos Guaraní atuais, talvez porque a Terra Indígena Ocoy se encontra a 41 kms, no município de São Miguel do Iguaçu. Em alguns bairros mais próximos das fronteiras é frequente ver mulheres Guaraní junto com crianças pedindo roupas ou alimentos de porta em porta. Além disso, é possível ver os Guaraní transportando-se com os ônibus que vão para as cidades vizinhas, tanto nacionais quanto internacionais. No entanto, é no espaços onde se estabelece o turismo que se torna mais fácil notar a presença Guaraní, não só pelas lendas que são criadas para explicar a origem das Cataratas, ou palavras usadas neste contexto proveniente de uma suposta ancestralidade guarani, mas o Guaraní atual de carne e osso. Desta forma, é frequente vê-los em alguns atrativos turísticos disponíveis na cidade, seja exibindo seus artesanatos, fazendo apresentações musicais, ou em apresentações culturais exclusivas para um público reservado de visitantes. Destaca-se a presença Guaraní nos principais atrativos turísticos como nas próprias Cataratas do Iguaçu, tanto do lado argentino como brasileiro, onde são convidados

corais musicais das comunidades para musicalizar o passeio dos turistas. No Centro de Visitantes da Itaipu Binacional se encontra uma loja de lembranças onde são disponibilizados artesanatos feitos pelas populações Guarani que foram atingidas pela criação do Lago da Itaipu. Já no Parque das Aves além de contar com a presença dos corais Guarani, assim como dos artesanatos na loja de lembranças desta atração, no ano de 2016 foi criado o *Forest Experience* ou Noite Guarani, que é um evento feito à noite onde alguns membros da aldeia *Jasy Porã*, do lado argentino, realizam uma cerimônia de boas-vindas para um grupo seletivo de visitantes, ao redor de uma fogueira, envolvendo dança, falas dos Guarani sobre vários assuntos, assim como um jantar especial e ritual do tabaco. Assim, as interações entre os Guarani, a população local, e os visitantes da cidade de Foz do Iguaçu se dão principalmente mediadas pelo artesanato, o comércio e o turismo.

De modo geral, as populações Guarani que moram nestas três cidades, ou nas suas proximidades, vivem em espaços semi-urbanizados, em terras litigiosas que não permite a produção de alimentos e de materiais utilizados para a elaboração de artesanatos para a venda. Apesar disso, os Guarani têm procurado novas formas de ser e viver neste contexto fronteiriço a partir de algumas atividades disponíveis, como trabalhos assalariados nas próprias aldeias e cidades, ou o turismo internacional instaurado em volta das Cataratas do Iguaçu. Isto indica que, apesar dos vários acontecimentos históricos que repercutiram na vida dos Guarani, estas populações continuaram resistindo no seu *Tekohá Guassu*, que não faz referência apenas ao Paraguai (como é afirmado por personagens e instituições da região) mas a uma grande extensão de território. Os Guarani da Tríplice Fronteira não sumiram sem deixar rastro, num passado remoto, mas continuam procurando formas alternativas para resistir diante as expulsões das suas terras e o julgamento do seu modo de ser Guarani.

4. “SE VOCÊ CONHECE, VOCÊ CUIDA”: GUARANI MBYÁ E A PRÁTICA TURÍSTICA

A beleza natural existente na Tríplice Fronteira evidenciada em fontes hídricas, floresta, fauna e flora, terra vermelha, entre outras características exuberantes, motivou a consolidação de uma ampla rede turística na região que faz uso justamente destas particularidades para atrair visitantes do mundo inteiro, procurando criar diversas experiências e atividades complementares às Cataratas do Iguaçu. De modo geral, o tempo de estadia dos visitantes que chegam neste território costuma ser breve, entre dois e três dias no máximo, conforme é apresentado no último *Inventário Técnico de Estatísticas Turísticas*, produzido pela Secretaria Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu (2017). Esta quantidade de dias parece ser suficiente para que os visitantes conheçam os pontos turísticos relevantes a nível internacional, como as Cataratas do Iguaçu na Argentina e Brasil, a Usina Hidrelétrica da Itaipu Binacional como a maior produtora de energia no mundo, localizada entre Brasil e Paraguai, e a principal zona franca da América Latina em Ciudad del Este - Paraguai. No entanto, alguns dos visitantes encontram a possibilidade de ficarem uns dias a mais, considerando a amplitude de atividades turísticas oferecidas nos três países⁵⁴, principalmente alusivas à natureza e formas sustentáveis de aproximar-se a ela.

Dentro deste leque de atividades turísticas complementares é possível encontrar às comunidades Guarani da Tríplice Fronteira participando de/e produzindo atrações que ressaltam sua existência dentro da sociedade e cultura regional. Estes produtos turísticos alusivos aos Guarani são gerados tanto a partir de parcerias entre estas populações e agentes privados - como agências de turismo, ONGs com discursos ambientalistas, entre outras organizações que fazem parte da indústria turística da região -, da própria iniciativa das comunidades Guarani por involucrar-se à atividade turística, assim como a partir de agentes privados que não se preocupam em consultar aos Guarani. Neste ponto, é importante lembrar que, como foi ressaltado no anterior capítulo, as populações Guarani que residem nesta área tri fronteiriça vivenciaram vários acontecimentos históricos que geraram impactos nos seus aspectos culturais, sociais e territoriais. A partir disso, os Guarani têm procurado formas outras de sobreviver neste contexto mundial e fronteiriço, a partir de algumas atividades como sua participação no turismo regional.

⁵⁴ Para conhecer alguns dos atrativos turísticos mais procurados na região da Tríplice Fronteira, pode consultar-se a última Tabela de Atrativos Turísticos e Entretenimentos da Secretaria Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu (2018), disponível aqui: <http://www.pmfi.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=103672>

A forma de subsistência da maioria das populações Guarani que residem na Tríplice Fronteira se dá a partir da relação estabelecida diretamente com as cidades nos três países, sendo obtidos nestes espaços alguns dos alimentos e objetos consumidos por eles, considerando que, como foi ilustrado no capítulo anterior, grande parte das terras onde atualmente moram os Guarani são improdutivas, ou punidas se são cultivadas, como é o caso das aldeias próximas ao Parque Nacional do Iguazú. Adicionalmente, é nestes espaços urbanos e turísticos onde os Guarani vendem seu artesanato, obtendo o dinheiro necessário para aquisição de alimentos e objetos que precisam ser comprados na cidade. Sobre os Guarani, Elizabeth Pissolato (2016, p. 107) menciona que a interação entre as aldeias e a cidade é relevante, já que é neste último espaço onde “se pega dinheiro”, não só pela venda de artesanato, mas pelos pagamentos de alguns trabalhos, e benefícios de programas sociais governamentais aos quais têm acesso. As idas às cidades também resultam relevantes, já que, como registrou Evaldo Mendes da Silva (2010, p. 226), os Guarani manifestam se alegrar quando “passeiam na cidade” e vêm coisas que não existem nas aldeias, como uma forte movimentação de pessoas e objetos.

Aqui é relevante problematizar que a instauração de atrativos turísticos alusivos à natureza na Tríplice Fronteira não surgiram apenas pela potencialidade da beleza natural que predomina neste território, mas que existiram vários acontecimentos e processos que obedeceram a interesses particulares, e que ocasionaram graves repercussões tanto a nível ambiental, social e cultural das populações que ali viviam. Quando esta realidade turística é apresentada a partir das experiências de outros atores, como os Guarani por exemplo, e não mais a partir dos discursos emitidos por instituições de poder e replicada na sociedade civil, o olhar e as apreciações que surgem são outras, sendo agora ressaltadas as agressões que os Guarani sofreram e sofrem por causa da criação de pontos turísticos nos seus territórios, assim como pela instauração de um turismo de massa em torno a eles que os desconsidera.

Procuramos assim, neste capítulo, destacar a participação dos Guarani na atividade turística que predomina na região, dando relevância às várias formas pelas quais se aproximam ao turismo, modificando-o de acordo com seus interesses e demandas. Fazendo que, assim como as Cataratas do Iguaçu, sua cultura se torne num atrativo turístico relevante, onde possam ser reivindicados seus direitos de ser e existir do jeito Guarani. Serão destacadas

as populações Guaraní residentes em Puerto Iguazú, já que é nesta cidade argentina onde estas comunidades estão mais envolvidas com a atividade turística regional, seja vendendo seus artesanatos, fazendo apresentações culturais, oferecendo passeios nas aldeias, entre outras ações.

Particularmente, foi estabelecida uma relação mais próxima com a aldeia Jasy Porã e seus integrantes, considerando que nosso contato foi estabelecido desde metade do ano 2015. Assim, a maioria das informações aqui apresentadas foram obtidas a partir das visitas feitas nesta aldeia, e das interações estabelecidas com alguns dos residentes que se envolvem de forma mais intensa com a atividade turística. Finalmente, serão apresentados alguns dos pontos do circuito turístico que é transitado pelos Guaraní –ou por uma ideia sobre eles –, concentrados nas cidades de Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú.

4.1 COMUNIDADES GUARANI MBYÁ E TURISMO EM PUERTO IGUAZÚ

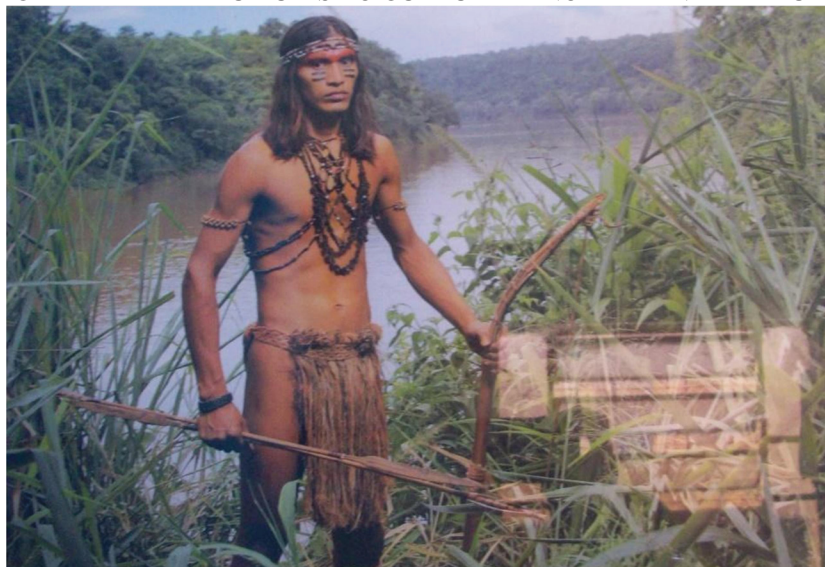
4.1.1 Primeiros encontros dos visitantes com os Guaraní Mbyá

Chegando ao Terminal Rodoviário da cidade argentina de Puerto Iguazú, os visitantes e turistas se deparam com dois cartazes publicitários colados nas portas de um dos comércios disponíveis neste espaço, que parece ser um ponto de informação turística (Figura 11). As imagens dentro destes anúncios apresentam um ‘índio’ sem muitas informações, apenas vestido de cueca de palha, muitos colares no pescoço, cabelo comprido e preto, com pinturas na cara e braços, e portando um arco e flecha enquanto pousa perto de um rio no meio do mato. As únicas palavras que aparecem nos cartazes são “Yryapú Turismo Cultural”, e um número de telefone, parecendo um convite para obter mais informações sobre o sujeito da foto. Quando indaguei pela origem desta propaganda, ingressando ao site na internet indicado nos cartazes, descobri que a “Yryapú Turismo Cultural” corresponde a uma ação criada pelo Projeto MATE⁵⁵, em parceria com a Rotary Internacional e o Instituto Tecnológico Iguazú. Esta iniciativa compreende um projeto de educação de turismo cultural que pretende formar guias turísticos Guaraní, para promover a autogestão do turismo no interior das aldeias mbyá Guaraní em Puerto Iguazú, especificamente as que se encontram na *Selva Iriapú* ou *600 hectáreas*. No entanto, conforme conversei com uma professora da escola

⁵⁵ Que significa *Modelo de Autogestión para el Turismo y Empleo*.

intercultural da aldeia Yryapú em dezembro de 2017, faz aproximadamente dois anos este projeto finalizou, dando passo a uma nova parceria da comunidade de Yryapú com uma ONG ambientalista que financia ações desenvolvidas nesta aldeia, principalmente aquelas que promovem uma prática de turismo sustentável, que não agridem o meio ambiente, e que apresentam aos visitantes outras formas de relacionar-se com a natureza.

FIGURA 11 – CARTAZ “YRYAPU TURISMO CULTURAL” NO TERMINAL DE PUERTO IGUAZÚ



FONTE: Foto elaborada pela autora (2016)

Além deste conhecido cartaz que anuncia a existência de um turismo Guaraní, panfletos são disponibilizados em hotéis, agências de turismo e pontos de atenção ao turista que fazem promoção das “aldeias aborígenes Guaraní” como um atrativo cultural importantíssimo da cidade de Puerto Iguazú, descritos na maioria dos folhetos como “*los primeros habitantes de la selva*” (Figura 12). Estes panfletos são feitos a partir de parcerias entre as comunidades Guaraní que decidem abrir-se a visitas, e agências de turismo e organizações como a *Asociación Civil Atractivos Turísticos de Iguazú*. É ainda mais interessante observar as propagandas feitas pelos próprios Guaraní, materializadas em avisos de madeira próximos às suas aldeias, indicando o sendeiro turístico que pode ser transitado (que é independente dos caminhos que as comunidades utilizam), os horários de atendimento e telefones de contato, assim como barracas de artesanato instaladas próximas às aldeias. Outros recursos que começaram a ser usados faz pouco tempo foram os blogs e perfis em redes sociais onde eles mesmos convidam as pessoas a conhecer sua aldeia e cultura, postando fotos, mapas e indicações de localização, assim como as atividades que são feitas durante o passeio nas aldeias.

La Aldea Fortín M'Bororé

15 **Turismo Guaraní**
Conoce la cultura y tradiciones de los Guaraníes. Recorrido por la Selva. Coros infantiles guaraníes, feria de artesanías locales.

16 **Calabogta Ecológica del Sello Selva**
Escuela de adaptación, manejo de caballos y cabalgata por la selva.

17 **La Grupos del Sabor**
Recorrido de 2hs por senderos selváticos, para conocer la flora, la fauna y la cultura de los pueblos originarios.

18 **La Aldea M'Bororé**
Conoce la cultura y tradiciones de los guaraníes. Recorrido por la selva. Coros infantiles guaraníes, feria de artesanías locales.

19 **La Aripuca**
Homenaje a la Selva Misionera. Construcción de 500 ml kg de madera recuperada. Helados de

20 **Biocentro Aguazú**
Montañismo, pitonaje, tortuguero, reptilario, aviarío y la laguna de las aves.

21 **Producción Ecológica**
La más amplia variedad en artículos con plantas preciosas regionales y nacionales.

22 **Ice Bar Aguazú**
Un glaciado único entre las altas temperaturas y la increíble y exuberante vegetación del estado, con el clima helado del interior del bar de hielo.

23 **La Casa de Bómbolos Locales**
Emprendimiento familiar ecológico. Conoce una casa hecha de bombolos, perfectamente habitable.

24 **Guara Oga**
Refugio de animales salvajes de la Selva Misionera. Único en la región.

La Aripuca Aguazú

Apesar de serem várias as formas pelas quais um turista pode ter conhecimento da presença de comunidades Guaraní em Puerto Iguazú, conforme apresentado anteriormente, não existe um controle nem posicionamento das entidades públicas que supervisionam o turismo na região, como a Secretaria de Turismo de Foz do Iguaçu ou o Ente Municipal de Turismo de Puerto Iguazú. Adicionalmente, em algumas visitas realizadas nos anos de 2016 e 2017 a estas instituições foram solicitadas informações sobre atrativos turísticos que involucrasse aos Guaraní, porém os próprios funcionários esclareceram que não há um inventário oficial sobre os mesmos, nem cartilhas ou panfletos diferentes dos emitidos pelas agências de turismo ou associações civis.

96

próximas, já que na região também faz presença a população Maká⁵⁶ e suas particulares mochilas coloridas, colares, pulseiras, entre outros.

Como artesanato Guaraní geralmente são vendidas para os visitantes madeiras talhadas em forma de animais representativos da realidade das comunidades - como jacaré, capivara, quati, tucano e onça pintada ou jaguaretê -, cestaria, colares e pulseiras feitas com *olhos de nossa senhora*, arcos e flechas, zarabatanas, instrumentos musicais como *marakás*, entre outros. Além da venda de artesanatos nos locais apontados, também é recorrente que algumas crianças e jovens Guaraní peçam dinheiro e/ou comida aos visitantes da cidade, ação que gera diversas respostas dos turistas, da população local e dos próprios Guaraní que não apoiam estas práticas.

Conforme alguns comentários ouvidos de turistas e moradores que transitavam pelo centro de Puerto Iguazú, estas ações representam a carência e pobreza na qual os Guaraní da região vivem, muitas vezes vistos com compaixão, ainda tratando-se de crianças, jovens, e mulheres grávidas ou com crianças de colo, como pessoas vulneráveis que costumam pedir esmola. Por outro lado, em várias oportunidades que conversei com alguns moradores da aldeia Jasy Porã sobre aqueles que pediam dinheiro no centro de Puerto Iguazú, os mesmos ressaltavam que essas pessoas provinham da aldeia Fortín Mbororé, que por estar na área urbana da cidade era gerada uma dependência intensa com a atividade turística, e com objetos que surgem nesse contexto. De este modo, seguindo os comentários dos moradores de Jasy Porã, o contato direto com a cidade e o mundo através do turismo produzem fortes episódios de violência e problemáticas sociais, como estupro, brigas entre caciques – considerando que as duas maiores aldeias de Puerto Iguazú possuem dois caciques (Yryapú e Fortín Mbororé) –, suicídios, drogas, prostituição, entre outras questões. Isto também foi registrado pelo antropólogo Evaldo Mendes da Silva (2010) que, quando acompanhou aos Guaraní nas suas caminhadas pela Tríplice Fronteira, percebeu a constante presença de crianças Guaraní na frente de hotéis de luxo e atrações turísticas relevantes pedindo *plata* / dinheiro ou comida aos

⁵⁶ Os Makás são uma população indígena que, segundo registros históricos, provém da região do Chaco paraguaio, que delimita com a Argentina e Bolívia. Devido à Guerra do Chaco, que aconteceu entre 1932 e 1935, os Makás tiveram que se deslocar a outras áreas, sendo uma delas o centro de Ciudad del Este, vinculando-se de forma mais ampla à dinâmica da tríplice fronteira e do turismo. Além dos Guaraní, os Maká participam ativamente na venda de artesanato nos vários atrativos turísticos da região, lojas de *souvenirs*, hotéis e ruas dos três países. Para conhecer um pouco mais sobre esta população indígena, sugerimos consultar o livro *Los Maká* (Pilcomayo, 2005).

turistas. Diante isto, este mesmo autor afirma que para seus acompanhantes Guarani, provenientes da aldeia *Ocoi Jacutinga* do município de São Miguel do Iguaçu (Brasil), a mendicância não era uma atividade bem vista por provocar que as novas gerações fossem preguiçosas ao trabalho, e à luta por suas terras que foram tiradas e exploradas.

De modo geral, os primeiros encontros gerados entre turistas e Guarani em Puerto Iguazú, como a cidade onde as relações entre estes dois atores são mais propiciadas, são dadas a partir da propaganda emitida sobre a existência destas comunidades. A partir da venda de artesanato, apresentação dos corais, e pedida de esmola nas ruas e espaços turisticamente relevantes de Puerto Iguazú é gerado um breve contato entre visitantes e populações Guarani que estão vinculadas com o turismo internacional.

4.1.2 Aldeias Mbyá Guarani e prática turística

Após ser estabelecido este primeiro contato entre visitantes e comunidades Guarani, seja através de publicidade alusiva a estes últimos, ou a partir da sua própria presença na cidade, alguns dos turistas podem decidir ter mais informação sobre esta população, acedendo aos diversos passeios que são disponibilizados no interior das aldeias, ou aproximando-se a elas de forma independente com o fim de conhecê-las.

Os passeios desenvolvidos no interior das aldeias são, na sua maioria, coordenados a partir de relações feitas entre as comunidades Guarani, agências de turismo e outras organizações privadas que trabalham com a área. Até o momento, os órgãos públicos apenas participam na divulgação de publicidade dos passeios, como pode ser evidenciado no site oficial do *Ministerio de Turismo da provincia de Misiones*⁵⁷, sem oferecer nenhum tipo de acompanhamento ou apoio às atividades turísticas praticadas pelos Guarani. A única iniciativa relevante de turismo que chegou involucrar a todas as aldeias Guarani foi o Projeto MATE, apresentado nas anteriores páginas, que, embora localizado no prédio que antigamente correspondia à escola da aldeia Yryapú, convidava a participar aos integrantes de outras aldeias. Quando conversei com alguns membros da aldeia Jasy Porã que são ou foram guias turísticos - como o cacique, o representante legal e comercial, e outros mais novos que

⁵⁷ No site do Ministerio de Turismo de Misiones são recomendados como atrativos turísticos culturais os passeios no interior de algumas aldeias Mbyá Guarani de toda a província, conforme aparece no seguinte link: <http://www.misiones.tur.ar/es/pueblos-originarios/>. Contudo, são citadas apenas duas aldeias da província, e só a aldeia Fortín Mbororé em Puerto Iguazú.

costumam aparecer em eventos turísticos importantes -, todos indicaram ter começado a serem guias após um curso oferecido por professores do Projeto MATE, onde foi ensinado como comportar-se e falar com os turistas, a criar atrações que pudessem ser interessantes para os visitantes, a estipular preços e horários dos passeios, entre outros aspectos. Adicionalmente, em Yryapú o Projeto MATE proporcionou apoio financeiro para a construção das trilhas, carteis, e um museu do turismo onde são apresentadas algumas peças de artesanato e instrumentos musicais feitos pelos Guarani.

Algumas comunidades se envolvem de forma mais direta com estas instituições privadas, como é o caso das aldeias Yryapu e Fortín Mbororé, que estabeleceram parcerias com uma fundação ambientalista e uma importante agência de turismo da cidade respectivamente, sendo estas organizações as encarregadas de procurar os turistas, publicitar a existência dos Guarani e transportar os visitantes até às aldeias. De outra forma, as aldeias *Jasy Porã*, *Tuba Mbae* e *Ita Poty Miri* tem uma prática esporádica do turismo, promovida na maioria das vezes pelos próprios Guarani, auxiliados por agências de turismo que se encarregam de aspectos publicitários e logísticos, procurando turistas interessados e transportando-os até as aldeias.

A aldeia Fortín Mbororé é a mais antiga em Puerto Iguazú, existindo legalmente para o governo provincial desde 1990 quando a prefeitura da cidade recebeu 200 hectares da *gendarmería nacional* (profissão similar à Polícia Militar no caso argentino) e as destinou a esta comunidade Guarani. Adicionalmente, Fortín Mbororé é a aldeia Mbyá Guarani mais populosa de toda a província de Misiones, contando com aproximadamente 305 famílias e/ou 1.570 personas, segundo informações repassadas pelos guias turísticos da aldeia. A partir deste aglomerado populacional foram criadas as outras aldeias existentes nas *600 hectáreas*, iniciando com Yryapú, que surgiu a partir do desmembramento de algumas famílias de Fortín Mbororé que começaram a deslocar-se em direção à atual *Selva Iryapú*, e que a inícios dos anos noventa era um aterro sanitário a céu aberto. Já que a existência desta população indígena no aterro reproduzia uma imagem negativa da cidade para os turistas internacionais, numa entrevista que a antropóloga Ana Gorosito concedeu ao blog *Informe hampa* em 2012, foi ordenado por funcionários públicos da cidade a queima das casas dos Guarani que se encontravam morando nesta área. Como já mencionado no capítulo anterior, as terras correspondentes a esta comunidade foram outorgadas e demarcadas só no ano de 2004, e

compartilhadas com as aldeias Jasy Porã e Tupa Mbae. A aldeia Ita Poty Miri encontra-se em outro segmento da *Selva Iriapú* que não foi demarcado, e que está em constante disputa com o Hotel Hilton, conforme foi apresentado no anterior capítulo. Estas três aldeias têm que lidar constantemente com problemas de delimitação territorial, já que ainda não possuem os títulos de propriedade comunitária, dependendo ainda da demarcação outorgada a Yryapú.

As aldeias menores das *600 hectáreas* foram conformando-se nos últimos anos a partir de famílias provenientes de Yryapú e Fortín Mbororé, que por conflitos internos decidiram começar um novo núcleo populacional. Pontualmente, a aldeia Jasy Porã começaria consolidar-se mais ou menos a partir do ano 2008, num território próximo da aldeia Yryapú que faz parte dos hectares destinadas aos Guaraní na divisão da área das *600 hectáreas*. Na atualidade, nesta aldeia residem aproximadamente 30 famílias, correspondentes a mais ou menos 150 pessoas que provem não apenas das grandes aldeias Mbyá Guaraní em Puerto Iguazú previamente citadas, mas de outras aldeias existentes em diversas localidades da província de Misiones, do Paraguai e do Brasil. Além de locais próximos dentro da própria Argentina, e do Paraguai que se encontra do lado, resulta interessante perceber que os Guaraní afirmam ter família em outros espaços mais distantes, como o litoral brasileiro dos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, assim como no oeste do Paraná, região próxima à Tríplice Fronteira. Inclusive, vários deles asseguram visitar regularmente seus parentes, aproveitando a viagem para conhecer as belas paisagens da praia, assim como para praticar seu português.

De todas as aldeias presentes nas *600 hectáreas*, Yryapú é a que mais divulga suas ações turísticas, possivelmente por causa do apoio financeiro que recebe atualmente de uma importante ONG ambientalista. A propaganda da aldeia Yryapú como um atrativo a ser visitado pode encontrar-se no terminal de Puerto Iguazú, em cartilhas turísticas disponíveis em hotéis e pontos de informação ao longo da cidade, assim como em sites e blogs especializados em viagens. De forma similar, a aldeia Fortín Mbororé possui sua própria propaganda turística, administrada por uma destacada agência turística da cidade, e divulgada principalmente em cartilhas e meios digitais. As visitas na aldeia Yryapú são permitidas todos os dias desde as 8h até às 18h, sendo oferecidos passeios com uma hora e meia de duração, pagando uma taxa de 150 pesos argentinos por pessoa (entre 30 a 40 reais). O passeio é feito na selva em companhia de um guia turístico da comunidade que apresenta algumas

armadilhas usadas antigamente, plantas medicinais, artesanatos feitos por integrantes da aldeia, assim como explicadas outras informações consideradas relevantes sobre a vida Guarani no passado e presente. Estes guias turísticos costumam ser homens entre 20 e 40 anos, geralmente capacitados através de programas desenvolvidos por ONGs e fundações. Pelo contrário, os passeios na aldeia Fortín Mbororé são regulados pela agência de turismo, existindo saídas diárias pela manhã e tarde, a bordo veículos 4x4 estilo safári que deslocam os turistas desde os locais onde estão hospedados até a aldeia, com um custo de 356 pesos argentinos por pessoa (em torno de 70 reais). O passeio tem duração de duas horas, e nele são apresentadas uma ampla variedade de armadilhas ao longo da selva, músicas cantadas pelo coral de crianças, e artesanatos disponibilizados para a venda.

De modo geral, as interações dadas entre Guarani e turistas nestes passeios promovidos no interior das aldeias costumam ser rápidas e superficiais, sendo apenas intercambiadas algumas palavras entre estes atores, limitando-se às informações que são dadas pelo guia da comunidade. Conforme alguns comentários de turistas que fizeram o passeio no interior das aldeias, apresentados previamente no primeiro capítulo, este transcorre a maioria do tempo em silêncio, já que os guias falam pouco e costumam ser tímidos e retraídos, sendo necessário fazer várias perguntas para eles responder. Adicionalmente, é manifestado por vários visitantes que percebiam o incômodo dos Guarani na hora de recebê-los, e de dispor-se a comentar coisas que caracterizavam a vida deles antigamente, já que a vida atual não é muito apresentada. Contudo, também é manifestada satisfação por ter conhecido um cultura indígena, que estimula a questionar sobre o estilo de vida moderna experimentada nas cidades.

4.1.3 Entrando nas *600 hectáreas* ou *Selva Iryapú*

De forma mais detalhada e específica será apresentada a região das *600 hectáreas*, espaço onde se localizam a maioria das aldeias Guarani de Puerto Iguazú, e que, apesar de estar longe do centro da cidade onde há maior movimentação de visitantes, participam ativamente do turismo desenvolvido nesta área de reserva natural. A *Selva Iryapú*, ou também conhecida como *600 hectáreas*, foi definida a partir da instauração de projetos de desenvolvimento territorial e econômico que pretendiam torna-la um ponto turístico natural relevante da fronteira. Desde o ano de 2015 os hectares dispostos à atividade turística são

administrados pela *Fundación Selva Iryapu*, que foi constituída como pessoa jurídica desde Janeiro de 2015 a partir da associação de alguns empresários do turismo da cidade e da província de Misiones, interessados no desenvolvimento do turismo sustentável nesta área de preservação ambiental com potencial turístico.

São duas as entradas que permitem acessar na área das *600 hectáreas*, correspondendo a um mesmo caminho que vai contornando esta reserva natural até encontrar-se no nordeste com o Rio Iguazú que separa este espaço do Brasil, e no sudeste com a Ruta Nacional 12 que divide as *600 hectáreas* da parte urbana de Puerto Iguazú. A entrada principal é visivelmente detectada por encontrar-se do lado da Fundación Instituto Tecnológico Iguazú (ITEC) da Universidad Nacional de Misiones, e dá as boas-vindas aos visitantes com um portal construído em pedra que destaca em letras brancas *La Reserva Selva Iryapú* como nome desta área, junto com o desenho de uma folha de árvore (Figura 13).

FIGURA 13 – PORTAL DE BOAS-VINDAS DA RESERVA SELVA IRYAPÚ



FONTE: Fotografia elaborada pela autora (2016).

Ao longo desta rua asfaltada que se desprende da Ruta Nacional 12 na altura do reconhecido Exe Hotel Cataratas, é possível apreciar como primeiro ponto turístico relevante *La Guagua del Yaguareté*⁵⁸ que é um veículo com 24 poltronas guiado por um trator que oferece um “paseo ecológico y cultural por la Tierra de los Guaraníes”, segundo como aparece no cartaz publicitado na parte superior deste transporte. *La Guagua* transita pelo interior das *600 hectáreas* da *Selva Iryapú*, num recorrido que demora em torno de duas horas e que tem uma frequência de quatro vezes por dia. Neste tempo é apresentada a flora e fauna da região, e evidenciada a atual presença Guarani dentro desta selva a partir de uma breve visita à aldeia Yryapu, onde um integrante desta - que é escolhido pela comunidade para

⁵⁸ Em alguns países hispano falantes do Caribe a palavra *Guagua* significa ônibus e/ou automóvel similar a um caminhão para transportar passageiros.

cumprir a função de guia turístico - explica aos visitantes algumas armadilhas que eram usadas para caçar animais, vestido com penas na cabeça, colares e pulseiras, uma espécie de saia que cobre parte das pernas, e uma grande lança nas mãos (Figura 14).

FIGURA 14 – APRESENTAÇÃO DE JOVEM GUARANI PARA *LA GUAGUA DEL YAGUARETÉ*



FONTE: Fotografia disponível no site do Ente Municipal de Turismo Iguazú (s/d):
<http://iguazuturismo.gob.ar/attractivo/la-guagua-del-yaguarete/>

Outro passeio similar a *La Guagua del Yaguareté*, e o segundo atrativo turístico visível na entrada principal à *Selva Iryapú*, é um estábulo com cavalos e bois acompanhado por cartazes que convidam aos visitantes a cavalgar ao longo da reserva até a beira do Rio Iguazú⁵⁹, aproveitando neste trecho as belezas naturais e culturais existentes, incluindo um passeio pelo interior das aldeias Guaraní das 600 *hectáreas*, sendo destacados os postos de artesanato destas comunidades aos turistas. Ao longo do caminho principal que permite o ingresso à *Selva Iryapú*, além de transitar visitantes dentro da *Guagua del Yaguareté*, e sobre cavalos e bois, também é frequente o passo do ônibus turístico de Puerto Iguazú, que percorre 48 pontos principais da cidade em seis horários de terça a domingo, incluindo os postos de artesanato das comunidades Yryapú e Jasy Porã nas 600 *hectáreas*, e a aldeia Fortín Mbororé na parte urbana da cidade de Puerto Iguazú.

Dando continuidade ao caminho descrito, posteriormente ao portal existem duas realidades diferentes. Por um lado, atualmente existem 15 empreendimentos hoteleiros de três a cinco estrelas dentro das 600 *hectáreas*, distribuídos na margem esquerda do portal de boas-vindas. Os hotéis ou *lodges* visíveis neste caminho principal são *La Aldea de la Selva Lodge*, *Tierra Guaraní Lodge*, *Yvy Hotel de la Selva*, *Hotel Mercure Iru*, y *La Cantera Lodge de*

⁵⁹ “Iguazú ofrece cabalgatas y recorridos en “carros polacos” por la selva”:
https://www.youtube.com/watch?time_continue=8&v=kcJEHw3XOM0

Selva by DON. Vale a pena destacar que muitos destes estabelecimentos pertencem a grandes redes hoteleiras que se encontram em várias partes do mundo, e que ao mesmo tempo fazem parte de importantes grupos econômicos internacionais. Todos estes hotéis argumentam ter o propósito de dar valor aos recursos naturais e culturais da região a partir da prática de um turismo sustentável, considerando, por um lado, a natureza particular e exuberante que se impõe ao redor, e por outro, a convivência com as populações Guaraní que coabitam as *600 hectáreas* e que também se vinculam ao mundo turístico. Alguns destes hotéis estabeleceram parcerias diretas com várias aldeias Guaraní que abrem suas portas para visitaço, procurando guias turísticos nativos que apresentem de forma mais próxima sua cultura aos hóspedes, levando-os por trilhas turísticas disponíveis no interior das aldeias, e apresentando-lhes plantas medicinais e armadilhas que se encontram ao longo do trajeto. Outros estabelecimentos hoteleiros realizam periodicamente doações de alimentos às aldeias e úteis escolares às escolas interculturais que se encontram dentro das mesmas.

Pela existência das aldeias no interior das *600 hectáreas*, é possível notar a presença de crianças, jovens, mulheres e homens Guaraní transitando pelos caminhos desta área, deslocando-se de uma aldeia a outra, tanto para visitar parentes, frequentar as escolas interculturais existentes em Yryapú e Jasy Porã, como para simplesmente passear por esta floresta e aproveitar as belezas naturais que se encontram. Da mesma forma, constantemente os Guaraní frequentam este caminho principal para dirigir-se à Ruta Nacional 12, onde há acesso para o centro da cidade de Puerto Iguazú e para atrações turísticas próximas onde podem vender seus artesanatos, assim como para pegar os ônibus em direção a outras cidades da província de Misiones, ou cidades dos países vizinhos.

Na margem direita deste caminho principal que limita com o Parque Nacional do Iguaçu argentino encontram-se os hectares que desde 2004 foram destinadas aos Guaraní, pontualmente aos representantes da aldeia Yryapú na época. É justamente esta comunidade a primeira em aparecer no caminho, sendo muito fácil identificá-la através dos cartazes indicativos que estão distribuídos ao longo da entrada desta aldeia (Figura 15), e que convidam a visitantes para aproximar-se aos sendeiros turísticos destinados especificamente para este fim.

FIGURA 15 – CARTAZES TURÍSTICOS DA ALDEIA YRYAPÚ



FONTE: Fotografia elaborada pela autora (2016)⁶⁰.

Esta prática não se limita apenas à aldeia Yryapú, já que outras comunidades Guarani como Ita Poty Miri e Jasy Porã também participam ativamente do turismo desenvolvido na região, igualmente fazendo uso de cartazes ao longo deste caminho para manifestar sua presença aos turistas. O cartaz da aldeia Ita Poty Miri foi colocado do lado de avisos de importantes hotéis próximos a esta comunidade que indicam a distância aproximada desde aquele ponto, estratégia que também foi adotada por esta comunidade, ilustrando também no seu cartaz os metros que faltam para chegar, e uma flecha que aponta em direção à aldeia (Figura 16).

FIGURA 16 – CARTAZES TURÍSTICOS DA ALDEIA ITA POTY E DE HOTÉIS PRÓXIMOS



FONTE: Fotografia elaborada pela autora (2016).

⁶⁰ Em português *sendero turístico* quer dizer trilha ou caminho turístico.

De outra forma, a comunidade Guarani Jasy Porã instalou apenas um imponente cartaz na entrada da aldeia, onde dão as boas-vindas em espanhol, guarani e inglês, e motivam a visita de pessoas afirmando que a mesma “ayuda a conservar nuestro patrimonio”, além de informar algumas das atrações turísticas que são encontradas dentro, os dias e horários únicos de atendimento aos turistas, e um telefone de contato (Figura 17). Do lado do cartaz, sobre o mesmo caminho asfaltado que provém da Ruta Nacional 12, e que dá acesso às 600 hectáreas, encontra-se o posto de artesanato da aldeia Jasy Porã onde são oferecidos animais talhados em madeira, pulseiras e colares, cestas, entre outros artigos feitos pelos Guarani desta aldeia.

FIGURA 17 – CARTAZ TURÍSTICO DA ALDEIA JASY PORÃ



FONTE: Fotografia elaborada pela autora (2016).⁶¹

O outro caminho existente para ingressar à *Selva Iryapú* localiza-se mais próxima à aduana argentina e às ruas que dão acesso ao centro da cidade de Puerto Iguazú, também sobre a Ruta Nacional 12. Este caminho, a diferença do anteriormente comentado, se limita a apresentar a magnitude hoteleira e turística da área enquanto o mesmo é percorrido, onde além de hotéis também foram construídas pousadas, cabanas, *resorts* e *spas*. Como outros atrativos turísticos que vinculam às populações Guarani, neste acesso também são visíveis cartazes correspondentes à aldeia Ita Poty Miri, que novamente convidam aos turistas a visitar seu território que está cercado por importantes empreendimentos hoteleiros, como o Hotel Hilton que ainda não foi finalizado. Os hotéis presentes neste caminho são *Palo Rosa Lodge*, *Hotel Cabañas Luces de la Selva*, *Rainforest Hotel Selva*, *Sol Cataratas Hotel*, *Falls Iguazú Hotel & Spa*, e *Selva de Laurel*. Outros se afastam dos caminhos mais transitados,

⁶¹ Em português, o conteúdo do cartaz significa “Com sua visita nos ajuda a conservar nosso patrimônio. Trilhas de história natural”.

encontrando-se mais próximos da beira do Rio Iguazú, como o *Village Cataratas*, *Loi Suites Iguazú Hotel* e *Awasi Iguazú*.

De modo geral, os hotéis estabelecidos na área das 600 *hectáreas* possuem características y discursos similares⁶²: ressaltam aos hóspedes e futuros visitantes a exuberante natureza que os rodeia, definindo-a como um paraíso virgem e inalterado, e, ao mesmo tempo, como um mundo selvagem impenetrável, que permite sentir-se em harmonia com o meio ambiente afastando-se do barulho da cidade. Esta comunhão com a natureza é possível, segundo eles, a partir da experiência do visitante por aproveitar a flora e fauna que caracteriza a região, assim como por conhecer as comunidades aborígenes originárias das terras que ensinam a cuidar da natureza. Inclusive, o hotel *Awasi Iguazú* divulga aos seus futuros hóspedes um vídeo legendado em inglês onde aparece o representante legal e comercial da aldeia Jasy Porã, narrando em guarani a importância que tem a selva para eles como grupo indígena:

The jungle is part of our life and wisdom: just as we are a part of the jungle. [...] We would like to show Awasi guest that there still exist a community in this world, where people protect their grandparents, shelter their children and work around the sun to preserve their environment: in our case the jungle. We hope that the Guaraní community and Wasi can share the same path.

Fragmentos do vídeo “The Land Without Evil”, produzido e divulgado pelo hotel Awasi Iguazú⁶³.

Ao longo do vídeo, a voz do representante da aldeia Jasy Porã é acompanhada por imagens de animais e plantas, artesanatos fabricados na sua aldeia, e crianças Guarani brincando e cantando em coro, ressaltando constantemente que os Guarani fazem parte da natureza e por esse motivo suas ações e própria existência devem encaminhar-se para a preservação da mesma, e motivando ao hotel Awasi Iguazú e seus hóspedes compartilhar este mesmo compromisso. A mensagem final transmitida no vídeo, desta vez como texto exposto na tela sem a voz do narrador, é de convidar aos visitantes a adotar o legado Guarani pela procura constante de “Terra Sem Mal”, que representa o paraíso terrenal da natureza obtida só lutando por um melhor planeta. Neste caso, novamente a ideia de Terra Sem Mal dos Guarani, discutida previamente no segundo capítulo, é interpretada como a procura incessante de um paraíso onde a união entre a vida e a natureza é possível, que consegue alinhar-se com o discurso ambientalista preservacionista que prevalece na região.

⁶² Os discursos que fazemos referência foram obtidos nos sites web dos hotéis mencionados nas últimas páginas. Considerando que são quatorze hotéis, o detalhamento de cada um dos sites será oferecido nas referências desta dissertação.

⁶³ Vídeo disponível para ser assistido no seguinte link: <https://vimeo.com/album/4915412/video/254848246>

Uma situação similar foi apresentada por Alfonsina Cantore e Clara Bofelli (2017) que, ao se aproximarem a esta mesma realidade turística, perceberam que é construída uma imagem comercial mercantilizada de uma etnicidade imaginada sobre as populações Guarani, como ‘povos aborígenes guardiões da natureza’. No caso, as autoras partem da situação gerada por uma ONG ambientalista com financiamento internacional que estabeleceu um vínculo direto com algumas aldeias Guarani da *Selva Iryapú*, com o fim de desenvolver projetos de turismo sustentável que promulguem o cuidado da natureza. Para as autoras, esta intenção da ONG mencionada exotiza ainda mais a identidade dos Guarani já que exige deles a correspondência com a ação esperada, isto é, de tornar-se em ‘aborígenes autênticos’ que complementem os imaginários das Cataratas do Iguaçu e seu entorno como santuário natural, promulgando sempre o cuidado da flora e fauna regional.

Assim, de modo geral, os hotéis mencionados que se encontram nas *600 hectáreas* parecem projetar um ambiente selvático alusivo a uma suposta ancestralidade Guarani que promulga o cuidado da natureza. Este sentimento parece complementar-se com a concepção existente na cidade de Puerto Iguazú sobre as populações Guarani, descrita brevemente no primeiro capítulo, sendo pensados como autênticos conhecedores da natureza que podem oferecer uma vida alternativa ao mundo moderno e capitalista dos nossos dias. Esta visão parece ignorar que, como imaginário construído sobre os Guarani, nem sempre é correspondida por eles, já que negociações e diálogos com outros atores são constantemente estabelecidos, donde a natureza não está necessariamente no primeiro lugar. Contudo, a paisagem das *600 hectáreas*, dos hotéis de luxo e das aldeias Guarani que ali se encontram se caracterizam pela tranquilidade transmitida através de uma aparente harmonia com o meio ambiente, a diferença de outros espaços da Tríplice Fronteira.

4.2 ATIVIDADE TURÍSTICA DOS GUARANI MBYÁ DA ALDEIA JASY PORÃ

4.2.1 Apresentando Jasy Porã e seus atrativos turísticos

Partindo da cidade de Foz do Iguaçu, para chegar à aldeia Jasy Porã é necessário caminhar mais ou menos quatro quilômetros após a aduana argentina, um ao longo da Ruta Nacional 12 que nasce em seguida de cruzar a Ponte Internacional Tancredo Neves sob o Rio Iguaçu, e três quilômetros pelo caminho asfaltado que ingressa às *600 hectáreas*. A entrada

principal a esta aldeia encontra-se justo na frente do hotel *La Cantera de La Selva*, sendo fácil de identificar já que possui um grande cartaz dando as boas-vindas, assim como um posto de artesanato feito em madeira e lonas verdes onde são oferecidos os objetos elaborados por algumas famílias da aldeia.

Para ingressar à aldeia Jasy Porã existem vários caminhos de acesso. Os mais estreitos e difíceis de perceber costumam ser os mais usados pelos moradores e frequentadores, já que através destes é possível otimizar o tempo de deslocamento, evitando veículos e lama nos dias chuvosos que prevalecem no caminho principal, conforme relatado anteriormente. O uso de determinado caminho permite identificar quem é morador e/ou frequentador, ou turista e/ou visitante que vai pela primeira vez. A entrada denominada previamente como principal, que nasce do caminho asfaltado das *600 hectáreas*, é destinado principalmente ao ingresso de veículos motorizados, destacando-se carros e motos particulares, ambulâncias, pequenos caminhões de transporte de material de construção, viaturas, entre outros. Além disto, é neste caminho onde costumam ingressar os turistas e visitantes novos, sendo fácil identificar quando alguém desconhecido começa a transitar pela aldeia. Quando isto acontece, as famílias que moram sobre este caminho avisam aos encarregados dos passeios no interior da aldeia de intervir e de procurar informação sobre a pessoa e suas intenções. Ao serem identificadas as pessoas desconhecidas como turistas começa o papel dos guias locais de explicar as características dos passeios oferecidos, custo e duração. Caso não sejam turistas, são acompanhados até o local ou pessoa que estão procurando.

Praticamente todos os guias turísticos em Jasy Porã são homens que participaram das aulas subministradas pelo Projeto MATE a partir de 2004, assim como jovens que foram iniciados no turismo por estes últimos. Até o momento da pesquisa, consegui identificar que trabalhavam como guias turísticos quatro jovens da aldeia, e apenas um dos formados pelo Projeto MATE. Quanto perguntei a alguns deles como começaram a trabalhar nesta função, afirmaram simplesmente que estavam precisando obter um ingresso econômico para manter a suas famílias, e que tinham visto como outros amigos e parentes trabalhavam facilmente como guias turísticos. Em relação às mulheres e jovens da aldeia e sua participação no turismo, estas se envolvem de forma mais ativa na elaboração e venda de artesanatos no posto localizado na entrada principal, nas apresentações do coral em eventos no interior e exterior da aldeia, ou como cozinheiras de pratos típicos oferecidos aos turistas nas suas visitas.

Quando se transita ao longo do caminho principal, é possível enxergar as primeiras casas da aldeia, na sua maioria feitas de madeira, com um grande pátio e fogueira sempre acesa para aquecer os dias de inverno, afastar os bichos, manter água quente para o mate, e preparar os alimentos consumidos ao longo do dia. Galinhas, pintinhos, cachorros e gatos circulam por toda a aldeia, assim como crianças correndo e brincando. O caminho rodeado por árvores, pássaros e borboletas é ambientado por estações radiais brasileiras, argentinas e paraguaias, onde são reproduzidas músicas como sertanejo universitário, funk brasileiro, cumbia argentina e paraguaia, e *reggaeton*. Quando o caminho se torna mais estreito é divisada a Escola Intercultural Bilíngue 941, encontrando-se no coração da aldeia e funcionando como um ponto de encontro e referência. Já que este caminho principal conduz diretamente à escola, o mesmo é constantemente transitado por visitantes desta instituição como local de suma importância para a tomada de decisões. Assim, quando os visitantes são política e/ou economicamente relevantes para os Guaraní, o encontro é desenvolvido a maioria do tempo na escola e proximidades, e em menor medida nas trilhas e espaços apenas frequentados por moradores.

Após o turista ser identificado no caminho principal, abordado e indicado a fazer o passeio turístico na aldeia, é designado um guia da comunidade para dar início à trilha e ir explicando as particularidades da aldeia - como os anos de existência, o número de famílias e moradores, a forma como sobrevivem -, os usos medicinais e artesanais que são dados às plantas, as armadilhas para caçar animais usadas antigamente, e a apresentação do coral musical. O passeio começa num portal destinado especialmente para o recebimento dos turistas (Figura 18), onde há duas construções feitas a partir de troncos e palha, assim como cadeiras de madeira, e um amplo pátio em forma circular.

Após este passo, os turistas são conduzidos por uma trilha onde se encontram as armadilhas usadas para caçar todo tipo de animais, prevalecendo algumas espécies de pássaros, o tatu e javali. Aqui os guias ressaltam que correspondem a armadilhas usadas antigamente, já que na atualidade não tem tanto animal para caçar com ajuda dessas ferramentas, além de ser proibida esta prática dentro do Parque Nacional do Iguaçu e suas proximidades, incluindo as 600 *hectáreas* como área de preservação ambiental. Enquanto são apresentadas as armadilhas aos visitantes, são também mencionadas e exibidas algumas

plantas medicinais que costumam ser usadas para curar determinadas dores e doenças, assim como comentadas algumas das comidas que são feitas com ingredientes disponíveis na selva, geralmente feitas com milho e mandioca.

FIGURA 18 – PORTAL DE RECEBIMENTO AOS TURISTAS EM JASY PORÃ



FONTE: Fotografia elaborada pela autora (2017).

Como próximo atrativo turístico disponível dentro da aldeia, antes de passar ao posto de artesanatos que se encontra na saída de Jasy Porã, destaca-se o coral de crianças e jovens, que são acompanhados por um adulto que conduz as vozes com um violão sem emitir acordes, apenas rasgando as cordas com as unhas para gerar uma melodia constante. A existência e formato do coral não é apenas exclusivo da aldeia Jasy Porã, mas uma característica dos sub grupos Avá e Mbyá Guaraní que se encontram distribuídos entre os países do cone Sul, e que resulta chamativo para os não-Guarani por sua simplicidade, beleza e harmonia, sem relacionar-se diretamente com a atividade turística.

Como visto, a trilha que é destinada aos turistas dentro da aldeia Jasy Porã não difere muito das já mencionadas em Yryapú e Fortín Mbororé, com espaços designados para apreciar armadilhas, conhecer um pouco dos usos medicinais e artesanais das plantas, adquirir artesanatos elaborados pelas famílias da aldeia, como colares, pulseiras, animais de madeira, brincos e cestas, e ouvir o coral de crianças, que se torna uma poderosa ferramenta política, como apresentaremos mais para frente. Contudo, além destes atrativos, em Jasy Porã tornou-se relevante apresentar aos turistas a escola, que permite conhecer outra forma pela qual os

membros desta aldeia sobrevivem: a educação e a aprendizagem de ferramentas que lhes ajuda dialogar no mundo dos brancos.

4.2.1.1 A Escola Intercultural Bilíngue 941

Como uns dos espaços mais importantes dentro da aldeia Jasy Porã, a Escola Intercultural Bilíngue recebia, até faz um par de anos, um grande número de visitantes nas suas instalações. Embora na atualidade seja restrita a aproximação de turistas às salas de aula, e outros espaços destinados exclusivamente para a aprendizagem das crianças, dentro do *tour* pela aldeia sempre é apresentada a escola, pelo menos desde uma das trilhas onde é possível enxerga-la, e comentada a história da sua constituição.

Conforme foi narrado orgulhosamente pelo diretor da escola numa das minhas primeiras visitas em 2015, a escola da aldeia Jasy Porã começou a ser pensada desde o ano de 2013, a partir da elaboração de um relevamento que permitiu evidenciar a necessidade de construir uma escola dentro da comunidade, considerando que até esse momento as crianças deviam caminhar dois quilômetros e meio até a aldeia Yryapú para estudar, enfrentando alguns perigos no caminho. Ao mesmo tempo, foram realizadas várias assembleias e reuniões com representantes do Ministério da Educação para expor esta demanda. Contudo, o Ministério exigia à comunidade ter um espaço e/ou prédio escolar já construído. Neste ponto, o senhor Semino Rossi, argentino residente na Alemanha e amigo do diretor da escola, colaborou com o dinheiro para iniciar a construção do prédio, que começou em fevereiro de 2014. Em Setembro de 2014 a escola foi constituída legalmente, sendo reconhecida pelo Ministério. A inauguração, e primeiro dia de aula, aconteceu em março de 2015. Após esta data, a escola tem recebido doações de dinheiro para continuar a construção de alguns espaços inconclusos, como banheiros, cozinha, horta, assim como a manutenção periódica do telhado, portas, esgoto, etc. As doações têm sido feitas tanto por atores privados como públicos.

A escola, assim como a gestão dos docentes que ali trabalham, tornou-se num importante canal para estabelecer contatos e diálogos com instituições e pessoas relevantes no campo político e econômico, tanto a nível regional, nacional e internacional. É através da escola – como instituição que representa a presença do estado argentino – que são dadas a conhecer demandas gerais da aldeia, como a necessidade de ter mais alimentos para as crianças, roupas e agasalhos para o inverno, asfalto e sinalização para que os membros da

aldeia possam deslocar-se facilmente sem perigo de ser atropelados. Inclusive, a escola funciona como canalizadora destas demandas para destiná-las a outros atores considerados influentes pelos Guarani, como acadêmicos e filantropos, diretores de fundações e outras organizações sem fins lucrativos, até empresários do mundo turístico. O contato estabelecido com estas personalidades tem motivado desde a doação de roupas e alimentos, a fabricação de uns óculos especiais para a mãe do cacique, o transporte do coral para apresentar-se em outras cidades, aulas de pintura para as crianças, a construção de uma cancha de futebol profissional, entre outras ações.

Dentro do mundo turístico, a escola tem funcionado também como forma de repassar certos conhecimentos que são usados neste âmbito, como aprender a construir armadilhas, ou saber reconhecer as propriedades medicinais das plantas disponíveis na floresta. Numa ocasião, em setembro de 2017 a Escola Intercultural Bilingue da aldeia Jasy Porã estava preparando-se para a feira de ciências que aconteceria na cidade de Puerto Iguazú, onde todas as escolas públicas e privadas do município devem participar. Cada grau devia procurar práticas interessantes da aldeia para apresentar às outras escolas, assim como coletar materiais acessíveis para sua construção. Os graus iniciais pensaram fazer *plasticola* (cola branca) feita com extrato de mandioca, enquanto os graus intermediários queriam construir as diversas flechas usadas antigamente pelos Guarani para caçar. Já os últimos graus elaboraram e aplicaram as tradicionais armadilhas para capturar animais, que na atualidade costumam ser apresentadas aos turistas quando fazem passeios na aldeia.

FIGURA 19 – ALUNOS APRENDENDO A FAZER ARMADILHAS (ANIMAIS GRANDES)



FONTE: Fotografia elaborada pela autora (2017)

Para este último grau foi feita uma aula experimental, onde o docente da comunidade convidou a turma à trilha turística para conhecer as armadilhas tradicionais, sendo explicada sua construção e funcionamento (Figura 19 e 20). Nesta aula deviam aprender a reconhecer os materiais exatos a ser coletados na selva. Segundo o professor da comunidade, os Guarani da sua idade (32 anos), foram ensinados por seus pais e avós a fabricar as armadilhas, porém os atuais jovens não sabem muito sobre tradições. Inclusive, a fabricação de artesanatos como cestas e animais talhados em madeira parecia ser restrita a pessoas mais velhas, já que os jovens não tinham interesse em fazer, ou se interessavam apenas por ser uma forma de obter dinheiro. Além disto, muitos dos materiais necessários para a construção de armadilhas e artesanato já não se encontram facilmente, principalmente pela superexploração dos materiais para fins de venda, assim como pela expulsão destas populações das terras mais produtivas, a partir da delimitação do Parque Nacional do Iguaçu.

Como ressaltou o professor da comunidade em relação aos seus alunos, os jovens não aprenderam a fazer este tipo de armadilhas com suas famílias, nem pareciam manifestar muito interesse, considerando que não era mais necessário caçar animais no contexto atual. No entanto, para a féria de ciências foi necessário esgravatar no inventário de conhecimento local, com o fim de achar uma técnica que pudesse impressionar às outras escolas; já para o mundo turístico, aprender a fazer as armadilhas parece ter a função de manter uma prática que, diante dos olhos dos visitantes é considerada como autêntica da cultura Guarani.

FIGURA 20 – ALUNOS APRENDENDO A FAZER ARMADILHAS (ANIMAIS MÉDIOS)



FONTE: Fotografia elaborada pela autora (2017)

4.2.1.2 Os coros Guaraní e sua potencia além do turístico

Longe de ser exclusivamente um atrativo turístico, os coros Guaraní existem e se manifestam em outros espaços, tanto no interior das aldeias como fora das mesmas. Muitas vezes são convidados para apresentar-se em diversos eventos relevantes na esfera pública e política, como em festas regionais e locais, ou comemorações a nível nacional e internacional. A modo de exemplo, na cidade argentina de Oberá (província de Misiones) cada ano no mês de Setembro é celebra a *Fiesta Nacional del Inmigrante*, onde se pretende comemorar a chegada de comunidades de várias partes do mundo a essa terra, destacando-se alemães, suecos, finlandeses, noruegueses, italianos, polacos, russos, ucranianos, entre outras nacionalidades europeias. Já que o fim da festa é a integração das diversas etnias que se encontram na região, foi proposto aos organizadores deste evento que fossem incluídos os Guaraní dentro da comemoração do ano de 2015, não como imigrantes, mas como aqueles que desde sempre estiveram neste território. A iniciativa foi promovida por amigos da aldeia Jasy Porã que possuem cargos e/ou contatos relevantes dentro das esferas públicas e privadas a nível provincial, e, principalmente, com ajuda de um reconhecido cantante da Argentina. Assim, Jasy Porã tornou-se a primeira comunidade Mbyá Guaraní a ser convidada a participar deste evento.

O debute do coral aconteceu na noite da abertura da festa, quando representantes desta aldeia apareceram junto com um reconhecido cantante no palco do *Parque de las Naciones* que albergava aproximadamente 7.000 pessoas. Ali o coral de crianças entou com força as músicas disponíveis dentro do seu repertório, acompanhadas por dois adultos que as guiavam com um violão e violino. No dia seguinte, os representantes de Jasy Porã também participaram do desfile que aconteceu nas ruas principais de Oberá (Figura 21), onde todas as etnias que habitam a cidade se apresentaram diante os moradores, com trajes típicos, danças, músicas e carros adornados. No caso dos representantes da aldeia, estes desfilaram descalços e vestindo um uniforme definido por eles mesmos, composto por uma camiseta de cor creme que no lado esquerdo possui o escudo e nome da aldeia, e uma calça e/ou saia verde – dependendo se for menina ou menino –, carregando colares e pulseiras feitos de *olho de nossa senhora*, e com instrumentos como chocalhos no caso dos meninos, e um bastão denominado de *tacuapú* que é golpeado contra o chão pelas meninas, acompanhando o violão que leva a marcação rítmica, conhecido como *mbaraká*, e o violino para harmonizar.

FIGURA 21 – APRESENTAÇÃO DO CORAL DA ALDEIA JASY PORÃ NA *FIESTA NACIONAL DEL INMIGRANTE* 2015 EM OBERÁ (MISIONES, ARGENTINA)



FONTE: Fotografia elaborada por Marcelo Zalazar (2015)

O coral também é relevante para eventos destacados no interior das aldeias, não exclusivamente para os turistas que as visitam, mas para os próprios moradores em oportunidades de celebração. No caso da aldeia Jasy Porã, o coral também costuma apresentar-se no ano novo Guaraní (*Arapyau*) que acontece no primeiro dia da primavera, e no fim de cada ano letivo da escola intercultural bilíngue quando se formam alguns jovens do ensino fundamental (Figura 22). Quando o coral se apresenta para um público composto por membros da aldeia, a indumentária e performance se tornam mais descontraídas, vestindo a roupa do dia a dia, como chinelos, camisas e shorts, sem colares e pulseiras, e como instrumento apenas é usado o violão, descartando-se as maracás e *tacupú*. Inclusive, quando se trata de uma apresentação para membros de outras aldeias, conserva-se esta mesma informalidade.

Já num contexto mais amplo da Tríplice Fronteira, os corais das aldeias Guaraní próximas costumam ser convidadas a apresentar-se em atrativos turísticos diante centenas de visitantes, como dentro do Parque Nacional do Iguaçu, tanto do lado argentino quanto brasileiro, e no Parque das Aves em Foz do Iguaçu, que estabeleceu o sábado como o dia das apresentações musicais dos Guaraní. Nestas apresentações, os Guaraní vestem os uniformes que geralmente são customizados para cada aldeia, carregando os instrumentos respectivos para meninos e meninas, fazendo uso de colares e pulseiras de miçanga, e sendo posicionado um cesto na frente do coral para receber possíveis contribuições monetárias do público que os ouve.

FIGURA 22 – CORAL DA ALDEIA JASY PORÃ NO ÚLTIMO DIA LETIVO DO ANO 2015



FONTE: Fotografia elaborada pela autora (2015)

Como visto, o formato dos corais mudam dependendo dos espectadores e do local, customizando-se especialmente em apresentações para o exterior, e permanecendo mais simples para um público interno. Assim mesmo, vale a pena considerar neste ponto o que a antropóloga argentina Clara Boffelli (2017, p. 61) menciona sobre a existência dos corais dentro das aldeias Guarani, já que, segundo ela, estes “se han originado en contextos interétnicos, diferenciándose así de los cantos y danzas que se realizan en contextos religiosos, fuertemente resguardados de personas externas”. Isto quer dizer que, apesar de considerar-se os corais como uma importante característica religiosa dos Guarani no mundo exterior, na verdade gerou-se justamente a partir do contato com o mesmo, das demandas de fora sobre o formato e conteúdo dos corais. Boffelli (2017), quem realizou seu trabalho de campo com os corais de algumas aldeias mbyá Guarani de Puerto Iguazú, percebeu que existe uma grande diferença entre os formatos dos corais de crianças direcionados ao exterior e as cerimônias religiosas internas, tanto pela própria composição musical e letra, na interação entre os participantes, as danças, e o tempo de duração do evento. Isto mesmo foi destacado pelo professor Mbyá da escola intercultural indígena da aldeia Jasy Porã, quem mencionou que as cerimônias realizadas dentro da aldeia acontecem geralmente à noite, ao redor do fogo, e tem um tempo de duração muito longo, prolongando-se inclusive até a manhã do outro dia. Durante esse tempo todos os membros da aldeia cantam e dançam em círculos infinitos, inclusive as crianças mais novas.

Os corais de crianças Guaraní tornam-se, então, num meio a partir do qual as comunidades Guaraní se dão conhecer fora das aldeias, e, assim, numa poderosa arma de reivindicações já que “las voces de los niños llegan incluso hasta el corazón del político más corrupto” (BOFELLI, 2017, p. 133), sempre apresentando-se em eventos relevantes a nível político, ou diante de pessoas que possuem influência nesta esfera, que ficam comovidos pela beleza das músicas e o encanto das crianças, e que podem contribuir com as demandas imediatas das comunidades. Recentemente, em novembro do ano 2017 aconteceu em Puerto Iguazú o *Primer Seminario de Turismo Rural Comunitario: Herramienta para el desarrollo local y sostenible de comunidades Campesinas e Indígenas*, evento relacionado ao lançamento de novos projetos de turismo rural que pretendem involucrar às populações Guaraní da cidade⁶⁴.

No evento estiveram presentes os representantes do *Ente Municipal de Turismo Iguazú*, da *Dirección General de Turismo Iguazú*, do *Ministerio de Turismo da Provincia de Misiones*, e o vice coordenador da *Fundación Travolution Latinoamérica*⁶⁵ na Argentina, que é um periodista, escritor e professor em Puerto Iguazú que uns anos atrás também coordenava o *Proyecto MATE* comentado previamente. Além destas personalidades, também participaram trabalhadores do setor turístico da cidade, empresários, guias turísticos, docentes, coordenadores de programas turísticos desenvolvidos em comunidades mbyá Guaraní, assim como representantes das aldeias. Considerando que este seminário contava com importantes representantes políticos e turísticos que aspiram desenvolver projetos com as comunidades Guaraní, resultava pertinente a apresentação do coral de crianças, neste caso da aldeia Jasy Porã, para manifestar que eles também devem fazer parte dessas negociações (Figura 23).

⁶⁴ “Nuevos desafíos que apuntan al crecimiento del turismo comunitario”: <http://elindependienteiguazu.com/?p=2405>

⁶⁵ Esta organização sem fins lucrativos de origem chilena se propõe impulsionar a prática de um turismo sustentável e comunitário em vários locais da América Latina, procurando oferecer experiências mais próximas com as comunidades receptoras. Mais informação sobre esta iniciativa pode ampliar-se neste link: <http://travolution.org/nosotros/>

FIGURA 23 – CORAL DA ALDEIA JASY PORÃ APRESENTANDO-SE NO *PRIMER SEMINARIO DE TURISMO RURAL COMUNITARIO*



FONTE: Site no Facebook da *Dirección General de Turismo Iguazú* (2017)

Esta proposta, que já foi desenvolvida em outras localidades da província de Misiones, como em San Ignacio, local conhecido por contar com uma das ruínas das Reduções Jesuíticas mais conservadas e visitadas da região, pretende administrar e apoiar financeiramente as comunidades Guarani em Puerto Iguazú que desejem desenvolver um turismo com viés comunitário, contando por sua vez com o apoio do governo da província de Misiones.

4.2.2 *Forest Experience* ou Noite Guarani no Parque das Aves

Na cidade de Foz do Iguaçu, além das Cataratas do Iguaçu e da represa da Itaipu como os atrativos turísticos principais a ser visitados na região da Tríplice Fronteira, encontram-se outras opções que também parecem ser chamativas para os turistas. Uma delas é o Parque das Aves, localizado do lado do Parque Nacional do Iguaçu, que além de projetar no seu interior uma bela paisagem da Mata Atlântica nas 16,5 hectares que o compõem, também é um centro de recuperação e conservação de aves, contando atualmente com 143 espécies diferentes com as que o visitante pode interagir. O Parque surgiu a partir de uma iniciativa privada da família Croukamp, provenientes da África do Sul e da Alemanha, que se apaixonaram por aves quando moraram na Namíbia. Perto do ano 1993, por recomendação de um amigo, mudaram-se a Foz do Iguaçu com a intenção de criar um parque de aves já que esta região contava com todos os fatores ambientais para propiciar a vida deste tipo de animais. Assim, meses depois da chegada dos Croukamp, foi adquirido o terreno onde atualmente está o parque, e construídas as áreas pensadas para a circulação dos visitantes e

para a moradia das aves. Da mesma forma, começaram a serem adquiridas as primeiras aves que fariam parte do parque, na sua maioria através de empréstimos de zoológicos brasileiros, de animais confiscados pelas autoridades ambientais por estarem sendo traficados, assim como outras aves importadas de regiões diversas do mundo. Finalmente, o Parque das Aves iniciou atividades no dia 7 de outubro de 1994, e a partir desse momento foram pensadas outras atrações para os visitantes, como um borboletário e um espaço destinado exclusivamente a alojar répteis.

No final do ano 2017, o Parque das Aves recebeu 780.613 pessoas, um novo recorde no número de visitantes ao longo dos seus vinte e três anos de criação⁶⁶. Uma das possíveis causas foi a implementação de programas especiais e alternativos nesse mesmo ano, que se propõem oferecer uma experiência mais intensa aos turistas com o entorno natural e cultural do Parque das Aves, como o *Backstage Experience* e o *Forest Experience*. No caso do primeiro, o *Backstage Experience* consiste num tour diário de uma hora e trinta minutos no interior do parque onde os visitantes podem vivenciar nos bastidores os cuidados proporcionados às aves que ali se encontram, tendo a possibilidade de ingressar as áreas restritas, entrando em contato direto com algumas aves, alimentando-as, e conhecendo mais sobre o trabalho de conservação e recuperação que o parque como instituição realiza. Por outro lado, o *Forest Experience* consiste num encontro que acontece duas noites por semana com duração de duas horas e meia, onde os Guarani Mbyá da aldeia Jasy Porã recebem alguns visitantes num espaço especialmente pensado para este evento no interior do Parque das Aves, e realizam uma pequena celebração de boas-vindas que inclui música, dança, comida, cerimonial do tabaco, e algumas falas do *pajé* e do mediador mbyá Guarani encarregado. O custo deste programa de experiência é de 250 reais, e é destinado para maiores de idade, ou jovens em companhia dos seus pais. Adicionalmente, o evento acontece com um número máximo de quinze visitantes e no mínimo de quatro, tentando sempre equilibrar a quantidade de Guarani que se apresentam no *Forest Experience* com o número de turistas interessados em participar.

O Forest Experience faz parte das novas tendências da prática turística, considerando que desde finais do século XX houveram algumas mudanças no comportamento de consumo das pessoas, deixando de ser importante a posse como necessidade diante da valorização

⁶⁶ “Parque das Aves bate recorde histórico de visitação”: <https://massanews.com/noticias/turismo-e-viagem/parque-das-aves-bate-recorde-historico-de-visitacao-p4Mn2.html>

dos estímulos emocionais (SEBRAE, 2015). Essa realidade é denominada como “economia de experiência” (Ibid, p. 6), e é esse o contexto donde o turismo de experiência surge, procurando gerar emoções relevantes e memoráveis para os turistas a partir de uma interação real com o espaço visitado, que permitam estimular seu interior.

Desde o ano de 2015 começaria ser discutida e pensada dentro da direção do Parque das Aves a possibilidade de criar uma ação que incluísse aos Guaraní como atores que também participam da atividade turística da região. Este desejo surgiu a partir da sensibilidade e proximidade que a diretora desta atração turística tem pelas populações indígenas e suas práticas, como o uso da ayahuasca por exemplo. Já que as populações indígenas mais próximas e acessíveis são as Mbyá Guaraní em Puerto Iguazú, foi estabelecido um contato frequente entre as diretivas do Parque das Aves e especificamente as aldeias Jasy Porã e Yryapú. O *Forest Experience* não foi a primeira tentativa do Parque das Aves por estabelecer uma parceria com os Guaraní mais próximos, já que desde o ano 2011 convidam o coral da aldeia Yryapú a apresentar-se no interior do parque aos sábados. Segundo informações da direção, o *Forest Experience* iniciou com a participação de membros da aldeia Jasy Porã, porém, se espera contar com representantes de outras aldeias de Puerto Iguazú, alternando constantemente a participação de cada comunidade para que cada uma possa ter a mesma oportunidade de obter ganhos econômicos.

Antes de começar na prática o *Forest Experience* em fevereiro de 2017, várias dificuldades logísticas precisaram ser enfrentadas. Uma delas era definir legalmente como seria feita a remuneração aos Guaraní que iam participar deste evento, se ia ser feito um contrato formal ou se iam ser pagos como horistas, qual o valor que ia ser pago, a definição do tipo de trabalho que eles estavam prestando ao Parque das Aves, entre outros aspectos que se tornam complexos quando se vinculam populações indígenas ao mundo turístico. Adicionalmente, foi necessário pesquisar sobre a legislação trabalhista tanto do Brasil quando da Argentina – considerando que os Guaraní da aldeia Jasy Porã residem nesse país –, e, pontualmente, se existia alguma legislação específica sobre a participação das populações indígenas no turismo, já que incluir comunidades indígenas dentro de uma atividade comercial poderia acarretar problemas com agentes governamentais. Contudo, segundo comentavam os administrativos do parque, após uma minuciosa pesquisa e consulta a especialistas, não há uma legislação efetiva que regule o desenvolvimento do turismo em/com

comunidades indígenas no Brasil e na Argentina, nem que controle a presença de turistas e agentes turísticos no interior dos territórios indígenas, e ainda menos que estipule formas de remuneração por um serviço turístico prestado por estas populações.

Esta informação foi constatada em visitas feitas aos órgãos encarregados de regulamentar o turismo da região, pontualmente do lado argentino e brasileiro, sendo a Secretaria Municipal de Turismo da cidade de Foz do Iguaçu e o Ente Municipal de Turismo Puerto Iguazú. Em ambos os órgãos não era claramente conhecida a existência de passeios e/ou eventos que envolvessem populações Guaraní na Tríplice Fronteira. Além disso, também não era conhecida uma legislação que regulasse as visitas no interior das aldeias e que precisasse ser velada por estas instituições estatais. Inclusive, uma funcionária da Secretaria Municipal de Turismo na cidade de Foz do Iguaçu reclamou a falta de diretrizes legais para cuidar o trabalho dos índios que se vinculam com o turismo, a partir de uma experiência anterior onde evidenciou a carência com que os índios vivem neste contexto turístico e fronteiriço. A funcionária tinha assistido faz alguns anos a um passeio de barco pelo Rio Paraná, entre a divisa do Brasil e o Paraguai, na semana mais fria do inverno. Num momento do recorrido, quase na hora do pôr do sol, o barco parou e os turistas eram convidados a descer e ingressar ao Museu Bertoni, localizado na beira paraguaia do rio, onde tem uma comunidade Guaraní. Conforme a narração da funcionária da secretaria, num espaço de floresta ao redor do museu havia alguns Guaraní que estavam seminus, vestidos com penas e saias, e cantando algumas músicas com o fim de chamar a atenção dos turistas. Para esta funcionária, o passeio demonstrou a crueldade com a qual são tratados os índios, e a exploração que sofrem no meio turístico por estar sem roupa no inverno, e por serem obrigados a apresentar-se de uma forma falsa.

O desconhecimento das atividades turísticas que relacionam populações indígenas não provém apenas das entidades locais consultadas em Puerto Iguazú e Foz do Iguaçu, mas, de modo geral, de órgãos a nível nacional e internacional que trabalham com e para comunidades tradicionais. Na Argentina, não há uma legislação específica para denominar e controlar a prática turística que envolve populações indígenas, porém é manifestado o interesse em apoiar projetos “que privilegien componentes de ecoturismo y fomentando la creación de micro y medianas empresas”, conforme é estipulado no Art. 5 do Decreto 410/2006 do Instituto Nacional de Asuntos Indígenas INAI. Este desejo também é expressado

no Art. 1 da Lei 23.302 de 1985, sobre *Política Indígena y apoyo a las Comunidades Aborígenes*, estabelecida pelo Senado e Cámara de Diputados desse país

ARTÍCULO 1º — Declárase de interés nacional la atención y apoyo a los aborígenes y a las comunidades indígenas existentes en el país, y su defensa y desarrollo para su plena participación en el proceso socioeconómico y cultural de la Nación, respetando sus propios valores y modalidades. A ese fin, se implementarán planes que permitan su acceso a la propiedad de la tierra y el fomento de su producción agropecuaria, forestal, minera, industrial o artesanal en cualquiera de sus especializaciones, la preservación de sus pautas culturales en los planes de enseñanza y la protección de la salud de sus integrantes. (grifo nosso)

Nesta mesma linha e discurso, no nível local da província de Misiones existe desde o ano de 2000 a *Ley XXIII – N° 10*, que tem por objeto regular e organizar a promoção e fomento de empreendimentos turísticos alternativos nesta região da Argentina. Num primeiro momento, a lei deixa claro que, correspondem a atividades de turismo alternativos todas aquelas que incluem “tendencias ambientales, dedicadas a la conservación, preservación, educación y aprovechamiento sustentable de los recursos naturales y culturales”, conforme o artigo 2 desta normativa. Adicionalmente, no artigo 3 são definidas como modalidades de turismo ‘alternativas’ o ecoturismo, agroturismo, turismo de aventura, turismo temático, turismo educativo, e outras afins. Apesar desta não ser uma lei que se refere pontualmente à prática turística que relaciona populações indígenas, é possível perceber o interesse que o Estado argentino tem, de modo geral, por incentivar a participação das populações indígenas nas iniciativas de desenvolvimento que este propõe, entre as quais se encontra o turismo como “motor de Desarrollo Sustentable para las Economías Regionales”, conforme é apresentado no site oficial do Ministério de Turismo da Argentina⁶⁷.

A Organização Mundial do Turismo OMT⁶⁸ compreende a prática turística como vinculada ao desenvolvimento sustentável, isto desde o ano de 2015 quando foi divulgada pela ONU a *2030 Agenda for Sustainable Development*. Atualmente, em base à agenda adotada, a OMT definiu como seu principal objetivo promover o turismo como canal para o “crescimento econômico, desenvolvimento e sustentabilidade ambiental⁶⁹” (tradução nossa). Numa publicação recente, a OMT apresentou exemplos e resultados do turismo e sua influência no desenvolvimento (econômico) das Américas. O mais significativo, segundo esta

⁶⁷ Site do Ministério de Turismo disponível aqui: <http://www.turismo.gov.ar/>

⁶⁸ Ou *World Tourism Organization* - UNWTO em inglês.

⁶⁹ Conforme aparece no site oficial da Organização Mundial do Turismo, disponível aqui: <http://www2.unwto.org/content/who-we-are-0>

organização, é que nos últimos anos o turismo aportou 8.5% do Produto Interno Bruto e aproximadamente 10% do emprego nos países do continente americano (UNWTO, 2018, p.14). Este discurso sugerido pela OMT, em relação ao turismo como ação que aporta ao desenvolvimento sustentável, foi adotado pelos governos que compõem os países americanos, como visto no caso argentino.

Já no Brasil, desde junho de 2015 a Fundação Nacional do Índio - FUNAI criou a Instrução Normativa n.3, onde são estabelecidas as diretrizes relativas às atividades de visitação para fins turísticos em terras indígenas. Nos artigos são descritas as condições que devem ser cumpridas pelas populações indígenas para obter a permissão a FUNAI por praticar o turismo nas suas terras, e que devem ter passado previamente pelo processo de delimitação. Adicionalmente, conforme é descrito no Art. 5, deve ser formulado um Plano de Visitação onde sejam definidos objetivos, justificativas, público alvo, frequência de visitas, quantidade máxima de visitantes, entre outros aspectos que também são exigidos pela FUNAI.

Apesar de que no Art. 7 (parágrafo IV) se expressa a necessidade que esta instituição tem por “garantir o protagonismo indígena na proposição, execução e percepção dos frutos dos Planos de Visitação”, em vários outros artigos é reiterado o papel da FUNAI como a encarregada no “controle e fiscalização do ingresso em terras indígenas” (Art 4. V). Mais para frente, no Art. 15 é esclarecido que “A aprovação do Plano de Visitação não dispensa os procedimentos de licenciamento ambiental para implantação e funcionamento de obras de infraestrutura ou outras autorizações de uso de recursos naturais com diversos fins”, leia-se ‘fins que resultam convenientes para a União’, desde a exploração dos recursos naturais, até a construção de rodovias e/ou hidrelétricas em terras indígenas. Nesse sentido, se a normativa aparentemente se propôs controlar e fiscalizar a prática turística em terras indígenas, com o fim de evitar a irregularidade desta atividade e diminuir os efeitos negativos que gera nas comunidades, não é respeitada a autonomia dos povos indígenas respeito às atividades que desejam desenvolver nas suas terras, ficando novamente sob tutela da FUNAI, como acontecia com o extinto Sistema de Proteção aos Índios SPI. Finalmente, esta normativa se restringe apenas ao desenvolvimento do turismo em terras indígenas demarcadas, desconsiderando a situação de territórios que não chegaram nesta etapa burocrática, assim como práticas turísticas fora das aldeias que envolvem indígenas, como é o caso do *Forest Experience*.

No início, o *Forest Experience* foi pensado para ser divulgado dentro de um turismo de elite, já que o produto no mundo turístico era bastante completo e exigente de certo tipo de pessoas que tivessem mais conhecimento e respeito pelas populações indígenas, um público que aproveitasse mais o conteúdo cultural envolvido. Deste modo, o *Forest Experience* como produto turístico foi e é divulgado através de intermediários locais (como agências, outros importantes pontos turísticos e hotéis), intermediários nacionais nas principais cidades turísticas do Brasil, assim como a nível internacional em férias de produtos turísticos divulgadas principalmente nos Estados Unidos e Europa. Contudo, após acontecer os primeiros *Forest Experience*, foi percebido que era fundamental diversificar o público, já que, em algumas oportunidades, alguém realmente interessado em assistir ao *Forest Experience* não possuía o dinheiro solicitado para participar deste evento. Da mesma forma, neste primeiro ano de funcionamento do *Forest Experience*, foram convidadas de graça algumas pessoas para que conhecessem o produto e assim pudessem divulgá-lo. Dentro de essas pessoas se encontravam representantes de agências turísticas, de atrativos e planos turísticos específicos, professores universitários, biólogos, publicistas, estudantes, e inclusive, antropólogos como foi no meu caso.

Segundo alguns funcionários do ramo administrativo do Parque das Aves, a acolhida de um novo produto turístico, neste caso do *Forest Experience*, ia demorar um bom tempo já que, a diferença de outros produtos oferecidos previamente por eles e por outras entidades da região, o *Forest Experience* ressalta a cultura indígena como principal atrativo para ser desfrutado pelo visitante. Como é defendido por eles, o *Forest Experience* chama muito a atenção de turistas e operadores turísticos porque beneficia a todos os atores que estão envolvidos, tanto ao Parque das Aves por proporcionar um produto atrativo e diferente dentro da indústria turística, tanto aos Guarani por ser justos com o pagamento, assim como para os turistas que têm um maior envolvimento com a cultura Guarani, afastando-se do imaginário sobre eles apresentado no primeiro capítulo desta dissertação. A direção do Parque tem pleno conhecimento da injusta forma de tratamento e pagamento que o mercado turístico da região tem com os Guarani que trabalham neste meio. Por exemplo, pelas visitas coordenadas por agências turísticas que são feitas nas aldeias Guarani, as comunidades locais recebem um pagamento mínimo, recebendo ordens de como devem apresentar-se, vestir-se e interagir com o visitante, além de ser cansativa a intromissão constante de turistas em diversos horários e

dias da semana. Pelo contrário, para os funcionários do Parque das Aves o *Forest Experience* representa uma parceria mais justa entre um operador turístico e os Guarani, já que são estes últimos os que selecionam os elementos que desejam apresentar aos visitantes, assim como os que determinam o formato e o tempo do encontro. Adicionalmente, no momento do planejamento do *Forest Experience*, as diretivas do Parque das Aves deixaram claro sua intenção de “trazer os Guarani para o mundo do turismo, e não instaurar o turismo nas suas terras”, sendo feita uma trilha no interior do Parque exclusivamente para desenvolver a noite Guarani, e não fazer o mesmo que as agências turísticas regionais, isto é, levar turistas até as aldeias.

Neste ponto, é importante relembrar que o *Forest Experience* e o respeito que promulga pelos Guarani surge a partir de uma proximidade entre as diretivas e fundadores do Parque das Aves com estas populações que residem na Tríplice Fronteira, o que gerou um conhecimento mais amplo da realidade dos Guarani no interior desta entidade. Esta mesma proximidade é manifestada por alguns membros da aldeia Jasy Porã, que manifestam um particular apreço pela diretora do Parque das Aves, já que tem ajudado muito a esta comunidade de forma desinteressada. Na ocasião do aniversário dela em 2017, alguns membros desta comunidade decidiram organizar uma surpresa no interior da aldeia, consistindo numa cerimônia especial e exclusiva que costuma acontecer apenas para os mais próximos.

Pontualmente, a relação fundada entre o Parque das Aves e os Guarani da aldeia Jasy Porã gera um resultado diferente no *Forest Experience* como produto turístico, do que nos passeios desenvolvidos nas aldeias pelas agências turísticas. Neste evento, existe uma interação mais intensa entre os atores, talvez pelo ambiente ao redor dentro do parque, pela proposta deste mesmo em transmitir um espaço mais descontraído, e por ter um tempo disponível para compartilhar alimentos e conversações. Para os Guarani participantes do *Forest Experience*, este evento também consiste numa verdadeira ‘experiência’ para eles, já que precisam fazer uma reflexão interna sobre quais características e aspectos da sua cultura.

Este ambiente também é aproveitado pelos turistas realmente interessados em conhecer uma cultura indígena, ou em aproximar-se ainda mais à realidade destas. Este foi o caso de um casal de francês que na sua hospedagem no Hotel das Cataratas (luxuoso hotel que

se encontra no interior do Parque Nacional do Iguaçu) receberam informação sobre a existência do *Forest Experience* e decidiram participar. No evento geraram um vínculo forte com os Guarani que se apresentaram, a tal ponto de ser convidados no dia seguinte à aldeia Jasy Porã para conhecê-la e fazer o passeio turístico disponibilizado nela. Após conhecer a aldeia, o casal voluntariamente se disponibilizou a fazer uma doação em dinheiro para aquilo que estivessem precisando, neste caso, para a finalização da construção de alguns espaços da escola intercultural bilíngue (Figura 24).

FIGURA 24 – CASAL FRANCÊS VISITANDO A ALDEIA JASY PORÃ



FONTE: Site no Facebook do *Forest Experience* (2017)

Dos ganhos que obtém o Parque das Aves a partir do *Forest Experience* o vinte por cento vai destinado a um Fundo Guarani, correspondente a um dinheiro que é juntado e dado aos representantes comerciais da aldeia Jasy Porã no fim de cada mês, neste caso o primeiro cacique e o representante legal e comercial. Lembrando também que os quinze Guarani que participam cada noite no *Forest Experience* recebem individualmente em torno de sessenta reais por seu trabalho neste evento. Em Julho de 2017, numa das visitas à aldeia feita pela funcionária do Parque das Aves encarregada de coordenar o *Forest Experience* e de entregar o dinheiro correspondente ao Fundo Guarani, o representante legal e comercial de Jasy Porã lhe notificou que a aldeia como figura jurídica já contava com uma conta num banco argentino onde podia ser depositado o dinheiro do fundo. Nessa mesma oportunidade foi comentado à funcionária que já tinham sido elaborados recibos e carimbos da aldeia para tornar ainda mais

formal o recebimento do dinheiro, e um contador profissional que ia ajudar a ter todas as contas em dia⁷⁰.

Nos dias que acontece o *Forest Experience*, geralmente terças e quintas, é coordenado com os Guarani o horário em que a van do parque vai buscá-los até a aldeia Jasy Porã, atravessando a ponte Tancredo Neves que conecta Foz do Iguaçu com Puerto Iguazú, e adentrando-se nas 600 *hectáreas* até o posto de artesanato localizado na entrada desta aldeia. Considerando que o *Forest Experience* inicia às 19h30 (ou 20h30 em horário de verão) a van chega pontualmente às 17h para procurar os Guarani que vão trabalhar, que nem sempre são os mesmos. A lista das pessoas que irão trabalhar é definida no mesmo dia do evento, e parece ter uma escolha aleatória de participantes, entre mulheres e homens que tem um pouco mais de experiência como guias turísticos, ou como músicos e cantantes do coral. Contudo, para o Parque é fundamental a assistência do representante legal e comercial que no evento cumpre a função de orador, e que é reconhecido em Jasy Porã por possuir uma retórica única, já que consegue expressar em espanhol e português a transcendência da língua e do pensamento Guarani, neste caso para os turistas que assistem ao *Forest Experience*. Quando não é possível para o orador assistir a este evento, é cancelado e definido outro dia acessível para ele, que como articulador com o mundo turístico acostuma ter uma agenda muito apertada. Da mesma forma, no evento devem participar dois anciões que cumprem a função de *chamoi*, (conhecedor da palavra), encarregados do ritual do tabaco.

Por outro lado, foi especialmente solicitado aos Guarani desta aldeia que ao *Forest Experience* não assistissem crianças, ainda menos de colo, considerando que é um evento à noite onde não é bem visto por questões de salubridade a presença deles, além de considerar-se trabalho infantil, o que é crime em ambos os países. A advertência foi feita após perceber que as mães Guarani costumam levar suas crianças para todos os locais aos que se dirigem, como é percebido, por exemplo, em horas da noite no centro de Puerto Iguazú onde podem ser vistas crianças Guarani pedindo esmola, comida, e vendendo bichinhos de madeira, custodiados por suas mães que os observam de longe. Desta forma, no *Forest Experience* podem apenas participar e trabalhar jovens e adultos da aldeia, incluindo dançarinas e

⁷⁰ Sobre a constituição de identidades jurídicas dos povos indígenas, e a transformação da sua cultura em mercadoria, vale a pena aprofundar-se no ótimo trabalho de Jean e John Comaroff (2011), que no seu livro *Etnicidad S.A* analisam a recente popularização da criação de corporações étnicas, constituídas por comunidades tradicionais ao longo do mundo.

dançarinos, músicos, *chamoi*, e cozinheiras (que recebem um salário maior por seu trabalho). Adicionalmente, a orçamentária usada no momento do show, como arcos, flechas, *tacupú*, maracás, violino e violão, assim como artesanatos usados durante o evento e/ou entregues aos turistas, como colares e pulseiras, são comprados diretamente aos Guarani da aldeia Jasy Porã que produzem este tipo de artefatos.

4.2.2.1 Assistindo o *Forest Experience* como espectadora / organizadora

A partir do meu contato prévio com a comunidade Guarani da aldeia Jasy Porã, e do meu interesse manifestado por conhecer as múltiplas formas como estes se vinculam ao turismo da Tríplice Fronteira, o cacique e vice cacique da aldeia me recomendaram no final do ano 2016 de contatar à direção do Parque das Aves, com quem esta comunidade estava começando a traçar o *Forest Experience* como uns dos atrativos turísticos mais relevantes a ser praticado por integrantes da aldeia, e inclusive como o único evento em Foz do Iguaçu, e na Tríplice Fronteira, onde os Guarani eram os protagonistas fora do seu território. Contudo, meu contato com o Parque das Aves se concretizou só até Abril de 2017, quando fui convidada pela funcionária encarregada em coordenar os programas especiais, incluindo o *Forest Experience*, a visitar o parque e conhecer os bastidores deste evento. Sempre fui muito bem recepcionada por ela e os vários funcionários que trabalham no parque, que me proporcionaram informações valiosas consignadas ao longo desta dissertação. Por outro lado, graças à abertura dos administrativos, foi possível que eu assistisse duas vezes ao *Forest Experience* sem custo nenhum, uma para ver o evento como espectadora e/ou turista, e outro para ajudar organizar o evento e ver todas as ações que são previamente feitas e coordenadas antes deste acontecer. Em contrapartida, me foi solicitado planejar e ministrar oficinas informativas sobre os Guarani para todos os funcionários do Parque das Aves, com o fim de estimulá-los a compreender do por que era necessária a presença desta população indígena no contexto turístico, e o que eles poderiam fazer como trabalhadores da esfera turística para ajudar aos Guarani, considerando os difíceis acontecimentos históricos que estes últimos suportaram.

No dia que participei do *Forest Experience* como espectadora e/ou turista, isto em Abril de 2017, fui chamada comparecer trinta minutos antes do início do evento, às 19h no horário de inverno, junto com outros participantes que também iam assistir como visitantes. Naquele dia apenas assistimos convidados pelo parque e nenhum pagante. Além de mim,

havia três amigos da coordenadora do *Forest Experience* conhecidos na atividade turística da Tríplice Fronteira por oferecer planos dentro da linha de turismo de aventura e/ou ecoturismo, que oferecem trilhas e passeios de caiaque em alguns pontos do rio Iguazú, assim como dois fotógrafos brasileiros que viam na van junto com os Guarani desde a aldeia Jasy Porã.

Após de nos recepcionar na entrada principal do Parque das Aves, a coordenadora do *Forest Experience*, que ao mesmo tempo é a guia de todo o evento, nos levou até um dos extremos do parque ao lado da área de administração. Ali foi subministrada uma lanterna para cada um, já que a trilha que íamos percorrer até encontrar aos Guarani não possui luz elétrica. Após de caminhar durante aproximadamente cinco minutos por uma trilha que iniciou neste mesmo ponto, chegamos numa espécie de sala aberta construída em madeira no meio da floresta onde fomos recepcionados. No seu interior havia vários sofás brancos, mesas de centro, e um balcão onde nos ofereceram bebidas e comidas, caracterizadas por possuir uma influência Guarani segundo nos foi explicado, como cachaça de mate e chips de mandioca sem sal. Enquanto bebíamos e comíamos nos foram dadas as boas-vindas ao *Forest Experience*, assim como algumas instruções a ser seguidas durante todo o evento, como respeitar aos Guarani e as práticas que iam propor para os visitantes, abrir a mente e deixar os preconceitos de lado para assim aprender tudo o que os Guarani tinham para ensinar, e não tirar fotos nem gravar vídeos no decorrer do evento, já que impediria a espontaneidade e concentração que o mesmo exige. Diante as instruções dadas, meus três colegas de trilha afirmaram estar preparados para encontrar os Guarani sem preconceitos, argumentando que a família deles era paraguaia e que por isso estavam mais acostumados a ouvir a língua guarani-paraguaia que tem uma origem indígena, estando assim mais familiarizados a interagir com índios.

No fim da conversa, após uns quinze minutos de permanecer na sala de espera, fomos conduzidos a continuar pela trilha escura até chegar onde os Guarani nos esperavam (Figura 26). Na metade do caminho já era possível ouvir um som produzido por violões, violino, maracás e flautas, além de conseguir enxergar uma luz no final que parecia uma grande fogueira. Uns metros mais para frente já podíamos visualizar aos Guarani, que estavam posicionados em círculo ao redor de uma fogueira, dançando, todos vestidos de branco, homens com ou sem camiseta e calça e mulheres com vestidos compridos, sem sapatos, usando colares e pulseiras feitas de *olho de nossa senhora*, alguns homens

carregando os instrumentos musicais já mencionados, assim como o *tacupú* no caso das mulheres, outros arco e flecha nas costas, e o *chamoi*.

FIGURA 25 – GUARANI MBYÁ NO *FOREST EXPERIENCE*



FONTE: Site no Facebook do *Forest Experience* (2017)

Antes de entrar no espaço, a coordenadora nos solicitou deixar as lanternas já que na roda ia nos iluminar apenas a fogueira e algumas tochas. O espaço onde íamos acessar ao *Forest Experience* estava delimitado por seis Guarani que fizeram duas filas, cada uma de três, deixando uma espécie de caminho no meio deles onde cada turista devia passar. Em suas mãos tinham lanças entrecruzadas, que se separavam quando cada visitante ia entrando à roda. Adicionalmente, na entrada deste caminho, havia um coordenador da comunidade que ao longo do evento ia indicando com suas mãos o que devia ser feito, quando e como. Cada visitante devia esperar o sinal do coordenador para poder ingressar, atravessar a fila dos Guarani com lanças, e cumprimentar a cada integrante da comunidade que se encontrava ao redor da fogueira, tanto homens, mulheres e anciãos, enunciando a palavra *Aguyevete* como saudação esticando as mãos em direção ao céu. Os outros visitantes que me acompanhavam, além de cumprimentar e esticar as mãos inclinava-se diante cada Guarani como se fosse um tipo de adoração. Isto se tornou numa piada interna dos anfitriões da aldeia Jasy Porã, que depois de cada *Forest Experience* riam de algumas ações engraçadas dos espectadores.

Em seguida de cumprimentar todos os Guarani presentes, fomos convidados a completar a roda ao redor da fogueira, sentando-nos num espaço destinado exclusivamente

para os visitantes, com tapetes espalhados no chão de terra e bancos de madeira. Ali nos indicaram deixar nossas mochilas e sapatos para ficar mais livres já que íamos dançar junto com os Guarani ao redor da fogueira. No início, os visitantes começamos dançar com muita vergonha e desconfiança de nos movimentar de forma errada, porém ficamos mais relaxados quando vários anfitriões ingressaram dançar na roda para nos ensinar. Nossos passos estavam acompanhados pela melodia emitida do violão, violino, flautas tocadas por homens, e *tacupú* golpeados contra o chão pelas mulheres, além dos olhares dos Guarani que ficaram sentados analisando nossa dança. Após um prolongado tempo a música parecia não acabar, e os visitantes já estávamos ficando cansados das infinitas voltas ao redor da fogueira. No entanto, estas danças circulares intermináveis são realizadas habitualmente nas aldeias Guarani, demorando inclusive a noite inteira até a saída do sol no próximo dia.

Após uns quinze minutos de dança, fomos indicados a finalizar e passar novamente por cada integrante da roda, até chegar ao ancião e/ou *chamoi*, quem depois de fumar o cachimbo soprava o fumo na cabeça de cada um dos visitantes. Em seguida, retomamos nossos assentos ao redor do fogo, dando passo à fala do *chamoi* que era emitida em guarani mbyá, e que posteriormente foi traduzida pelo anfitrião e orador oficial do evento. A tradução é feita geralmente em português, considerando que a maioria dos visitantes são brasileiros ou estão mais familiarizados com o português, e, caso houver alguém que fale inglês, a coordenadora do *Forest Experience* traduz. No início da fala, o orador cumprimentou a todos os visitantes e apresentou sua comunidade Jasy Porã, fazendo questão em esclarecer que os Guarani Mbyá não têm nada a ver com aqueles Tupiniquim e Tupinambá tão mencionados na história regional e brasileira. Adicionalmente, nos apresentou um breve panorama da situação dos Guarani, que se encontram divididos por fronteiras nacionais, e que sofreram constantemente violências geradas por vários atores ao longo da história.

Da mesma forma, na sua fala o orador explicou sobre a importância de cada um dos passos feitos pelos visitantes no *Forest Experience*, como dar valor a todas as pessoas presentes cumprimentando-as, dançar juntos, e ouvir as palavras do *chamoi* que devem ser muito respeitadas. Também aproveitou para explicar que para os Guarani não é indispensável olhar aos olhos quando estão falando e/ou ouvindo, já que esta ação significa ouvir de verdade, sem distrações. Isto foi destacado já que enquanto o *chamoi* falava não olhava para ninguém, assim como nenhum dos outros anfitriões Guarani olhavam para ele. Sobre as

etapas do *Forest Experience*, o orador explicou que cada uma destas fazia parte de um processo de integração do turista dentro da comunidade Jasy Porã, onde, de ser um desconhecido, se tornava num convidado especial que devia ser acolhido por todos. Pontualmente, ressaltou a importância do uso do fogo nos eventos realizados pelos Guarani e das danças que aconteciam ao redor dele, significando cada volta uma etapa e/ou oportunidade diferente da imediatamente anterior e da seguinte. Apesar de que cada volta ao redor do fogo parecesse a mesma, a vontade e a forma de fazer cada uma era totalmente diferente: os movimentos do corpo, os passos, a disposição, alegria, entre outras características.

Adicionalmente, o orador nos comentou sobre a situação atual da aldeia, e, principalmente, do motivo pelo qual eles estavam abertos a interagir com turistas, e, de modo geral, com o turismo como atividade econômica. Explicou-nos que para eles o turismo resultava chamativo por ser uma ferramenta que permite dar a conhecer sua cultura para os “brancos”, já que só sendo conhecidos podiam ser respeitados e compreendidos. Como ele mesmo afirmou: “se você conhece você cuida. Por isso é nosso interesse que vocês conheçam sobre nossa cultura e realidade”, e por isso são abertos a receber visitantes para assim contar sua própria história.

Após as palavras do orador, foi oferecida uma saborosa comida definida no evento como tipicamente Guarani, composta de mandioca, um bolinho de farinha de trigo e peixe, e mel e *mbeiju* doce como sobremesa. Aos visitantes nos foi servido num prato individual, com opções de bebidas, e aos Guarani lhes foi oferecida a comida em conjunto num mesmo recipiente. No momento de comer, os visitantes retornaram ao espaço onde foram inicialmente localizados, nos tapetes e troncos de um lado da fogueira, e os Guarani na nossa frente. Neste momento não acontecia muita interação entre os Guarani e os turistas, já que cada um ficou no seu ambiente conversando e compartilhando com seus pares.

Dentro dos membros da aldeia Jasy Porã que estavam participando no *Forest Experience* como anfitriões encontrava-se o professor da escola intercultural indígena, a quem já conhecia previamente, e com quem decidi interagir enquanto todos comíamos. Além disso, numa das minhas visitas à aldeia Jasy Porã, dias prévios a esse *Forest Experience*, combinamos com o professor de assistir juntos a este evento para conhecer como acontecia, ele com o papel de anfitrião e performer, e eu como visitante e espectadora. Perguntei para ele

como tinha achado o evento, já que era a primeira vez que participava tanto do *Forest Experience*, como de atividades turísticas onde os Guarani eram o principal atrativo. Se bem era ciente que sua aldeia estava muito relacionada com o turismo, nunca participou diretamente das práticas turísticas desenvolvidas tanto no interior de Jasy Porã, assim como em outros espaços da Tríplice Fronteira. O professor afirmou ter gostado do evento por sua beleza, acontecendo de noite à luz da lua e do fogo, dançando ao redor da fogueira como é tradicional para os Guarani. Contudo, a partir do papel que assumiu no evento, como performer, afirmou sentir um pouco de vergonha por inventar e/ou exagerar características que não correspondiam com sua realidade, como o uso de roupas brancas quase religiosas, sendo que no dia a dia costumam ser usados chinelos, tênis, calças, shorts e camisas, o uso de objetos como as lanças, arcos e flechas, já que não são usados mais estes elementos para caçar mas para ser vendidos, e a comida que não tinha nada a ver com sua alimentação cotidiana, sendo esta mandioca, milho, arroz, frango, macarrão, feijão, bolachas de pacote, doces, refrigerante, etc.

Enquanto comíamos e conversávamos prevalecia o silêncio por parte de todos os participantes, exceto eu e o professor que éramos os únicos em interagir nesse momento. Ele esclareceu que para os Guarani o ato de comer devia acontecer em silêncio, concentrando-se apenas no alimento que estava sendo consumido. Entretanto, segundo ele, o respeito pelo momento da alimentação já não acontecia nos dias de hoje, principalmente pelos mais novos que conversavam, riam e ouviam música enquanto comiam algumas das refeições. Inclusive, ele, que já é um adulto, admitiu que já não estava mais acostumado a ficar em silêncio, sentindo a necessidade de conversar com aqueles que estavam perto.

Depois de conversar alguns minutos, foi avisado pela coordenadora que para dar continuidade ao *Forest Experience* devíamos voltar aos nossos lugares, o professor do lado dos Guarani e eu do lado dos visitantes. Antes de voltar à dança ao redor da fogueira, o orador fez alguns comentários sobre a importância de compartilhar os alimentos, como o principal passo para a efetiva socialização e integração dos visitantes, já que só se compartilham alimentos com parentes ou pessoas muito próximas. Efetivamente, a aproximação entre os Guarani anfitriões e os visitantes manifestou-se após da comida, quando retomamos a dança de uma forma mais espontânea e animada, desta vez entrando na roda outros atores de ambos lados que não tinham participado inicialmente. A duração da dança ao redor da fogueira foi

maior que no início, no entanto para nós visitantes já não resultou tedioso dançar em círculos por tanto tempo.

Quando já foi indicada a hora para finalizar a dança, e o *Forest Experience* de modo geral, o coordenador nos manifestou que devíamos despedir-nos de cada um dos anfitriões de Jasy Porã, entonando novamente *aguyevete* e esticando as mãos ao céu. No fim desta ação, chegamos até uma mulher que nos presenteou com um colar de *olhos de nossa senhora*, colocando-o no pescoço de cada visitante. Imediatamente fomos conduzidos à saída daquele espaço, retomando a trilha caminhada previamente, e pegando de novo as lanternas que nos iluminariam até a saída do Parque das Aves. Enquanto isso, os Guarani ficaram musicalizando nossa despedida.

De volta à trilha me aproximei aos outros visitantes que estavam caminhando junto, procurando conhecer suas opiniões sobre os Guarani e as ações que foram realizadas no *Forest Experience*. Todos afirmaram ter gostado porque conseguiram aproximar-se à “suas raízes”, entendendo algumas das palavras que o *chamoi* tinha falado, já que aprenderam na sua infância guarani-paraguaio com suas famílias. Da mesma forma, comentaram que já teriam tido aproximações superficiais com comunidades Guarani no Paraguai, porém não tão profundamente como aconteceu no *Forest Experience*, onde conheceram mais sobre os rituais deles. Novamente, meus colegas de trilha, para afirmar uma afinidade pelo universo Guarani, destacaram ter um contato mínimo com o Paraguai e com a língua guarani-paraguaia, assumindo que isto já significava possuir um pleno conhecimento das comunidades indígenas Guarani.

Durante minha participação como espectadora no *Forest Experience* consegui perceber que o formato do evento é dirigido pelos Guarani, porém o marco e estrutura do mesmo é controlado e definido pelo Parque das Aves. Após chegar ao espaço da fogueira, a coordenadora de eventos especiais do Parque das Aves entrega o comando ao coordenador da aldeia Jasy Porã, quem vai marcando a forma do encontro, quando e como cada ator deve agir, e de que forma pode ser estabelecida a relação entre os Guarani e os visitantes, tudo isto tendo em conta o tempo e o espaço delimitado pelo Parque das Aves para o *Forest Experience* ocorrer. Das primeiras vezes que este evento aconteceu, a administração do parque relatou que existiram algumas discordâncias entre as partes sobre vários pontos. Um deles

relacionava-se às falas que o *chamoi* emitia no início, que pareciam ser muito agressivas com os assistentes ao manifestar sua indignação pelas terras que lhes foram usurpadas pelos “brancos”, que pareciam encarnar-se nos turistas. Para os administrativos esta atitude resultava hostil para o visitante que apenas estava-se aproximando a uma realidade Guarani, e, inclusive, a uma realidade indígena. Isto foi discutido em conjunto com os Guarani, que tiveram precaução nas próximas vezes.

Outro aspecto era o controle do tempo, já que o Parque das Aves estabeleceu duas horas exatas para que o *Forest Experience* se desenvolvesse, sendo que cada passo deste evento devia ser muito pontual. Em algumas oportunidades, os Guarani se entregavam à música e dança, perdendo a noção do tempo. Assim, enquanto o *Forest Experience* está acontecendo, a coordenadora de eventos especiais do parque dá algum sinal para o coordenador Guarani, quem vai controlando cada uma das etapas. Por último, em relação ao bem-estar dos visitantes, era lembrado constantemente aos Guarani que estes não deviam tirar os sapatos e deixá-los do lado do mato para ir dançar, já que em horário noturno em plena Mata Atlântica alguns animais letais costumam sair, como aranhas, escorpiões e cobras, que podem esconder-se nos sapatos dos turistas e assim picá-los. Esta sugestão não foi seguida pelos Guarani, já que acham fundamental entrar em contato com a terra na hora de dançar ao redor da fogueira. Diante isto, a coordenadora decidiu advertir isoladamente aos visitantes que se tiravam os sapatos poderiam ser picados por uns destes animais, sendo assim a responsabilidade de cada um.

Alguns meses depois, em Julho de 2017, tive a possibilidade de participar novamente no *Forest Experience*, desta vez como organizadora. Apesar de já ter assistido a este evento previamente como visitante, queria nesta oportunidade tornar-me numa observadora “não participante”, para poder compreender como o *Forest Experience* funcionava nos bastidores, sem deixar-me levar pela beleza do evento, rituais, palavras dos Guarani, e pelo ambiente de uma noite estrelada com natureza ao redor. Em termos gerais, assistir como organizadora permitiu-me detectar os contrastes que existem entre os Guarani em cena, como *performers*, e os Guarani do dia a dia que chegam ao Parque das Aves a trabalhar.

Naquele dia fui notificada de chegar mais cedo ao Parque, já que os organizadores do evento precisam estar pelo menos duas horas antes do início do *Forest Experience* para ter

todos os detalhes previamente definidos. Assim, cheguei aproximadamente às 17h30, no mesmo horário que chegou a van proveniente da aldeia Jasy Porã com os Guarani que estavam interessados em trabalhar naquele dia. Por trás do cenário, fica bastante claro entre as partes que a apresentação dos Guarani se trata de um trabalho como qualquer outro, que deve ser remunerado, preparado, e cujo produto deve ser satisfatório para os consumidores que o adquirem, neste caso os turistas que pagam 250 reais por conhecer a cultura indígena Guarani da forma mais completa possível.

Logo chegam os Guarani ao parque, com casacos, calças, blusas e chilenos como roupas do dia a dia, passam numa sala onde se encontra a vestimenta especial do evento, instrumentos musicais, enfeites, e demais ornamentarias utilizadas por eles durante o *Forest Experience*. Quase todos colocam a roupa branca da apresentação por cima da roupa cotidiana com a que chegam. Outros ficam apenas sem camisa e põem ao redor do seu peito e costas colares longos a modo de enfeite. Adicionalmente, o orador e representante turístico de Jasy Porã informa à coordenadora do evento a quantidade e os nomes dos membros da aldeia que vão trabalhar no dia, com o fim de preparar um recibo que é entregue na hora de efetuar o pagamento pelas horas de trabalho. Esta gestão também é feita previamente através de um telefone e número brasileiro que a administração do Parque deu ao orador, que permite estar em constante contato com ele na hora da organização e confirmação do *Forest Experience*. Às vezes, a comunicação não acontecia de forma imediata, já que nem sempre o orador tinha o celular consigo.

Quando já estão vestidos, enfeitados e devidamente registrados com a coordenadora para receber posteriormente o pagamento, os Guarani passam ao refeitório do Parque para receber alguns lanches e bebidas antes de começar o trabalho. Posterior a isto, fui indicada de acompanhá-los até o espaço onde recebem aos turistas e ajudá-los a preparar os detalhes da apresentação. Recebi um *walkie-talkie* para notificar à coordenadora do evento como ia tudo, e receber um sinal dela quando estivesse aproximando-se com os visitantes para advertir aos Guarani que se posicionassem e comesçassem tocar os instrumentos. Além de mim e dos Guarani, ia mais um trabalhador do parque que nos colaborou levando num mini trator enfeites como velas automáticas, lanternas, tochas, assim como utensílios necessários para o jantar, como pratos, talheres, guardanapos húmidos, folhas de bananeira para manter quente a comida, papel alumínio, gasolina para acender a fogueira e a churrasqueira, e os alimentos

previamente feitos pela cozinheira Guarani. Este colaborador do Parque permanece durante todo o evento para auxiliar no que for preciso, e para retornar no fim do *Forest Experience* todos os objetos até seus respectivos lugares.

Estando já no espaço que é destinado para o *Forest Experience* acontecer, o colaborador do parque e alguns Guarani começaram acender a fogueira, que precisava ser grande o suficiente para manter quente a todos ao redor. Ao mesmo tempo, começou ser ascendida a churrasqueira, que fica no fundo do espaço onde os turistas não conseguem enxergar. Sob a churrasqueira foi instalada uma capa de papel alumínio para intensificar o calor do fogo, e foi solicitado pelo colaborador do parque que eu e a cozinheira Guarani cobríssemos o papel com folha de bananeira, o que permitiria que os alimentos não se queimassem, enquanto ele trazia os alimentos. Adicionalmente, foram instaladas umas lanternas para enxergar o estado da comida, considerando que já estava escuro e não havia luz elétrica. Para a cozinheira a folha de bananeira não ia ser muito útil porque ia demorar mais em aquecer os alimentos. Assim, deixamos sem a folha de bananeira considerando que faltavam poucos minutos para que os visitantes chegassem, conforme fui notificada no *walkie-talkie*. Quando o colaborador do parque chegou sentiu a falta da bananeira e perguntou por que decidimos não usá-la. A cozinheira lhe respondeu que não era preciso e que podia confiar em que não ia queimar. Dessa forma, foram dispostos os alimentos que precisavam manter-se aquecidos ao longo da churrasqueira, como peixe, mandioca, e uns bolinhos de farinha. A sobremesa ficou numa mesa do lado onde estavam sendo arrumados os pratos que iam ser levados aos turistas, e com a bandeja dos Guarani.

Quando os visitantes chegaram começou o *Forest Experience* da mesma forma que relatei anteriormente, foram recebidos por duas filas de Guarani que permitiam o acesso através de umas lanças, cumprimentando-os com a palavra *aguyeveye*, e convidados a dançar ao redor do fogo. Enquanto isso, a coordenadora, que também chegou junto com eles se aproximou à churrasqueira e perguntou como estavam indo as coisas. Percebeu que não estava a folha de bananeira sobre o papel alumínio e pediu para colocar. De novo, a cozinheira afirmou que não precisava e demonstrou que os alimentos não estavam queimando-se. No entanto, o papel alumínio estava grudando-se nos alimentos, sendo complexo perceber pela escuridão, dificultando tirar os pedaços de papel alumínio dentro da comida na hora de servir o jantar. Nesse ponto, já foi necessário fazer uso da folha de

bananeira, que conseguimos colocar de forma improvisada sob o papel que já estava quente e quebrado em algumas partes. Tivemos que ficar atentas, eu e a cozinheira, cuidando a comida para não grudar com o papel durante todo o evento.

Desde a churrasqueira não era possível ouvir o que estava sendo falado no evento, nem as palavras do *chamoi*, nem as do orador, nem eventualmente as perguntas dos visitantes. Desse modo, fiquei conversando com a cozinheira e o colaborador do Parque enquanto chegava o momento de servir e levar o jantar. Quando nos foi indicado montamos os pratos, que deviam ter uma porção de cada alimento, e deixamos prontas as bebidas que eram solicitadas pelos visitantes, como suco de laranja ou água. A coordenadora do evento ia levando os pratos para os turistas, e depois, junto com a cozinheira, era levada a grande bandeja com todos os alimentos para os Guarani. O suco era solicitado pelos Guarani ao colaborador do parque, quem lhes serviu em copos de madeira. Enquanto visitantes e performers comiam, eu, a cozinheira, o colaborador, e a coordenadora íamos beliscando num cantinho onde não pudéssemos ser observados. De modo geral, é preparada comida suficiente para todos, a tal ponto que sobra para quem quiser levar a casa.

No fim da comida e do evento de modo geral, foram despedidos os turistas e levados até o caminho inicial pela coordenadora do evento. Quando já não era possível visualizar os visitantes, os Guarani pararam de tocar os instrumentos, e começaram arrumar todas as coisas para agilizar a saída. O colaborador do parque pegou novamente todos os utensílios de cozinha e de iluminação e levou de volta no mini trator. Quanto a mim, fui junto aos Guarani pelo caminho, carregando umas lanças utilizadas no evento. Constantemente me perguntavam que tinha achado do *Forest Experience*, tanto na minha primeira participação como visitante quanto agora como colaboradora. Respondia que era um evento muito belo e os parabenizei pela organização e gestão. Ficavam muito contentes quando as pessoas lhes falavam que fizeram um bom trabalho.

Chegamos novamente ao refeitório, onde nos esperava a coordenadora para receber a ornamentaria e guardá-la, assim como para entregar o pagamento a cada Guarani por seu dia de trabalho. Com lista em mãos, a coordenadora ia chamando um por um, entregava o dinheiro e solicitava que fosse assinado o nome de quem recebeu. Isto foi feito com os quinze participantes. Na hora de eles retornar à aldeia Jasy Porã fui abordada por um deles, que me

presenteou com um colar muito belo e diferente dos entregues aos turistas, como uma forma de agradecimento por tê-los ajudado durante o evento. Agradei e prometi visitá-los nos próximos dias.

Na volta para casa, a organizadora do *Forest Experience* ofereceu carona a mim e a um turista alemão que havia participado do evento, que com 18 anos era a primeira vez que saía do seu país sozinho. No caminho, conversamos sobre suas impressões do evento e dos Guarani. Afirmou nunca ter ouvido antes sobre esta população indígena, porém manifestou que uns dos seus propósitos nesta viagem pela América do Sul era conhecer várias populações indígenas. Antes de chegar ao Brasil já tinha pesquisado na internet sobre passeios com populações indígenas, encontrando propagandas sobre o *Forest Experience* que pareceram interessantes, e imediatamente reservou um ingresso para participar. Após sua participação, manifestou ter gostado muito do evento, e de ter ficado com vontade de visitar as aldeias ao redor.

4.2.2.2 Oficinas para os funcionários do Parque das Aves

A partir do momento que consegui estabelecer contato com a direção do Parque das Aves fui convidada a dar uma série de oficinas aos funcionários deste estabelecimento, que por causa da implementação deste novo atrativo que envolvia aos Guarani, iam precisar uma maior sensibilidade e conhecimento sobre esta população na hora de explicar para os visitantes em que consistia o *Forest Experience*. Pensamos conjuntamente com os administrativos em oferecer oficinas que subministrassem um conteúdo acorde e simples para que os funcionários tivessem um panorama geral sobre a realidade indígena, e que assim compreendessem a importância de involucrar os Guarani em ações turísticas na Tríplice Fronteira. A partir destas oficinas, pretendia indagar um pouco pelas formas como os Guarani estavam sendo pensados pelos funcionários da indústria turística, especificamente desta instituição que me estava acolhendo

Assim, planejamos cinco oficinas com duração de 30 minutos cada uma para trabalhar com a temática indígena, e pontualmente para ir contextualizando sobre a presença da população Guarani na região. A primeira se denominou “Quem são os índios? Imaginários do que é ser índio”, onde pretendíamos conversar com os participantes sobre os imaginários e

preconceitos existentes sobre as populações indígenas, apresentando o vídeo “Quem são eles?” da organização *Video nas Aldeias*. A segunda e terceira oficina se titulavam “Quem são os Guarani?” e se pensava apresentar um breve contexto histórico e arqueológico dos Guarani, assim como apresentar a atualidade desta população após várias problemáticas geradas ao longo de acontecimentos históricos relevantes. Na oficina quatro, nomeada “Relação entre Guarani, Tríplice Fronteira e turismo”, procurávamos mostrar para os trabalhadores do Parque das Aves como estas comunidades se relacionam com a população da Tríplice Fronteira, com os turistas, e com o turismo, dando ênfase aos diferentes empreendimentos turísticos que vinculam diretamente aos Guarani. Finalmente, a oficina cinco “Por que a importância do *Forest Experience*” pretendia explicar o que estava fazendo este programa pelos Guarani, ressaltando os resultados gerados, como por exemplo o dinheiro coletado no Fundo Guarani.

Infelizmente, das oficinas planejadas só foi possível desenvolver a primeira por questões de tempo, tanto dos trabalhadores do Parque das Aves, dos administrativos, e da minha curta presença na Tríplice Fronteira enquanto fazia meu trabalho de campo. A mesma aconteceu no mês de Maio de 2017, teve duração de vinte minutos, e foi dada a grupos conformados entre quinze e vinte pessoas aproximadamente. Esta oficina foi repetida cinco vezes para envolver a totalidade de funcionários do parque, que somavam em torno de 150 pessoas. Como mencionado anteriormente, a intenção desta primeira oficina era reconhecer os preconceitos sobre os Guarani que estavam presentes no turismo, assim como quais imaginários sob esta mesma população circulavam entre os funcionários do Parque das Aves. Para isto, após apresentar o *Forest Experience* e de contextualizar a função das oficinas, foi solicitado a cada participante da oficina falasse sobre o que achavam dos índios, sendo sinceros e sem preocupar-se por represálias. Uma vez identificadas e anotadas as palavras mais recorrentes nas falas dos funcionários, foi apresentado um vídeo onde várias pessoas do Brasil são entrevistadas e convidadas a falar sobre os índios brasileiros, mencionando preconceitos bastante comuns, descrevendo aos índios como preguiçosos, atrasados, amigos da natureza, entre outros. Várias das palavras que foram faladas pelos funcionários do parque encontravam-se no vídeo, percebendo que o pensamento dos primeiros representava um imaginário geral sobre os indígenas, mencionados brevemente no primeiro capítulo desta dissertação. Adjetivos que definiam aos índios como “preguiçosos”, “selvagens”, “sujos”, “pobres”, “marginais”, “excluídos”, “privilegiados” e “aproveitadores” foram recorrentes nas

várias sessões desta primeira oficina, onde participaram desde administrativos, até vendedores da loja e lanchonete, evidenciando assim que o preconceito sob as populações indígenas persistem em diversos rangos de trabalho.

Outros fizeram questionamentos das reclamações dos indígenas que pareciam não ter sentido, já que exigiam terra, mas não a produziam. Nesta mesma linha, uma das funcionárias comentou uma experiência que tinha gerado nela repúdio pelos Guarani. Na cidade de Foz do Iguaçu, principalmente nos bairros mais próximos às fronteiras físicas com Argentina e Paraguai, é muito comum que mulheres Guarani pecam roupa e/ou comida de porta em porta. Segundo comentava esta funcionária, uma vez uma Guarani chegou na sua casa e ela decidiu dar-lhe roupa que já não estava usando. Depois disso, a funcionária viu que umas quadras mais para frente esta mulher estava escolhendo a roupa que era da sua preferência, e a que sobrava simplesmente jogava no lixo. Esta experiência comentada gerou diversas reações entre os participantes da oficina, que de modo geral concordaram com não ajudar mais com roupas já que os Guarani não eram agradecidos com estas ações. Para eles, os Guarani deviam sentir-se abençoados por este gesto, pegando toda a roupa sem ter nenhum direito a escolher o que queriam.

Finalmente, outros questionamentos foram feitos, relacionados à identidade indígena. Alguns funcionários manifestaram que os índios se aproveitavam dos governos para obter o que eles querem. Da mesma forma, os participantes não entendiam por que os índios aparentavam passar muitas necessidades, mas possuíam bens de consumo como carros, televisores, celulares, e até helicópteros, que não precisavam porque não correspondiam à sua cultura. Estes comentários permitem lembrar o trabalho do antropólogo brasileiro Cesar Gordon (2003), que analisou o consumo inflacionário de dinheiro e bens industrializados provenientes dos brancos dentro dos Xikrin, e que considera que

Há uma questão de fundo em todo o caso, que reside em nossa incapacidade de enxergar as relações dos índios com os objetos oriundos da sociedade industrial capitalista como um fenômeno autêntico. Apesar de sabermos que nosso mundo é movido pela produção em massa de objetos, pela produção do desejo voltado a eles e por seu consumo igualmente massivo, quando se trata dos índios é como se houvesse um imperativo de separação. Os índios não podem querer tais coisas que lhes são estranhas e, se as querem, algo estranho lhes acomete. Paira sobre esse conjunto de ideias diversos espectros, entre eles o do bom selvagem, já transmudado e revestido de camadas de ectoplasma culturalista. Eles dizem muito mais sobre a nossa relação com os índios do que sobre a relação dos índios conosco. É como se olhássemos os índios sempre através de um mesmo espelho, que só pode nos devolver nossa própria imagem distorcida (2003, p. 38).

Para Gordon, o atual consumo Xikrin não seria o resultado de uma necessidade econômica e capitalista, nem numa dependência dos Xikrin pela assistência da Companhia do Vale do Rio Doce, mas, pelo contrário, surgiria como resultado de um desejo sócio cosmológico pelo outro e pelos seus objetos. A apropriação e desejo pelos elementos estrangeiros, e principalmente pelos objetos dos brancos, parecem ser uma constante nas sociedades ameríndias, como é evidenciado no livro *Pacificando o branco: Cosmologias do contato no norte-amazônico* elaborado por Bruce Albert e Alcida Rita Ramos (2002). A partir de alguns exemplos pontuais de populações amazônicas, é explicado que a apropriação dos objetos dos brancos são de igual forma recontextualizados na lógica interna da reprodução social e reafirmação cultural, outorgando prestígio local ao ser símbolos exclusivos de exterioridade.

Outros funcionários do Parque das Aves pareceram não estar tão incomodados com a presença indígena, afirmando possuir um tipo de ancestralidade no sangue, autodenominando-se de cabocla por ter morado na roça, e brincando no mato com índios. Para eles, esse tipo de moradia e vida no campo já os aproximava um pouco mais à realidade indígena que conheciam. Adicionalmente, os indígenas eram defendidos por não ser mais agressivos, já que no passado eram canibais e matavam aos brancos, mas na atualidade se destacam por ser mais respeitosos.

Como percebido, os preconceitos na esfera turística estão intimamente relacionados com os preconceitos que circulam na sociedade de modo amplo. Apesar de que os funcionários do Parque das Aves trabalham atualmente com os Guarani, e moram na Tríplice Fronteira onde existem importantes discursos sobre uma ancestralidade indígena, estes reproduzem o mesmo pensamento que não admite a mudança como uma característica viável das populações tradicionais.

4.2.3 “O turismo deve ser controlado”

Como visto anteriormente, o turismo apresenta-se como um recurso muito útil para os Guarani da aldeia Jasy Porã, já que se tornou num dos poucos espaços onde podem falar por si próprios, dando-se a conhecer à aquelas pessoas que por ignorância desconhecem sua presença e suas lutas. Como manifestou Santiago Martinez, membro da aldeia Jasy Porã que

trabalha no projeto *Yryapú Turismo Guaraní*, numa entrevista concedida no ano de 2017 à rádio da organização *Transvolution*, para ele o turismo “es una manera de darnos a conocer, de que hay una cultura diferente, una manera de pensar diferente y una manera de sentir diferente, y eso hace que todos podamos entender que la diversidad cultural es importante comprenderla”. De modo geral, a atividade turística é bem vista pelos moradores, porém só quando está baixo seu controle, considerando experiências anteriores que os levaram a ser mais seletivos com quais atores poderiam fazer parcerias, como agências de turismo, guias, e organizações que possuem outros atrativos turísticos na Tríplice Fronteira.

O atual cacique da aldeia trabalhou por dezoito anos com o turismo, desde que começou morar na aldeia Fortín Mbororé. Ali trabalhava como guia turístico a serviço de uma agência. Contudo, constantemente destacava que sua experiência não foi positiva, já que as visitas dos turistas aconteciam todos os dias em vários horários, finalizando assim sua jornada de trabalho cansado, tentando cobrir toda a demanda dos turistas, e sobrevivendo diante a pressão que era exercida pela agência turística. Sentiu num momento que devia parar porque estava consumindo-se física e espiritualmente com tanta exploração. Decidiu assim sair de Fortín Mbororé em direção a um novo lugar para morar, desta vez a aldeia Yryapú, onde também estava começando a existir um turismo constante que desgastava aos guias Guaraní. Novamente, saiu desta aldeia e fundou (junto com o orador e representante turístico da aldeia) a aldeia Jasy Porã, procurando afastar-se do turismo e de outros conflitos internos gerados com os caciques das outras aldeias. A partir da sua própria experiência de vida, o cacique admitiu a importância da atividade turística para os Guaraní, por representar uma ferramenta política e um ingresso econômico que traz benefícios para as comunidades, porém sempre procura-se em Jasy Porã ter precaução sobre a forma como esta acontece, dando prioridade a projetos onde eles mesmos possam definir como esta atividade deve acontecer, e não sobre condições de agências turísticas.

Nas várias visitas que realizei ao longo do ano 2017, reiteradamente era comentado em Jasy Porã pelos professores da escola e o cacique e a situação da aldeia Fortín Mbororé, considerando que esse ano graves episódios estavam acontecendo lá, como o estupro de crianças⁷¹, suicídio de moradores⁷², ou assassinatos a mão armada⁷³. Segundo eles, o turismo

⁷¹ “Violación de la nena mbya en Fortín Mbororé: cotejo de ADN selló la suerte del acusado y la causa va a juicio”: <http://misionesonline.net/2017/09/18/violacion-la-nena-mbya-fortin-mborore-cotejo-adn-sello-la-suerte-del-acusado-la-causa-va-juicio/>

descontrolado nessa aldeia era o causante destes acontecimentos, ao permitir que sentimentos e práticas erradas do mundo dos brancos penetrem o interior da aldeia pelo contato constante com turistas.

Outros membros da aldeia Jasy Porã, que não gostam ou não participam do turismo, manifestam que é chocante ver suas práticas culturais tergiversadas para os turistas, como foi o caso do professor da escola intercultural bilíngue quando participou do *Forest Experience* como performer. Foi a única vez que assistiu, porque para ele foi vergonhoso tornar-se no atrativo de um grupo de pessoas, como se estivesse sendo exposto num zoológico. A imagem de um Guarani “*touree*” (VAN DEN BERGHE, 1980), como uma nova identidade criada especificamente para o mundo turístico, seria rechaçada pelos Guarani de carne e osso que não se identificam com esta. A crítica ao Guarani *touree* não é feita exclusivamente pelos Guarani reais, mas pelos próprios turistas que visitam as aldeias e as encontram como populações indígenas pouco autênticas, ou já contaminadas pela modernidade, conforme aparecem nos comentários de turistas que visitaram as aldeias Yryapú e Fortín Mbororé no site TripAdvisor, já apresentados nos anteriores parágrafos.

O rechaço de alguns Guarani pelo turismo também está fundamentado na usurpação das suas terras por empreendimentos relacionados à esfera turística como atividade econômica. Como afirmaria um ancião Guarani da aldeia Ocoy Jacutinga, que foi levado até o Parque Nacional do Iguaçu para relembrar a localização da antigamente conhecida Aldeia Guarani que se encontrava neste espaço até 1943, “as cataratas é cemitério Guarani” (CARVALHO, 2013, p. 329) já que muitas vidas foram perdidas a causa da delimitação das fronteiras, a criação do Parque Nacional do Iguaçu, e a definição das Cataratas do Iguaçu como um atrativo turístico de nível internacional, deixando por fora aos Guarani que moravam nestas terras. Quando o ancião viu que o luxuoso Hotel das Cataratas estava exatamente construído onde ficava sua aldeia, exclamou com muita indignação que “os brancos usam a terra para brincar, passear e ganhar dinheiro, enquanto que nós precisamos da terra para viver” (idem). Assim, tanto a construção deste aglomerado turístico, de empreendimentos desenvolvimentistas como a Itaipu Binacional, ou a prevalência de

⁷² “Otra muerte impacta a la aldea Fortín Mbororé: ahora se suicidó la abuela de la nena violada”: <http://misionesonline.net/2017/11/23/otra-muerte-impacta-la-aldea-fortin-mborore-ahora-se-suicido-la-abuela-la-nena-violada/>

⁷³ “Detuvieron a joven acusado de matar a su cuñado en la aldea Fortín Mbororé”: http://lavozdecataratas.com/noticia_60110.html

exploração agrícola geraria uma espécie de “cerco articulado” (GUANAES, 2015) que restringe a presença Guarani apenas a um micro espaço, e que impede sua participação na esfera política, econômica e social da Tríplice Fronteira.

Tendo plena consciência destas problemáticas, os Guarani da aldeia Jasy Porã tem procurado usar o turismo para seu próprio benefício de forma controlada, já que em excesso se torna numa atividade ofensiva. Encontraram o turismo como um espaço onde pode ser reconhecida sua presença como populações indígenas reais e atuais, como uma plateia onde podem apresentar um pouco dos Guarani de carne e osso através da imagem do “Guarani *touree*” como gramática ressignificada neste contexto onde sua memória procuro ser muitas vezes apagada.

Assim, apesar de que efetivamente o turismo gera repercussões negativas nos locais onde se instala, no caso específico das populações indígenas vale a pena ressaltar a potencialidade que estas têm para apropriar-se desta atividade econômica, “pacífica-la” (ALBERT E RAMOS, 2002) e transformá-la segundo suas necessidades e demandas. Isto não é ressaltado apenas no caso dos Guarani, mas de outras populações indígenas como os Pataxó que se encontram no estado da Bahia (Brasil), que também se caracteriza por ser uma região com forte fluxo turístico. No caso deste povo, o antropólogo Sandro Campos Neves (2012, p. 5) descreve a prática do turismo deles como uma apropriação indígena dos objetos dos brancos, considerando que “Nesse processo fazem passar as ‘coisas de fora’ pelo crivo de sua própria cultura e tradição, resultando disso que tais ‘coisas de fora’ tornem-se outras, embora aparentemente possam passar por mesmas”. Com isto, o autor afirma que, apesar de que superficialmente a prática turística das populações indígenas pareça a mesma que a desenvolvida pelos brancos, é gerado outro resultado em toda a rede de atores que participam deste tipo de turismo, tanto nas próprias populações indígenas e sua cultura, quanto nas agências de turismo como mediadoras, os órgãos nacionais e internacionais que regulam esta prática, como nos próprios visitantes e suas expectativas. O turismo representaria então um novo signo procedente do exterior (como são também os objetos, mitos, nomes, músicas, entre outros) a partir do qual algumas comunidades vêm uma fonte de renda que lhes permite reposicionar-se desde sua própria cultura na sociedade capitalista à qual foram obrigatoriamente inseridos desde a própria colonização.

No caso da Tríplice Fronteira e o turismo em torno das Cataratas do Iguaçu, já não são apenas “os outros não Guarani” da rede turística que falam e/ou apresentam esta população apenas como um passado plasmado em lenda, ou em atualidade caricaturada como exótica e primitiva. Agora são os próprios Guarani que quebram com exclusão à que foram relegados do turismo e outras atividades econômicas, falando por eles mesmos e definindo as características com as quais querem ser representados na atividade turística, pensada como um possível caminho para aceder à área política e dar visibilidade à suas reivindicações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo como expressão da vida moderna e como objeto de estudo representa um grande desafio para a antropologia, principalmente quando as pesquisas envolvem populações indígenas, existindo diversos matizes que podem chegar a ser analisados. Nesta dissertação, partimos da própria distância que a antropologia estabeleceu inicialmente com o turismo desde que este se expandiu, e que, por muito tempo, gerou certo grau de desconhecimento na hora de precisar adotar propostas teóricas e metodológicas que contribuam a compreender o fenômeno turístico e seu desenvolvimento nas populações tradicionais.

Mesmo sem ser a vontade do antropólogo, o turismo simplesmente aparece no contexto que está sendo estudado – assim como foi no meu caso –, não sendo possível mais ignorar sua influência no cotidiano dos nossos interlocutores. Nos contextos mais remotos e distantes, o turismo surge como um canal que conecta qualquer espaço com o mundo globalizado, e para isso, nós antropólogos devemos estar preparados. Contudo, antes iniciar este empenho, é fundamental que nós antropólogos desconsideremos o prestígio acadêmico que aprendemos com os fundadores da nossa disciplina, e que passemos a assumir as novas situações que se apresentam na atualidade e que geram determinadas respostas nos nossos interlocutores, como o turismo por exemplo. Aqui, decidimos assumir esse desafio, porém aceitando e ressaltando as tensões que gera o turismo onde se instala.

Partimos desde a própria tensão gerada na antropologia, como tentamos detalhar no capítulo 1, problematizando as possíveis semelhanças e proximidades que existem entre a antropologia e turismo, e especificamente entre antropólogo e turista, como sujeitos estranhos interessados em conhecer novas culturas, espaços e ambientes. Posteriormente, buscamos conhecer abordagens que desde a antropologia tem dado relevância ao turismo como objeto de estudo, destacando as iniciativas propostas pela sub área de Antropologia do Turismo, e especificamente aquelas que trabalham com populações indígenas. A partir desta, identificamos que a tensão aparece novamente nos vários posicionamentos que são adotados dentro desta sub-área, que oscila entre uma perspectiva que considera a atividade turística como negativa por si mesma pelos impactos que gera nas populações tradicionais, e uma visão que contempla ao turismo como uma possibilidade de revitalização cultural e etnogênese.

Se bem nesta dissertação procuramos aproximar-nos mais a uma perspectiva que pretende afastar-se de um ‘pessimismo sentimental’, considerando às populações tradicionais como atores e não apenas como vítimas dentro da atividade turística, reconhecemos a impossibilidade de assumir esta última como totalmente benéfica para as sociedades indígenas, já que, dependendo do contexto, pode apresentar-se como uma atividade que reforça preconceitos fundamentadores de ações violentas e intolerantes contra as populações indígenas, que permitem que seus direitos fundamentais continuem sendo ignorados. No contexto aqui apresentado, embora em alguns espaços e atividades os Guarani consigam apresentar sua realidade, questionando as imagens que são reproduzidas sobre eles enquanto obtém determinados benefícios econômicos, em outros são representados por falas de outrem, que replicam uma ideia de índio estático, preguiçoso, abusivo e ‘pouco autêntico’, desconsiderando as transformações e situações que vivenciam.

Justamente, a partir da revisão bibliográfica de trabalhos da área da Antropologia do Turismo, assim como do próprio trabalho de campo na região da Tríplice Fronteira, identificamos a importância do estudo e análise dos imaginários turísticos que são criados e reproduzidos sobre determinados contextos e populações, já que funcionam como motor do turismo, como signos e significados compartilhados e identificados por todos atores que estão vinculados à atividade turística, desde turistas, intermediários, até anfitriões. Como visto no capítulo 2 e parte do capítulo 4, sobre os Guarani circulam vários imaginários turísticos correspondentes a sinais diacríticos de um índio genérico, que destacam a ideia de um guardião da natureza que não foi transformado pela civilização. A partir de propagandas que descrevem às populações Guarani desta forma, surge uma demanda por parte dos turistas e dos intermediários de encontrá-los ‘autenticamente’ índios. Diante da expectativa de encontrar nos Guarani uma ‘indianidade autêntica’, surge o *touree*, ou no caso pontual deste trabalho o guarani *touree*, que pode ser definido como a resposta que os Guarani criam para apresentar ao mundo turístico, incorporando, por um lado, as características que são demandadas através dos imaginários turísticos, e por outro, as características que eles próprios consideram relevantes apresentar. Assim, o guarani *touree* como exposição apresentada aos turistas também possui algo do Guarani e do seu cotidiano.

Neste ponto, a tensão gerada pelo turismo, identificada no primeiro momento a partir da antropologia e do antropólogo, parece expandir-se a toda a multiplicidade de atores que

participam do turismo. A tensão é evidenciada também nos turistas, que a partir dos imaginários incorporados criam uma expectativa do que encontrarão nos seus destinos, várias vezes não correspondendo com a realidade local, como foi manifestado por turistas que visitaram algumas das aldeias Guarani em Puerto Iguazú, afirmando que se sentiram decepcionados por encontrar as populações civilizadas, urbanizadas, e com sua cultura indígena perdida. Outros, pelo contrário, longe de corresponder com o imaginário do índio estático, se sentem frustrados por participar de uma atração forçada, que parece incomodar e afetar aos Guarani. De outra forma, atrações como o *Forest Experience* geram outro tipo de opiniões nos turistas, que afirmaram ter sentido uma maior proximidade com os Guarani, tendo a oportunidade de compartilhar juntos a dança e comida, assim como ter ouvido deles próprios aquilo que tinham para falar, independente se isso correspondia com suas expectativas ou não.

A tensão gerada pelo turismo também está presente nas entidades governamentais encarregadas de regularizar esta atividade, que no caso do contexto da Tríplice Fronteira afirmaram ignorar a existência de atrações turísticas que envolvem às populações Guarani, ou que não possuem apoio em normativas nacionais e internacionais que lhes permitam ter uma diretriz clara sobre a forma de supervisionar o desenvolvimento da prática turística que relaciona povos indígenas, sem passar por cima da autonomia destas populações.

Finalmente, esta tensão é detectada também nos próprios Guarani, tanto nas falas daqueles que participam do turismo como daqueles que não. Ainda que alguns reconheçam o aporte econômico gerado pelo turismo, afirmando que este oferece uma forma de sustento para suas famílias e aldeias, esta atividade é vista também como a culpável de que coisas negativas do mundo dos brancos apareçam no contexto Guarani, como drogas, doenças, prostituição, e dependência ao dinheiro dos turistas. Da mesma forma, são gerados diversos sentimentos nos Guarani que personificam o *guarani touree* nas atrações turísticas. Alguns sentem que a partir da sua apresentação diante do mundo turístico há uma possibilidade de mudar os preconceitos existentes sobre eles, dando a conhecer sua cultura e existência na Tríplice Fronteira, conforme era reiterado pelo orador e representante legal e comercial da aldeia Jasy Porã no *Forest Experience*. Outros sentiam vergonha de que parentes seus pedissem esmola aos turistas no centro de Puerto Iguazú, ou de ter que apresentar-se em eventos turísticos como um atrativo a mais, conforme manifestou o professor da escola de

Jasy Pora num dos *Forest Experience*. Por fim, há quem aceite a relação com o turismo, porém de forma controlada e minimizada, como o cacique de Jasy Porã que trabalhou muitos anos como guia turístico, e que abandonou seu trabalho por ser muito exaustivo.

Como visto, há uma constante tensão nos argumentos dos atores que participam do turismo que envolve as populações Guarani na Tríplice Fronteira, desde a antropóloga que chega a campo, os turistas que visitam as aldeias, e os Guarani que recebem ambos visitantes. Acreditamos que esta tensão não é exclusiva deste contexto, mas que acompanha toda pesquisa que, desde a antropologia, pretende estudar o turismo. Em próximos trabalhos sobre outros contextos esperamos ver se essa ambiguidade ou tensão poderá resolver-se, ou talvez encolher-se, seja a favor de uma etnotogênese bem sucedida, ou de um turismo prolongador de estereótipos coloniais.

Enquanto isso, cabe aqui aceitar que a etnografia e trabalho de campo clássico, e os sentimentos que suscita, não conseguem corresponder com as realidades que atualmente devemos enfrentar em campo, onde existem relações, apropriações e mudanças constantes, nunca restringidas a identidades perpétuas. Sobre este mesmo ponto, para o antropólogo norte americano Marshall Sahlins (1993) é fundamental que a antropologia se desfaça de aquele ‘outro’ essencializado (seja indígena, branco, ou turista por exemplo) com características culturais específicas eternas e imutáveis, para compreender os trânsitos, apropriações e reapropriações de símbolos, objetos e particularidades geradas entre diferentes. Estas observações contribuem a instaurar outro modo de olhar para o indígena, desta vez como um sujeito dotado de agência e protagonismo na história, existindo assim diversos caminhos pelos quais interpretam e respondem ao sistema capitalista, ou, no caso particular deste trabalho, ao turismo como novo signo do exterior (como foram também os objetos, mitos, nomes, entre outros). O papel do antropólogo seria, justamente, não subestimar o poder que as populações indígenas têm diante do sistema mundial, onde não é suficiente denunciar a perpetuação das relações desiguais de poder, e sim ser testemunha das diversas formas nas quais a cultura aparece, onde os tradicionais ‘objetos’ de estudo da antropologia tornam-se sujeitos de ação. Assim, o desafio que tem a antropologia ao incluir o turismo como seu objeto de estudo é justamente descobrir as variadas reelaborações e novas configurações da cultura que surgem a partir do contato com o mercado mundial, repercutindo inclusive nas bases teóricas e metodológicas desta ciência.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. **A guerra ao terror e a tríplice fronteira na agenda de segurança dos Estados Unidos**. 2008. 281 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- ALBERT, B. Introdução. IN: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita. **Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico**. São Paulo: UNESP, 2002, p. 9-24.
- ARECES, N. De la independencia a la Guerra de la Triple Alianza (1811-1870). In: TELESKA, Ignacio (Coord.). **Historia del Paraguay**. Asunción: Santillana S.A, 2010. p. 149-198.
- ARRUDA, R. Fronteiras e identidades: os povos indígenas na tríplice fronteira Brasil-Bolívia-Peru. **Projeto História**, n.30, p. 159-178, 2009.
- BAÑAY, A. Educación Intercultural Bilingüe, el desafío en una comunidad Mbya-Guaraní. **Revista Electrónica La Rivada**, v.3, n.4, p. 40-55, 2015.
- BARAÑANO, A.; GARCÍA, J.; CATEDRA, M.; DEVILLARD, M. **Diccionario de relaciones interculturales**. Diversidad y globalización 2007, Madrid: Editorial Computense S.A, 2007.
- BARRETTO, M. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, ano 9., n. 20, p. 15-29, 2003.
- _____. Relações entre Visitantes e Visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. **Turismo em Análise**, v. 15, n. 2, p. 133-149, 2004.
- _____. **Turismo y Cultura: Relaciones, contradicciones y expectativas**. Tenerife: ACA y PASOS & RTPC. 2007. 176 p.
- BARTH, F. **Los grupos étnicos y sus fronteras**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1965.
- BESSERER, F. Identidade nacional, identificação e corpo. IN: SALLUM JR, B.; SCHWARCZ, L.; VIDAL, D. & CATANI, A. (Orgs.). **Identities**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 101-124, 2016.
- BOFFELLI, C. **“Las voces de los niños llegan incluso hasta el corazón del político más corrupto”**. 2017. 154 f. Tesis (Licenciatura en Antropología) - Departamento de Ciencias Antropológicas, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.
- BRIGHENTI, C. **Estrangeiros na própria terra: Presença Guarani e Estados Nacionais**. Florianópolis - Chapeco: EdUFSC - ARGOS. 2010.
- BURNS, P. **Turismo e antropologia: uma introdução**. São Paulo: Chronos, 2002.
- CABEZA DE VACA, A. N. **Naufrágios e comentários**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002 [1555].

CALAVIA SÁEZ, Oscar. O lugar e o tempo do objeto etnográfico. **Etnográfica**, vol. 15, n. 3, p. 589 - 602, 2011.

CANTORE, A & BOFELLI, C. Etnicidad mbyá em Puerto Iguazú: Explotación turística de/en comunidades indígenas en la triple frontera (Misiones, Argentina). **Runa**, n. 38, ano 2, p. 53-69, 2017.

CARVALHO, M. L. B. de. **Das terras dos índios a índios sem terras. O Estado e os Guaraní do Oco'y: violência, silêncio e luta**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CHMYZ, I; MIGUEL, R. **Relatório técnico sobre a arqueologia e a etno-história da área do Parque Nacional do Iguaçu**. Curitiba: Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR, 1999.

COMAROFF, J. & J. **Etnicidad S. A.** Buenos Aires, Madrid: Katz Editores, 2011.

CORBARI, S. **O turismo envolvendo comunidades indígenas em teses e dissertações: Retratos das relações e dos impactos socioculturais**. 2015. 183f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Programa de Pós-graduação em Turismo, Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

COUTO, M. **Coleção de plantas medicinais aromáticas e condimentares**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2006.

CUNHA, M. Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CURY, M. **Territorialidades Transfronteiriças Do Iguaçu (TTI): Interconexões, Interdependências e Interpenetrações nas Cidades da Tríplice Fronteira - Foz Do Iguaçu (BR)**. 2010. 234 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós- Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

DALONSO, Y. Authenticity in Tourism. LOHMANN, G; NETTO, A. **Tourism Theory: Concepts, Models and Systems**. CABI & FAPESP, 2017. p. 40-42

DECASPER, S. y Servalli, N. Imaginarios turísticos: Argentina para el turista brasileño. **Turismo y Sociedad**, XVIII, p. 43-60, 2016.

ERICKSON, P.; MURPHY, L. **História da Teoria Antropológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

FRAZER, J. O escopo da Antropologia Social. In: CASTRO, Celso (org.) **Evolucionismo cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p.101- 127.

FRESNO, Miguel. **Netnografía: investigación, análisis e intervención social online**. España: Editorial UOC, 2011.

FORTUNATO, R.; SIQUEIRA, L.. Os significados do turismo comunitário indígena sob a perspectiva do desenvolvimento local: O caso da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé (AM). **Cultur - Revista de Cultura e Turismo**, n.2, p. 85-100, 2011.

GONZALEZ, L. **Interculturalidad en la práctica educativa de la Escuela Intercultural Bilingüe Guaraní Jasy Porã**. Puerto Iguazú, Misiones, Argentina. 2015. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropología e Diversidade Cultural Latino-Americana) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu.

GORDON, C. **Economia Selvagem: ritual e mercadoria entre os índios Xikrin-Mêbengôkre**. São Paulo: Editora UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2006.

GRIMSON, A. **Interculturalidad y comunicación**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2000.

GRÜNBERG, G. (Org.). **Guarani Retã 2008: Povos Guaraní na Fronteira Argentina, Brasil e Paraguai**. Argentina: UNaM e ENDEPA; Brasil: CTI, CIMI, ISA e UFGD; Paraguai: CONAPI, SAI, GAT, SPSAJ, CAPI, 2008.

GRÜNEWALD, R. Turismo e etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, n.20, p. 141-159, 2003.

_____. **Os ‘Índios do Descobrimento’**: tradição e turismo. 1999. 353 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós- Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GUANAES, S. O estado nacional e as políticas desenvolvimentistas: “o cerco articulado” contra os Guaraní na Tríplice Fronteira Sul. **Tessituras**, v.3, n. 1. p. 307-336, 2015.

HERNANDEZ, J.. Producción de singularidades y mercado global. El estudio antropológico del turismo. **Boletín Antropológico**, v. 24, n. 66, p. 21-50, 2006.

HERNANDEZ-RAMIREZ, J.; PEREIRO, X.; PINTO, R. Panorama de la Antropología del Turismo desde el Sur. **Pasos**, v.13, n. 2, p. 277-281, 2015.

HIERNAUX, D. Turismo e imaginarios. IN: HIERNAUX, D.; CORDERO, A.; VAN DUYNEN, L. **Imaginarios sociales y turismo sostenible**. San José: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), 2002. p. 7-36.

KLEINSCHMITT, S.; AZEVEDO, P.; CARDIN, E. A tríplice fronteira internacional entre Brasil, Paraguai e Argentina: Contexto histórico, econômico e social de um espaço conhecido pela violência e pelas práticas ilegais. **Revista Perspectiva Geográfica**, v.8, n.9, p. 1-22, 2013.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003 [1987].

LATOUR, B. **Reagregando o social**: Uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012. 400p

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. Buenos Aires: Ediciones Paidós Ibérica S.A. 1988 [1955].

_____.; ERIBON, D. **De perto e de longe**: Relatos e reflexões do mais importante antropólogo de nosso século. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 [1988].

_____. II. Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem. In: _____. **Antropologia estrutural dois**. São Paulo: Cosac Naify, 2013 [1973]. p. 45-55.

LIMA, P. **Foz do Iguaçu e sua história**. Foz do Iguaçu: Serzegraf, 2001.

LIMA, F. de. **Desenvolvimento regional na fronteira Foz do Iguaçu/BR – Ciudad del Este/PY**. 2011. 165 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

LUSTOSA, I. **Os povos indígenas, o turismo e o território**: um olhar sobre os Tremembé e os Jenipapo-Kanindé do Ceará. 2012. 281 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

MALINOWSKI, B. **Argonautas del pacifico occidental**. Barcelona: Editorial Planeta-De Agostini, S.A, 1986.

MARCUS, G. Etnografia en/del sistema mundo: El surgimiento de la etnografia multilocal. **Alteridades**, n. 11, v. 22. p. 111-127, 2011.

MELIÀ, B. (Ed.). **Mapa Guaraní Continental 2016**. Argentina: ENDEPA e UNSA; Bolivia: APG, CIPCA, CERDET y ILC; Brasil: ATY GUASU, YVY RUPA, CIMI, CTI, ISA, FAIND, UNILA y FUNAI; Paraguai: CONAPI; Continental: CCNAGUA, 2016

MIGNOLO, W. Desafios Decoloniais Hoje. **Epistemologias do Sul**, v, 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

MONTENEGRO, S.; GIMÉNEZ, V. **La Triple Frontera: Globalización y construcción social del espacio**. 2. ed. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2010

NASH, D. Tourism as an anthropological subject. **Current Anthropology**, v. 22, n. 5, p. 461-481, 1981.

_____. Tourism as a Form of Imperialism. IN: SMITH, V. (Ed.). **Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism**. 2 ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989. p. 37-52.

NEVES, S. **A apropriação indígena do turismo**: os Pataxó de Coroa Vermelha e a expressão da tradição. 2012. 213 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

NUÑEZ, T. Tourism, tradition, and acculturation: Weekendismo in a Mexican village. **Ethnology**, n.2, p. 347-352, 1963.

OEHMICHEN, C. Una mirada antropológica al fenómeno del turismo. IN: OEHMICHEN, C. (Ed.). **Enfoques antropológicos sobre el turismo contemporáneo**. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Antropológicas UNAM, 2013. p. 35-72.

OLIVEIRA, C. A **milícia indígena Guaraní nos relatos de Antonio Ruiz de Montoya (1601-1649)**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso em História. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História ILAACH. Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. Foz do Iguaçu.

ORTIZ, W. Capitalismo turístico: Conflictividades y tensiones de los pueblos originarios latinoamericanos en el contexto de la globalización. **Anuario Turismo y Sociedad**, v. 13, p. 117-130, 2012.

OSORIO, R; RAMPELLO, P; GONZÁLEZ, I. Impactos socio-territoriales: Puerto Iguazú y Reserva Iriapú, 600 hectáreas. Misiones, Argentina. **El Periplo Sustentable**, n. 33, jul-dic, 2017, p. 363-393.

PADAWER, A. Identidad indígena transnacional, reivindicaciones territoriales y demandas educativas de los mbyà guaraní en Misiones. In: TRINCHERO, H.; CAMPOS, L. & VALVERDE, S. (coord.). **Pueblos indígenas, Estados nacionales y fronteras: tensiones y paradojas de los procesos de transición contemporáneos en América Latina Tomo II**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de filosofía y Letras, 2014, p. 195-218.

PEREIRO-PÉREZ, X. Reflexión antropológica sobre el turismo indígena. **Desacatos**, n. 47, p. 18-35, 2015.

PERUSSET, M. Dinámicas socio-culturales entre los grupos guaraníes frente a la violencia del régimen de encomienda Paraguay (siglos XVI-XVII). **Revista Eletrônica da Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas - ANPHLAC**. Dossiê Cultura e autoritarismo nas Américas, n. 10, jan-jun, p. 1-28, 2011,

PILCOMAYO, R. **Los Maká**. Asunción: Suplemento antropológico – Universidad Católica de Asunción, 2005.

PIMENTA, J. **Povos indígenas, fronteiras amazônicas e soberania nacional. Algumas reflexões a partir dos Ashaninka do Acre**. Comunicação apresentada na Mesa Redonda: Grupos Indígenas na Amazônia. Manaus: SNPC, 2009.

PISSOLATO, E. Trabalho, subsistência e dinheiro: Modos criativos na economia Mbyá (Guaraní) contemporânea. **Horizontes Antropológicos**, ano 22, n. 45, p. 105-125, 2016.

RABOSSI, F. **Nas ruas de Ciudad del Este**: vidas e vendas num mercado de fronteira. 2004. 334 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. **Como pensamos a Tríplice Fronteira?** In: MACAGNO, L.; MONTENEGRO, S.; GIMÉNEZ, V. (Orgs.). **A Tríplice Fronteira**: espaços nacionais e dinâmicas locais. Curitiba: Editora UFPR, p. 39-62, 2011.

RESTREPO, E. **Etnografía**. Alcances, técnicas y éticas. 1 ed. Lima: Fondo Editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2018.

SAHLINS, M. Goodbye to Tristes Tropes: Ethnography in the context of modern world history. **The Journal of Modern History**, v. 65, n. 1, p. 1-2, 1993.

_____. O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I e II). Rio de Janeiro: **Mana**, v.3, n.1 e 2, p. 41-73 e p. 103-150, 1997.

SANTANA, A. **Antropologia do Turismo: Analogias, encontros e relações**. São Paulo, Brasil: Aleph, 2009.

SCHIMMELPFENG, O. **Retrospectos iguaçuense**: Narrativas históricas de Foz do Iguaçu. Foz do Iguaçu: Tezza Editoras, 1991.

SILVA, E. M. da. **Folhas ao vento**: a micromobilidade de grupos Mbya e Nhandéva (Guarani) na Tríplice Fronteira. Cascavel: EDUNIOESTE, 2010.

_____. A terra é o nosso caminho. Espaço e Território entre os Guarani na Tríplice Fronteira. In: MACAGNO, L.; MONTENEGRO, S. & GIMÉNEZ, V.(Orgs.). **A Tríplice Fronteira: Espaços Nacionais e Dinâmicas Locais**. Curitiba: Editora UFPR, 2011, p. 261-280.

SILVA, M. Carreira da. Introdução. Por uma antropologia dos lugares turísticos. IN: _____ (Coord.). **Outros Trópicos - Novos destinos turísticos, novos terrenos da Antropologia**. Lisboa: Livros Horizonte. 2004. p. 7-18.

SILVA, R. da. O turismo desenvolvido em territórios indígenas sob o ponto de vista antropológico. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 7, n. 3. p. 17-25, 2007.

STRATHERN, M. Cap 9. A relação: acerca da complexidade e da escala y Cap 10. Cortando a rede. IN: _____. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 263-320.

TYLOR, Edward. 1871. A ciência da cultura. CASTRO, Celso (org.) **Evolucionismo cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 65-99.

TURNER, V. **O Processo Ritual**: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

URRY, J. **The tourist Gaze**. Londres, Inglaterra, Califórnia, EUA, Nova Deli e Índia: SAGE Publications. 2002.

VAN DEN BERGHE, P. Tourism as ethnic relations: a case study of Cuzco, Peru. **Ethnic and Racial Studies**, v. 3, n. 4, p. 375-392, 1980.

VAN GENNEP, A. **Os Ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011[1909].

ZUÑIGA, F. Los nuevos usos de la cultura y el patrimonio cultural en el contexto turístico de México. El caso del Totonacapan veracruzano. IN: OEHMICHEN, C. (Ed.). **Enfoques antropológicos sobre el turismo contemporáneo**. Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Antropológicas UNAM, 2013. p. 193-242.

CONSTRUIRÁN 24 HOTELES EM PLENA SELVA. Puerto Iguazú: La Nación, sep. 2006. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/843271-construiran-24-hoteles-en-plena-selva>

A VERDADEIRA AUTORIA DO PEABIRU. Curitiba: Gazeta do povo, set. 2008. Disponível aqui: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/a-verdadeira-autoria-do-peabiru-b6q3y3imm2mat613zvve3g0um>

CATARATAS DO IGUAÇU ESTÃO ENTRE AS SETE NOVAS MARAVILHAS DA NATUREZA. G1 PR, fev. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/02/cataratas-do-iguacu-estao-entre-sete-novas-maravilhas-da-natureza.html>

GOROSITO KRAMER: “MISIONES TIENE UNA LARGA LISTA DE EXPLICACIONES QUE DAR POR ESTA SERIE DE HECHOS QUE VAN CONTRA EL HÁBITAT DE LAS COMUNIDADES ORIGINARIAS”. Blog Informehampa, set. 2012.

INDÍGENAS EN CDE: DROGA Y PROSTITUCIÓN. Asunción: Abc color, abr. 2013. Disponível em: <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/interior/indigenas-en-cde-droga-y-prostitucion-558510.html>

SÉRGIO COPETTI, A VOZ POR TRÁS DA MÚSICA QUE JÁ CONQUISTOU FOZ DO IGUAÇU. Foz do Iguaçu: Revista 100 Fronteiras, jul., 2014. Disponível aqui: <http://100fronteiras.com/materia/sergio-copetti>

O ROLE DOS FAVELADOS E A HISTÓRIA DA PROVIDÊNCIA. Agência de Notícias das Favelas, jan. 2017. Disponível em: <http://www.anf.org.br/o-role-dos-favelados-e-a-historia-da-providencia/>

FONTES AUDIOVISUAIS

VÍDEO INSTITUCIONAL – FOZ DO IGUAÇU DESTINO DO MUNDO – PORT. Direção: Werner Figueiredo. Foz do Iguaçu: Vision Art e TMC Produção Eletrônica. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VPo3fBaJJU&t=428s>

FOZ DO IGUAÇU DESTINO DO MUNDO 2016 - PORT. Roteiro: Gilmas Piolla. Foz do Iguaçu: Vision Art, 2016. 6 min, son., color., resolução 4k. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=5Q85a8NEyac

ENTREVISTA FEITA A SANTIAGO MARTINEZ, INTÉRPRETE DA CULTURA GUARANI NO EMPREENDIMENTO YRYAPU TURISMO GUARANI. Transvolution rádio, 2017, 3 min. Disponível em: <https://soundcloud.com/travolution-radio/entrevista-santiago-martinez-yryapu>

THE LAND WITHOUT EVIL. Puerto Iguazú: Awasi Puerto Iguazú. 2018. Disponível em: <https://vimeo.com/album/4915412/video/254848246>

SITES E DOCUMENTOS OFICIAIS

DIRECCIÓN GENERAL DE ESTADÍSTICA, ENCUESTAS Y CENSOS. Paraguay: Proyección de la Población por Sexo y Edad, según Distrito 2000-2025 (Revisión 2015).

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS. Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas 2010. Disponible em:
https://www.indec.gob.ar/censos_provinciales.asp?id_tema_1=2&id_tema_2=41&id_tema_3=135&p=54&d=063&t=0&s=0&c=2010

MUNICIPALIDAD DE PUERTO IGUAZÚ. Reseña histórica. Disponible em:
<http://iguazu.gob.ar/resena-historica/>

UNWTO (World Tourism Organization). Tourism and the Sustainable Development Goals: Good Practices in the Americas. Madrid, 2018. Disponible aquí: <https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419685>

OMG, Organización Mundial del Turismo OMT. Organismo especializado de las Naciones Unidas. ¿Por qué el turismo? <http://www2.unwto.org/es/content/por-que-el-turismo>

PREFEITURA DE FOZ DO IGUAÇU. A Cidade. Disponible em:
<http://www.pmfi.pr.gov.br/conteudo/?idMenu=1004>

PREFEITURA DE FOZ DO IGUAÇU. Hino de Foz do Iguaçu. Disponible em:
<http://www.pmfi.pr.gov.br/conteudo/%3Bjsessionid%3D04ff69024a755a5a0a3f322f1ed2?idMenu=1180>

PREFEITURA DE FOZ DO IGUAÇU. Lenda das Cataratas. Disponible em:
<http://www.pmfi.pr.gov.br/turismo/%3Bjsessionid%3D35b8efe4da8260cc51119590b405?idMenu=1697>

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE FOZ DO IGUAÇU. Inventário Técnico de Estatísticas Turísticas 2017. Foz do Iguaçu, Janeiro 2017.

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE FOZ DO IGUAÇU. Tabela de Atrativos Turísticos e Entretenimentos Brasil. Foz do Iguaçu, Fevereiro 2018.

NORMATIVA

ARGENTINA. Constitución de la Nación Argentina de 1994. Disponible aquí:
<http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/0-4999/804/norma.htm>

SENADO Y CÁMARA DE DIPUTADOS DE LA NACION ARGENTINA. Lei 23.302 de 1985, sobre Política Indígena y apoyo a las Comunidades Aborígenes. Disponible para consulta em: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/20000-24999/23790/norma.htm>

SUBSECRETARÍA DE TURISMO DE LA PROVINCIA DE MISIONES (ARGENTINA). LEY XXIII – N° 10 (Antes Ley 3736) de 14 de Dezembro de 2000. Disponible para consulta em: <http://digestomisiones.gob.ar/uploads/documentos/leyes/LEY%20XXIII%20-%20N%2010.pdf>

INSTITUTO NACIONAL DE ASUNTOS INDÍGENAS – INAI (ARGENTINA). Decreto 410 de 2006. Disponível em: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/115000-119999/115501/norma.htm>

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI (BRASIL). Instrução normativa no. 03/2015, de 11 de Junho de 2015. Disponível para consulta em: <http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cgetno/pdf/IN%2003.2015.pdf>

OUTROS

CONSEJO CONTINENTAL DE LA NACIÓN GUARANI – CCNAGUA. Manifiesto. Julho de 2014. Disponível aqui: <http://www.cimi.org.br/File/DOC%20CCNAGUA%20-%20Eldorado%20AR.pdf>

MISIONES: FRENTE AL AVANCE HOTELERO COMUNIDADES MBYA GUARANÍ RECUPERAN TERRITORIOS. Grupo de Apoyo Jurídico por el Acceso a la Tierra – GAJAT, jun. 2015. Disponível em: <http://www.gajat.org.ar/2015/06/misiones-frente-al-avance-hotelero-comunidades-mbya-guarani-recuperan-territorios/>